Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS

DOMINGO, 21 DE NOVEMBRO DE 1971 - N.º 17571 - ANO 51.º - PREÇO 1$50

EDIÇÃO DE DOMINGO

A VOLTA DO FILHO PRÓDIGO

Cedido ao Vitória de Setúbal como um jogador de quem o Benfica já pouco mais poderia esperar, José Torres volta hoje a pisar o Estádio da Luz, não ao serviço dos campeões nacionais, mas da equipa de todos nós. Quem o supunha definitivamente imprestável, verá hoje que o «bom gigante» está aí para lavar e durar. Torres vai a campo com a decisão firme de ajudar Portugal a vencer pela tal diferença (indispensável) de duas bolas. Seria, para ele, uma dulpra alegria: a volta à selecção e uma grande e histórica vitória, que recolocaria o futebol português na linha dos grandes feitos cometidos pelos «Magriços» em 1966.

(Página 20).

HOJE 32 PAGINAS
VISADO PELA CENSURA

Pequim diz não à guerra na Ásia

No momento em que tem lugar nas Nações Unidas, a China de Mao Tsé-Tung quer apresentar-se como o grande árbitro da paz na Asia. Para começo de conversa, já refreou os ímpetos bélicos do Paquistão: não quer, em hipótese alguma, uma guerra de grandes proporções no seu continente. Conselho de Chou En-lai à Índia e ao Paquistão: retirada imediata dos grandes efectivos militares concentrados na fronteira entre os dois países.

(Na última página).

LÉGER, operário em construção

Domingo é dia de Suplemento Literário no DL. E, como sempre, o sumário reúne excelentes temas. Um deles: «Fernand Léger, o operário em construção». Outro: Júlio Moreira põe os pontos nos ii a João Gaspar Simões. Rocha de Sousa pergunta se a Sociedade Nacional de Belas Artes está a perder prestígio. O inquérito sobre a crítica literária terminou: a hora é de balanço. Uma nova secção: «Aplausos e Assobios». E a grande resenha informativa e opinativa que o leitor não dispensa: «Prontuário das Letras».

O manequim inglês Eric Rostron desfaz rumores malévolos: «Eu vivo como um autêntico James Bond»

Ele quer ser 007

Eric Rostron é manequim de roupas para homem. Ora, mesmo em Londres, esta profissão ainda é motivo de um certo tipo de suspeições. Vai daí, Rostron não quer deixar nenhuma dúvida sobre a sua masculinidade e anuncia que vive como James Bond: tem um espectacular carro «sport, fuma cigarros russos com filtro dourado, possui discoteca completa da música de fundo dos filmes de 007 e anda sempre com três raparigas de cada vez. Só o que lhe falta é suceder a Sean Connery no cinema. E lembra: «Há ainda cinco ou seis livros de Fleming que não foram filmados».

Expressões sérias na concentração: os belgas são difíceis

O mundo à beira da catástrofe

Seremos oito bilhões no ano dois mil. Poderá a Terra alimentar tantas bocas? A resposta é não. Já se prevêem guerras de famintos no Terceiro Mundo em busca de espaço vital e da subsistência em terras virgens de cultivo. Mas a grande ameaça não é só essa: o mundo corre o risco de voltar à Era das Trevas ou à Era do Gelo. Quem o diz são ecologistas de reputação mundial cujas advertências convém começar a levar em conta.

(Páginas centrais).

A

VOLTA A PICAR
nas págs. 7 a 10

O Governador do Banco de Portugal, prof. Pinto Barbosa, no momento em que pronunciava o seu discurso em que entre coisas disse: **Num mundo em mutação, apenas poderão ter algum lugar responsável os tècnicamente mais apetrechados e que souberem prevêr e preparar a sua actividade funcional nesse contexto dinâmico.**

BANCO DE PORTUGAL: 125 ANOS EM PROL DO DESENVOLVIMENTO

Atingiu elevado significado e revestiu-se da maior solenidade a cerimónia comemorativa do 125.º aniversário do Banco de Portugal a que assistiram membros do Governo e do corpo diplomático e altas individualidades representativas de estabelecimentos bancários nacionais e estrangeiros.

A sessão solene, que decorreu no salão nobre daquela instituição bancária, foi preenchida com declarações de alto valor, relacionadas com a actividade desenvolvida pelo nosso Banco Central ao longo destes 125 anos e com o enquadramento em que se processa o desenvolvimento económico do país.

Começou por usar da palavra o prof. Pinto Barbosa, governador do Banco emissor, de cujo discurso transcrevemos as principais passagens:

— «O grau de desenvolvimento da economia portuguesa não é fácilmente identificável, pois situa-se numa posição intermédia que sem corresponder a uma situação de nítido subdesenvolvimento, também não atingiu ainda, por outro lado, um nível semelhante ao de outros países mais avançados da Europa Ocidental. A falta de uma teorização especificamente adaptada a casos como o da economia portuguesa, poderemos designá-la como uma economia «semidesenvolvida». Para aferir o comportamento do Banco de Portugal convirá, ainda, relembrar a interpretação da evolução da economia portuguesa nas últimas décadas, no sentido da passagem do acento tónico da orientação da política económica de uma estabilização originada e concretizada em condições especiais, dadas as circunstâncias do País, para uma preocupação progressivamente mais ligada à modernização das estruturas económicas.

«Nesta perspectiva mais ampla de integração na economia portuguesa, no seu presente estado de desenvolvimento, pareceria poder concluir-se, num esforço de objectividade, que o Banco de Portugal cumpriu a sua missão, nomeadamente no que respeita à salvaguarda do equilíbrio monetário, que é condição prévia e fundamental para o desenvolvimento do País. Mas este já está a exigir e mais ainda exigirá de futuro, no tocante à Instituição Central, não só que ela assegure a continuidade da missão, como também promova uma acção inovadora, através da fixação de objectivos, escolha de métodos e utilização de instrumentos».

«Se não é possível dar aqui garantia formal quanto à satisfação completa dessas exigências, alguma tranquilidade poder-se-á no entanto, oferecer ao recordar a capacidade do Banco, demonstrada nas respostas eficazes aos problemas graves e delicados que se lhe têm deparado, respostas essas de que hoje estamos a colher os frutos. Portanto, não surpreenderá o afirmar, neste momento que as preocupações dominantes dos que servindo esta casa servem o País vão para o aperfeiçoamento da orgânica dos meios (materiais e humanos) e dos processos de trabalho do Banco. E que o esforço a dispender por ele — sabemo-lo bem — irá inserir-se num mundo em mutação, no qual apenas poderão ter algum lugar responsável os técnicamente mais apetrechados e que souberem prevêr e preparar a sua actividade funcional nesse contexto dinâmico».

A INFLAÇÃO

Falou seguidamente o dr. Manuel Espírito Santo Silva, em representação da Banca portuguesa, que a determinada altura do seu discurso afirmou:

«Na defesa da estabilidade externa e interna do escudo, e no combate à inflação, tem sido tenaz e sem tréguas a luta do nosso Banco Central, e esta é tanto mais necessária e útil quanto é certo que contríbui também para travar e moderar as causas que podem provocar a instabilidade e acelerar o processo inflacionista. Por outro lado, e no campo interno, o Banco de Portugal soube introduzir, na devida oportunidade, novos conceitos de selectividade de crédito, e tão acertados se revelaram que subsistiram perante a mudança da conjuntura e perduraram como critérios normativos na política da Banca Comercial. E destacarei ainda a sólida actividade do Banco de Portugal no plano cambial: só assim foi possível ao Escudo atravessar sem abalos as crises monetárias de que o Mundo sofre; e só assim o prestígio da nossa moeda pôde manter-se, abrigando-se ao mesmo tempo dos grandes fluxos especulativos que tantas vezes têm desvirtuado as realidades económicas».

Os presentes ouviram ainda o ministro das Finanças e da Economia, dr. Dias Rosas, fazer um breve historial do nosso Banco Central, após o que concluiu:

«No empenhamento em que o Governo está de intensificar o esforço de desenvolvimento económico-social do País - o que, além do mais, implicará providências de vária ordem no domínio do sistema monetário-financeiro nacional - será o Banco de Portugal chamado, por certo, a dar a sua colaboração. Aliás, a melhoria das condições orgânicas e funcionais do mercado financeiro, que se espera alcançar em próximo futuro, terá, muito naturalmente, repercussões sensíveis nos mercados do dinheiro a curto prazo; por outro lado, e como o governador do Banco acaba de acentuar, as perspectivas de reorganização do sistema monetário internacional revestem-se de particular importância. E os esquemas novos que vieram a adoptar-se tanto naquele domínio como na ordem intencional exigirão, muito possívelmente, ajustamentos vários nas atribuições, e modos de actuação do Banco.»

Em ÁGUEDA o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se na Agência Oliveira Salazar, 54.

Apresento-lhes o calorífero a gás **SUPER-SER...**
Fossivelmente já conhecem as suas muitas qualidades. Porém, desejo salientar a sua rápida e perfeita distribuição de calor, a sua considerável economia de gás (graças às suas 3 intensidades de calor: mínimo, médio, máximo), a sua linda apresentação, que se enquadra com qualquer tipo de mobiliário e a sua facilidade de deslocação devido aos seus rodízios giratórios em qualquer sentido. Acreditem, amigos, e... antes que o frio aperte, adquiram um calorífero **SUPER-SER.**

Distribuidores Exclusivos:
Soc. de Rep. **SIDA-SUECA, LDA.**
Rua de S. Nicolau, 44, Tel. 369331 - Lisboa

FABRE LINE

Para:

ST. JOHN — MONTREAL E TORONTO

«META REITH» em 3 de Dezembro

«HELEVE ROTH» em 12 de Dezembro

Recepção permanente em contentores

OS AGENTES GERAIS:

SOCIEDADE COMERCIAL
OREY, ANTUNES & CIA LDA.
PRAÇA DUQUE DA TERCEIRA, Nº 4 — TEL. 366056 362266
LISBOA 2 — PORTUGAL

AGENTES NO PORTO:
SOCIEDADE COMERCIAL OREY, & BARROS LEITE, LDA.

VASCO MORGADO COLABORA CONVOSCO
10% de redução DE PREÇOS SOBRE A TABELA

TEATRO • tel 327493
«CAPITOLIO»

la MAMMA
QUERIDA MAMA
Famosa comédia de ANDRÉ ROUSSIN com CARLOS DUARTE
LAURA ALVES
ALDA PINTO, ANTÓNIO MACHADO, LUIS ALBERTO, ANTÓNIO RAMA, ANA LE MATTRE, CLAUDIA MARTINS, e OCTÁVIO BORGES
Todas as noites. 21.45 h.
Domingos, e feriados 16 e 2.as-feiras repouso da C.ª
11.º MÊS
maiores 17 anos

TEATRO • tel 538586
«VILLARET»

O aniversário da tartaruga
de Carinei e Giovaninni
com FLORINDA QUEIRÓS e PAN DE CARVALHO

UM GRANDE BALLET INGLES dirigido por ANTONIO BARDIS
Todas as noites
2-SESSÕES-2
20.45 e 23 h.
Domingos e Feriados
à tarde, às 16 h.
à noite, às 21.45 h.
GRUPO C (M/ 14 anos)

TEATRO • tel 326037
«VARIEDADES»

HENRIQUE SANTANA
MARIA DULCE
PAULO RENATO
EMPRESTA-ME O TEU APARTAMENTO
de Ray Cooney e John Chapman
A COMÉDIA «SUCESSO» DE GARGALHADA
3.as 4.as e 5.as Feiras às 21,45 H.
6.as e sábados
2 sessões 20,45 e 23 h.
Descanso da C.ª 4.as-feiras
9.ª SEMANA

Brevemente no MONUMENTAL de EDWARD ALBEE
QUEM TEM MEDO DE VIRGÍNIA WOOLF?
Grupo D 18 anos

BOM APETITE

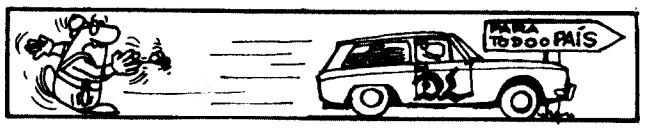
a furna
almoços jantares e ceias até às 3 da madrugada
fechado aos domingos
r. ferreira lapa, 38 D (à duque de loulé) tel. 53 44 66 - 56 19 49

Estalagem "A GRUTA DO RIO"

RIO DE MOURO
Telef. 2960535
(Auto-Estrada para Sintra)
ESPECIALIDADES DIARIAS
BACALHAU À LAGAREIRA
E
CABRITO NO CHURRASCO
SALÃO PRÓPRIO PARA BANQUETES

RESTAURANTE
QUINTA DE S. VICENTE
Telheiras de Cima, 144
Telef 790211
JANTARES DANÇANTES
AOS SÁBADOS E DOMINGOS
c/ conjunto privativo
AMBIENTE DISTINTAMENTE FAMILIAR
Premiado pelo S. N. I.
(Maiores de15 anos)

SANZALA
NOVA ORIENTAÇÃO
tel. 790177



A CRÓNICA DE DOMINGO

Madame faz de detective

Por

FERNANDO ASSIS PACHECO

No nono andar de um destes prédios com que Lisboa fiscaliza ùltimamente os ventres-ao-sol vive Madame Huegi, alentada cidadã suiça dos seus setenta e pico, boa jogadora de canasta e outras sotas finas. No quinto piso do mesmo edifício funciona um escritório de uma firma de «import-export» destinado à relevante papel na crónica do escriba.

Madame Huegi, afora o vício das cartas, pouco se interessa pelo mundo vivente. Vá lá, bebe o seu cálice de conhaque, brandy, aguardente de frutos, whisky irlandês. Com isto, e com a amena temperatura de Lisboa, está para durar entre nós.

O marido de Madame Huegi, consul de carreira, teve aqui o seu último posto e aqui foi trespassado há anos por um enfarte de miocárdio nutrido a suculentas doses de carne de porco com ameijoas. Deixou uns francos amealhados, os quais serviram para transformar a viuvez de Madame num alegre trânsito. Ah, basta-lhe sair de casa, pôr a patinha r o l i ç a no empedrado para amornar como convém o sangue helvético, respirar a tepidez do clima e dos costumes. Se não fosse Marria...

Marria é uma forte encomenda das Beiras que faz para Madame tudo o que deve uma empregada doméstica fazer. Cozinha, lava a roupa, atende à porta, pega no telefone, espaneja as porcelanas. Seria a felicidade se não fosse Marria a personagem central desta crónica.

Madame Huegi anda assustada. Assustada com Marria. A moça está em flor, vinte, vinte e dois anos, e para mais tem um aflito olhar de viés preparado para tudo quanto é macho nas redondezas. O próprio marido da porteira não se livra da torpe suspeita. Marria, Marria, como esganas o fim de vida suave de Madame: indesculpável, ó das Beiras.

Madame Huegi acredita nas virtudes da micro-espionagem. Com boas palavras abordou o marido da porteira e disse-lhe:

«O senhorr podia verr se Marria...»

«Claro, Madame, claro», aceitou o homem, «o que a madame quiser.»

Afiançou-lhe que daí por diante vigiaria Marria e cada um dos seus passos. Conversinhas, desabafos, telefonemas a desoras. No melhor pano cai a nódoa.

«No melhor pano, Madame».

Madame não percebeu mas fez que sim. Sobretudo ficou descansada: um passarão como o marido da porteira não deixará Marria sair da linha. Ah, Lisboa, Lisboa, tu e as tuas gentes tão amáveis!

gentes tão amáveis!

Ora sucedeu que uma bela manhã Madame Huegi, em fúria, caçou o marido da porteira no «hall» e desfechou-lhe esta:

«O senhorr já sabe? Marria mete homens em casa. Chez moi!».

Já desconfiava, oh se desconfiava. Mas mesmo que assim Marria merecia um certo crédito. Simplesmente, cheirar a tabaco na casa de Madame quer dizer uma única e terrível verdade: Marria mete homens (pelo menos um homem) de portas adentro, já que não fuma, nem Madame, e portanto...

«Cherchez l'homme», grita Madame com júbilo de um detective suíço.

O marido da porteira não percebeu o francês de Madame mas tirou pelo cheiro. Tabaco, Marria, homem na casa. Riu-se então muito.

«Madame».

«Quoi?»

«Madame, o cheiro a cigarro...»

«Sim, o tabaco, xá perrcebi.»

«É do quinto andar, Madame. Da companhia das importações!»

«Ah!», fez Madame, batida. «Poich clarro, poich clarro, do quinto andarr...»

E pronto, Marria absolvida, Lisboa outra vez cheia de sol, a canasta do Restelo salva definitivamente. Apetecia-lhe dar um grande chocho na tromba do marido da porteira. Limitou-se, muito suíça, a agradecer:

«Poich clarro, que tolice!»

Nessa noite, quando o marido da porteira teve a certeza de que Madame Huegi estava ausente em serviço de canasta por um par de horas, meteu-se no elevador, bateu ao de leve à porta e, já no corredor do falecido cônsul, soprou para Marria:

«Bolas, ao menos agora já posso fumar o meu cigarrinho ao pé de ti!»

A vez de Yvette

Yvette Mimieux é uma gentil francesinha que Hollywood consquistou e que, no momento, pode ser admirada pelos lisboetas no filme «O Segredo» («Toys in the Attic»), ao lado de Geraldine Page e Dean Martin. O nosso crítico Lauro António ainda não se pronunciou e por isso não queremos adiantar opinião sobre o filme. O mais que podemos garantir é que Yvette é linda e até (vamos lá) bastante favorecida por um razoável talento de actriz.

LICENCIADO EM ECONOMIA OU FINANÇAS

●

Grande empresa industrial e comercial pretende recrutar licenciado em Economia ou Finanças, com serviço militar cumprido e idade não superior a 35 anos, para lugar com boas perspectivas de carreira.

Resposta detalhada com curriculum escolar e profissional e indicação do ordenado anual pretendido, a este jornal ao n.° 937.

EXTERNATO LUSO BRASILEIRO

Abriu Recentemente Com Novos Métodos de Ensino Curso Intensivo Acompanhado de Formação Intelectual Paralela. Para Ciclo Preparatório 2.° e 3.° Ciclo dos Liceus. Informações à AV. DA REPÚBLICA, 90-2.° - TEL. 77 21 16. Para Formação de Novas Turmas Com Início de Aulas a Partir de Dezembro. Matrículas Grátis. Das 15 às 21 H. Prémios de Férias. Bolsas de Estudo para Universidades Brasileiras e Portuguesas

GRANDE EMPRESA NACIONAL

PROCURA

Agente Técnico de Engenharia Civil e Minas

e

Mecânicos de Manutenção e Conservação

E X I G E :

— Experiência profissional
— Nacionalidade Portuguesa
— Serviço Militar cumprido ou dele isento
— Menos de 36 anos de idade

O F E R E C E :

— Vencimento inicial compatível com as condições exigidas e responsabilidades inerentes às funções
— 13.° mês
— Subsídio de Férias
— Salários diferidos
— Regalias sociais

Só serão consideradas as candidaturas que respondam inteiramente às exigências postas.

Resposta acompanhada de curriculum, por carta a: X. 2729, AGÊNCIA MARCA, Rua das Francesinhas, 21-1.°

L I S B O A

MARIA VITÓRIA

2 SESSÕES ÀS 20.45 e 23 H.
(GRUPO D 18 ANOS)

Produção de
GIUSEPPE BASTOS
E VASCO MORGADO

A REVISTA POPULAR

«Ó Zé aperta o cinto!»

com SALVADOR, IVONE SILVA, NICOLAU BREYNER, VITOR MENDES, ÂNGELA RIBEIRO, CARLOS QUEIRÓS e, ainda, MARIEMA e RIBEIRINHO e a atracção nacional ANTÓNIO MOURÃO

"Papillon" queima as asas

Estreias de
CINEMA
Lauro António

TÍTULO: Popsi Pop(Popsi Pop)
REALIZAÇÃO: Jean Herman, 1971 (França)
INTÉRPRETES: Claudia Cardinale, Stanley Baker, Henri Charrière, etc.
DISTRIBUIÇÃO: Distribuidores Reunidos
ESTREIA: Cinemas Alvalade e Edën (12.11.1971)

De Jean Herman ficou-nos uma recordação: **Adeus,Amigo** (Adieu L' Ami), um policial psicológico com um duo de actores (aqui) notáveis, Charles Bronson e Alain Delon. A fitinha era modesta nas suas intenções, mas Herman manobra-a com um certo nervo. Nervo é afinal o que falta totalmente em **Popsi Pop,** uma aventura de Claudia Cardinale e Henri Charrière (mais conhecido por Papillon) nas selvas da América do Sul. A **coisa** não tem qualquer tipo de originalidade, lembrando, pelo ambiente, mas para muito pior (já estão a ver!), **Os comediantes. Popsi Pop** (Claudia Cardinale) vem da Europa agarrada ainda à cultura continental (chega às minas de diamantes a ler **Alice no País das Maravilhas** e, meia prostituta, meia corista, meia **gangster**, resolve realizar, de colaboração com o velho **Papillon**, um **hold up**. Mais um, que o cinema está cheio deles. A astuta Popsi consegue partir com os diamantes, deixando para trás o velho e «batido» Papillon, dependurado pelos braços, sujeito, às mais cruéis torturas. Mas **Papillon** não podia acabar ali, que o filme só ia a meio, e, de colaboração com um inspector (Stanley Baker — irreconhecível) resolve empreender uma perseguição aos diamantes e à Popsi que lhe ficara atravessada na garganta. Resta dizer que tudo isto é filmado com os pés e que tal critério não tem nada de deliberado. No mesmo barco onde naufraga Jean Herman, vai ao fundo toda a restante companhia. Nela incluindo o debutante Charrière, que deixa as suas asas chegarem perto de mais do fogo.

Cláudia

SOCIEDADE PORTUGUESA DE PETROQUÍMICA
S. A. R. L.

CAPITAL REALIZADO 300 000 CONTOS

AV. ANTÓNIO AUGUSTO DE AGUIAR, N.º 104-4.º — LISBOA

AUMENTO DE CAPITAL DE 300 000 PARA 450 000 CONTOS

Emissão de 150 000 acções do valor nominal de 1000$00 cada uma com reserva de preferência para os accionistas

Nos termos da Portaria publicada no Diário do Governo, III Série, n.º 247, de 20 de Outubro de 1971, vai a SOCIEDADE PORTUGUESA DE PETROQUÍMICA elevar o seu capital de 300 000 para 450 000 contos.

A subscrição é pública, gozando os Srs. Accionistas do direito de preferência, na proporção de 1 acção nova por cada 2 das antigas, contra a apresentação dos cupões n.os 9 dos títulos que possuem, na Secção de Tesouraria e Títulos da Empresa, na Av. António Augusto de Aguiar, 104-5.º, em Lisboa, nos dias úteis, de 25 a 30 de Novembro de 1971, das 10,30 h às 12,30 h e das 14,30 h às 17 h (excepto sábado, no período da tarde).

As acções serão postas à subscrição pelo preço de 1000$00 cada uma, acrescido do Imposto de Mais-Valias de 15$80 por acção, pagáveis nas seguintes condições:

67 %, acrescido do Imposto de Mais-Valias, no acto da subscrição
33 %, de 22 a 27 de Maio de 1972

e representar-se-ão em títulos ao portador de 1, 5, 10, 20, 50, 100, 500 e 1000 acções.

Lisboa, 20 de Novembro de 1971

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

DL show

Victor Espadinha, que perdeu seu lugar no elenco do Maria Vitória, decidiu abandonar a carreira de comediante e tornar-se toureiro.Dis aos amigos que espera estrear-se já na próxima temporada, como espada-revelação. Melhor dizendo: o espada-Espadinha.

Artur Semedo ultima os preparativos para a produção de um filme de longa metragem, com argumento e realização seus. Trata-se de uma sátira que deverá começar a ser rodada já nos primeiros meses do próximo ano.

O Grupo do Teatro do Campolide Atlético Clube, que hoje à noite apresenta na Marinha Grande a peça de Cuzzani, «O Avançado-Centro Morreu ao Amanhecer», prepara dois novos espectáculos: «Vida do Grande D. Quixote de la Mancha e do Gordo Sancho Pança», de António José da Silva («O Judeu»), encenada por Joaquim Benite sobre uma adaptação literária de Virgílio Martinho, e «Farsa do Advogado Pathelin», texto anónimo do século XV, que terá encenação de José Martins.

Terminada a rodagem em Luanda dos exteriores africanos do filme «Derrapagem», Constantino Esteves já está de volta a Lisboa e deverá recomeçar as filmagens no dia 29, agora com o concurso dos artistas Henriqueta Maia, Carlos José Teixeira, Nicolau Breyner, Julieta Castelo e Tony de Matos, que é o produtor.

Sandro Polónio regressou ao Brasil, a fim de preparar uma temporada de Maria Della Costa em Luanda e Lourenço Marques com um reportório de que farão parte «Moral em Concordata», de Abílio Pereira de Almeida», «Desejo sob os Ulmeiros», de Eugene O'Neill, «Procura-se uma Rosa», de Vinicius de Morgis e Pedro Bloach, «Castro Alves Pede Passagem», de Gianfrancesco Guarneire e «O Marido vai à Caça», de Feydeau. A hipotese de a companhia vir a actuar em Lisboa parece definitivamente posta de parte.

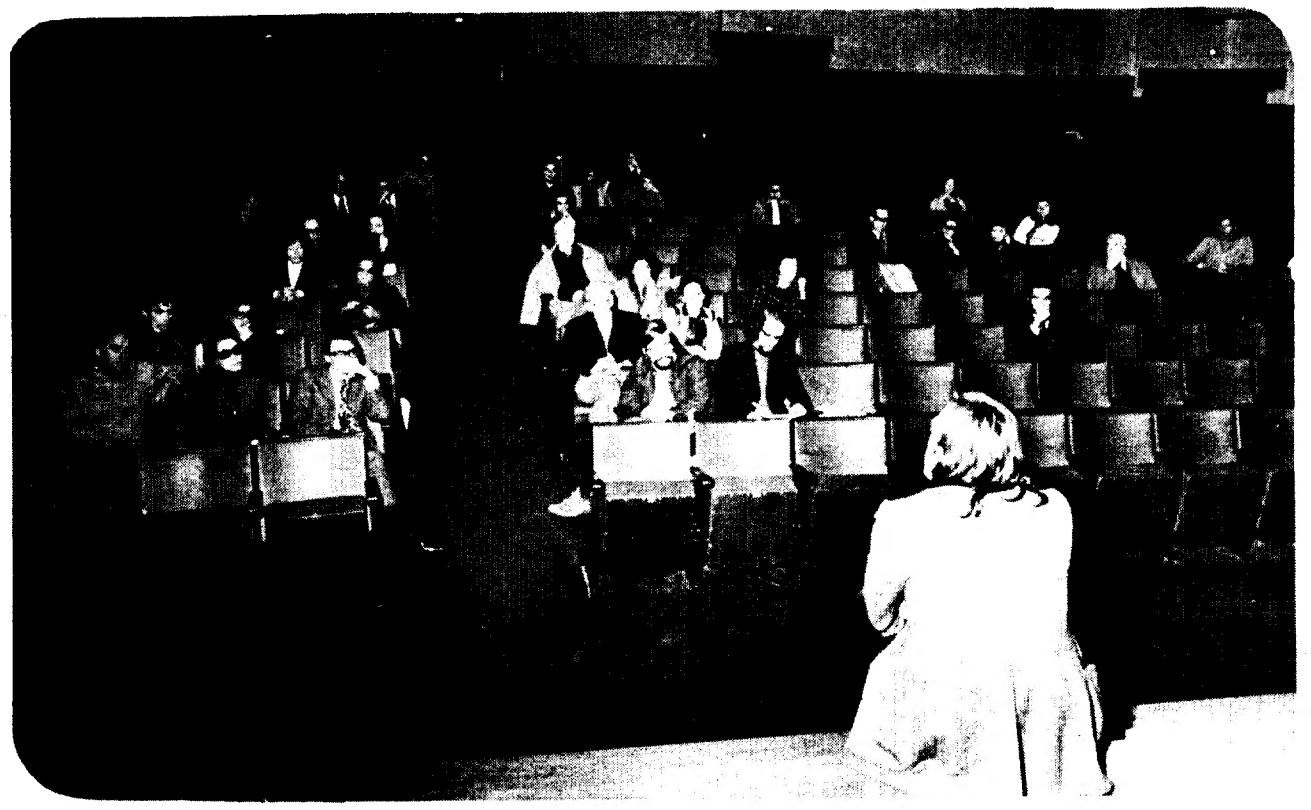
O escritor Aleixo Ribeiro assegurou os capitais necessários para a produção de um filme baseado no seu romance «Patrão Bento». O elenco técnico e artístico vai começar a ser organizado agora.

Com destino ao Capitólio, Eduardo Damas e Manuel Paião estão a adaptar a peça infantil «O Feiticeiro de Oz», de Frank L. Baun.

Para actuar em três espectáculos, integrados nas festas comemorativas do cinquentenário do ensino da Língua Portuguesa na Universidade da Alta Bretanha, Amália Rodrigues foi convidada a ir a Rennes. Os espectáculos serão realizados entre 16 e 19 de Dezembro e deles participará o Orfeon Académico de Coimbra.

Madalena Iglésias, que se consorciou sexta-feira, pelo civil, em Caracas, com um industrial luso-venezuelano, chega a Lisboa no dia 29. O casamento religioso está marcado para Março, em Portugal.

O «Orfeu Show», integrado por bailarinas francesas e brasileiras, termina dentro de dias a sua actuação no Maxime e segue para Luanda, onde se apresentará no Tamar.



O mestre inglês falou para uma plateia literalmente vazia

Só trinta e quatro pessoas foram despedir-se de Gaskill

Trinta e quatro pessoas estiveram no «Vasco Santana» com William Gaskill, no colóquio que constituiu a despedida do encenador britânico do nosso país. Trinta e quatro pessoas que chegaram para animar duas horas de sumarenta conversa com uma autoridade em Teatro. Por outras palavras: William Gaskill não interessou o meio teatral português. No teatro como em quase tudo «Nós» pedimos meças, e não é qualquer W. Gaskill, que por mero acaso, até sabe mais do ofício do que todas as ausências juntas quem poderia competir com todo a ciência teatral portuguesa.

William Gaskill é o director do English Stage. Considerado um dos melhores encenadores britânicos esteve no nosso país para uma série de conferências que poderiam contribuir para que se despertasse um pouco o teatro entre nós, mas que vieram apenas demonstrar como estamos adormecidos. Trinta e quatro pessoas acordadas, numa sala com capacidade para quinhentos e sessenta e cinco lugares, que por sinal, existe numa cidade com cerca de dois milhões de habitantes seria caso para dizermos que não era nada, não fora sermos injustos para os que se deslocaram ao «Vasco Santana».

IMPROVISAÇÃO

Foi sobre improvisação que Gaskill falou. Da introvertida ou freudiana, ou subjectiva: a que existe na acção privada. E da outra a objectiva a projectada a que existe na acção de carácter social. E dizia que na primeira o actor não sabe como vai acabar a cena e que, na segunda ele sabe o que vai acontecer a seguir e portanto terá que tornar clara a acção.

Foi uma mini-conferência na sequência das duas anteriores. No palco, uma mesa com a água da praxe e uma jarra com cravos. Uma mesa que o conferencista nunca utilizou pois esteve todo o tempo sentado nas escadas que, da plateia, dão acesso ao palco. No palco, ainda além de Gaskill, Luzia Maria Martins, directora do Teatro Estúdio de Lisboa, fazendo as «honras da casa». A discípula contente por rever o mestre, dos tempos em que aprendeu Teatro em Inglaterra.

«Uma pessoa com uma máscara, colocada em frente de um espelho, começa a reagir como a personagem diferente que vê reflectida». Trinta e quatro pares de ouvidos atentos à palavra autorizada e Gaskill.

COLÓQUIO

A primeira pergunta partiu de Glória de Matos: «Que pede, essencialmente, aos seus actores?»

«Creio que não tenho que pedir aos actores — disse Gaskill. O director é uma das partes do grupo.»

E o diálogo Glória de Matos-William Gaskill prosseguiu: «Mas quando produz uma peça? Exige-lhe técnica ou...»

«Eu peço aos meus actores que tenham espírito de abertura.»

«Por exemplo: o que faz Peter Brooke. Pensa que essa espécie de improvisação pode existir sem uma preparação prévia?»

E o diálogo ora daqui, ora dali, crescia. Na assistência ou se preferirem, naquela conversa em família, participavam, além dos nomes já citados, Alexandre Babo, Fernanda Lapa, Ana Paula, Helena Félix, etc..De ouvidos bem abertos pois Luzia Maria Martins perguntava: «São altos os salários pagos aos artistas de Teatro em Inglaterra?»

«Não. Um actor de teatro ganha, em média, cerca de trinta libras por semana («oito mil e quinhentos escudos por mês).

«Perguntei-lhe isto porque se pensa por cá que em Inglaterra se ganha muito bem no teatro. Uma das muitas confusões que se fazem por ai...»

«No West End, com o teatro Comercial, os artistas ganham mais. Aproximadamente sessenta libras por semana.»

«O problema dizia Luzia Maria Martins «é que a segurança de um actor inglês existe efectivamente, o que torna as coisas bastante diferentes.»

ESCOLAS

Voltava Glória de Matos à berlinda: «Quando diz que as escolas de teatro são praticamente desnecessárias, essa afirmação provoca um grande impacto aqui. Nós vamos a Inglaterra e vemos bom teatro. Ficamos impressionados com a vossa qualidade. Vocês têm escolas de teatro. Nós não. Estamos a lutar pela reforma urgente do Conservatório.»

«As condições, cá e lá são muito diferentes» dizia Gaskill.

Dá Mesquita: «Isso é que sim. Nas vossas escolas existe uma preparação melhor uma base anterior às proprias escolas de teatro:»

Algures na plateia: «Aqui vive-se um outro mundo...»

Qual o caminho a tomar? perguntavam os presentes. Seria necessário contratar um estrangeiro para vir ensinar a Portugal?

«Penso que sim. Esse é um caminho possível», concordava Gaskill. E Dá Mesquita: «Não gostaria de vir a Portugal fazer um curso de teatro?» Que sim, que gostaria. «Venha mesmo», disseram alguns assistentes.

Com conhecimento de causa, afirmava Luzia Maria Martins: «Vocês representam nas escolas de teatro. Fazem exercícios, improvisação. Em Portugal não. Cá acredita-se no «génio», na inspiração».

Glória de Matos que estudou Teatro em Bristol, decidida: «É isso! E quando certas pessoas ouvem dizer que as escolas de teatro não são muito úteis, isso que é muito verdade no contexto inglês, vai servir para se ouvir dizer por cá: «não! Afinal estamos certos, pois até um senhor Fulano de Tal nos veio dar razão! Escolas para quê? Por cá acredita-se que não é preciso aprender. Todos são «génios». Repare que não estão cá quase nenhuns actores. Quando deveriam estar!»

«Mas muitos deles não sabem inglês...», dizia Dá Mesquita.

Luzia Maria Martins: «Mas quando pedem subsídios à Gulbenkian para ir a Inglaterra ver Teatro, já todos sabem inglês...»

por NUNO GOMES DOS SANTOS

«Penso que todas as pessoas podem fazer todas as coisas. Creio que é muito importante o actor sentir bem o que está a fazer, compreender isso que faz. A técnica é importante, mas nunca como factor único, não como um limite, não como uma base rígida.»

Entretanto a Dr.ª Maria Helena Dá Mesquita, crítica de Teatro, e colaboradora efectiva do IMAVE, na secção de Teatro, perguntava:

«Quanto tempo trabalham os seus actores por dia?»

«De manhã e durante toda a tarde», respondia Gaskill.

Era a vez de Francisco Nicholson, agora a trabalhar, também na Companhia do Teatro Estúdio: «Escolhe os actores para as peças ou as peças para os actores?»

«Os actores para as peças:»

«E qual o critério de escolha?»

«Qualidade.»

Entretanto, Glória de Matos, de novo: «Dada a sua posição perante a técnica adquirida pelos actores e visto ter dito que ela não era muito importante acha que não são necessárias escolas de teatro?»

«Não digo que não sejam necessárias, mas a escola deve ser o próprio Teatro. A técnica que se aprende nas escolas de Teatro está ultrapassada.»

A MORTE NATURAL

BROADWAY, 20 - (A.N.I.) - No «Ethel Barrymore Theater» está a ser representada, com extraordinário êxito, uma espécie de «colagem» de canções e de acção criada pelo poeta e compositor Melvin Van Peebles e intitulada «Ain't Supposed to Die a Natural Death». A peça ilustra com intenso dramatismo, a vida degradante num bairo negro norte-americano e termina com a morte de um jovem preto e de um polícia.

LUSTRES
de requinte antigo e moderno para o seu lar. Fábrica: Av. 5 de Outubro, 203-r/c. Esq. (ao Campo Pequeno). Tel. 77 16 39.
VENDA AO PÚBLICO

carlos de oliveira
um novo livro de poemas
ENTRE DUAS MEMÓRIAS
CADERNOS DE POESIA preço 30$00
PUBLICAÇÕES DOM QUIXOTE
RUA LUCIANO CORDEIRO - 119 - LISBOA

José Maria Branco vem aí

Uma revolução na nossa música

Para que os leitores não percam tempo inútil com algo que lhes não interesse, comecemos por adiantar que a única finalidade deste artigo é dar notícia sobreMÚSICAPORTUGUESA, sobre uma gravação que talvez venha a marcar «uma época». Ou seja, antes e depois de José Mário Branco.

Artigo de RAUL CALADO

A música ligeira foi, durante longos e sombrios anos, totalmente constituída em Portugal por duas formas cristalizadas: uma, relativamente interessante ao nível da interpretação, chamada fado, outra totalmente inaudível a qualquer nível, chamada «canção portuguesa». Em ambas, a cristalização era acompanhada de fenómenos secundários: poemas abjeccionistas, orquestrados a metro, técnica de gravação tribal, equilíbrio sonoro inventado por surdos. Uma «justificação» única: era disto que os portugueses gostavam, era disto que pediam, era disto que compravam. Por outras palavras: os portugueses tinham a música que mereciam (note-se que eram os interessados nalos») por duas vias: Mário Castrim correu-a como «ponta de lança» da crítica; e um grupo de jovens, inicialmente irradiando de Coimbra, que demonstravam que outras coisas se podiam cantar (Afonso, Adriano e alguns mais). É o período em que a valorização daquela música portuguesa que determinavam a justificação única, e com ela, o que era merecido ou não pelos portugueses...)

Viria depois uma alteração ao «statu quo», mas não uma evolução; enquanto o fado permanecia sem mexer um músculo, a «canção portuguesa» era totalmente destruída (e com ela as suas «estrelas» e «estredos poemas atinge o paroxismo, chegando-se mesmo ao desprezo pela música. À orquestra substitui-se a viola: a melodia serve apenas para suportar o poema, que é mais cantarolado do que pròpriamente cantado. Frequentemente o poema «cabe mal» na música, por má construção desta. Harmonia e ritmo são primários. Foi o período da «balada», fundamental pelos seus efeitos populares: o descrédito total sobre as formas anteriores. Esse descrédito abriu um grande vazio: sem «estrelas» e sem «canções», as bocas insaciáveis da rádio e da televisão nada podiam mastigar. E assiste-se a tentativas de ressurgimento de velhas figuras, ou ao lançamento, sempre abortado, de «novos-velhos».

Segue-se uma «terceira corrente», complexa e mais difícil de analisar. As melodias e harmonias enriquecem-se, a técnica orquestral melhora (chamam-se mesmo técnicos estrangeiros), embora a qualidade das gravações e das captações de som» permaneça medíocre, as caras são outras — mas o objectivo parece constante em quase todos os compositores, intérpretes, poetas, etc.: conseguir a mais completa abstracção. Os poemas, que melhoram indiscutìvelmente, são especialmente concebidos para dizer TUDO a respeito de NADA. E para o dizer com o máximo possível de beleza formal. NADA passa mesmo a ser tema básico da nova geração, afirmado em múltiplas entrevistas: NADA, cantado de maneira complicada, americanizada, às vezes muito bem. Uma nova geração de cançonetistas que afirma constante e explícitamente a universalidade (?) da música, enquanto raciocina que «portugueses a cantar em português é música portuguesa com certeza» (a contradição incomoda um pouco os aspirantes frenéticos ao estrelato...).

E assim estamos em 1971.

O COMEÇO

Entretanto em Paris, ignorado e desconhecido, José Mário Branco, há uns nove anos, estuda música, trabalha música. Prepara-se, espera, consegue algo muito difícil: ser acreditado nos meios musicais de lá. Alguns curiosos de cá descobrem um disco dele com «cantigas de amigo» — e acham-no notável.

E daí que surge o convite e o contrato para um LP, com liberdade de seleccionar, compor, orquestrar, nas condições que ele considere necessárias.

Esse disco está feito e vai saír. É o princípio do que chamamos «a música portuguesa depois de J. M. Branco». Uma coisa imprescindível em qualquer discoteca de música clássica, variedades, pop, jazz, folclore ou música portuguesa.

Uma coisa que sonhámos poder realizar desde há mais de vinte anos, o que já não podemos conseguir, porque agora está aí, perfeito. Ou seja:

A gravação — Para já é técnicamente a melhor gravação de música ligeira portuguesa realizada até hoje. Todos os instrumentos estão «separados», a voz está totalmente clara, o efeito estereofónico é perfeito. Pela primeira vez na história, este disco português TEM que ser ouvido numa aparelhagem de alta fidelidade estereofónica: só assim é integralmente apreciada.

A orquestração — A orquestração recria a música original. Se se cantarolar a maioria das canções, verifica-se o seu sabor tìpicamente português. Mas na gravação foram usados todos os requintes orquestrais da música ligeira verdadeiramente evoluída. Repare-se no brilho da utilização da bateria, do contrabaixo, da harmonia. Repare-se no «balanço» geral desencadeado.

A música — Algumas canções são de raiz francesa (é o caso do «Poema das Jovens Almas Censuradas», por exemplo), mas, na maioria dos casos, como «Nevoeiro», «O Charlatão», «Mariazinha», «Casa Comigo Marta», «Cantiga do Fogo e da Guerra», a fonte de inspiração é, sem dúvida, a música portuguesa. De uma forma geral, música de excelente qualidade, magnìficamente adaptada aos poemas, de tal modo que se percebem todas as sílabas cantadas. Todas as músicas estão ao serviço das palavras, não só musicalmente, mas pelo seu singificado. Claro que José Mário conhece e ama o Jazz, a cançoneta francesa, a americana, etc. Isso está lá no disco.

Os poemas — Variando desde o trágico («Jovens Almas») ao burlesco («O Charlatão») ao irónico («Nevoeiro»), roçando o realismo e o surrealismo, os poemas «funcionam» por forma a demonstrar algo que todos já sabíamos: para realizar boa música ligeira não há qualquer necessidade de contribuir para a estupidificação absorvente. É que para se comunicar com as pessoas não é necessário fazer discursos.

O significado — No campo da música ligeira internacional, José Mário Branco não realizou qualquer descoberta revolucionária. Na verdade, desde a orquestração à execução, tudo aquilo já foi dito e, em certos casos, está ultrapassado. Dentro da música portuguesa é o princípio do fim.

Não parece acreditar que, depois de escutar esta gravação, se possa ouvir o que é habitual entre nós. O equilíbrio técnico perfeito, a musicalidade, a coerência música-palavra, o sabor realmente português (mas inteligente e evoluído) arrumam definitivamente o trogloditismo dos cançonetistas nacionais, o primarismo das baladas e o pretensionismo das figuras «evolutivas». Entre o Festival da Televisão (pensemos nos «antigos» e nos «modernos») e este disco, há mundo. Um mundo que também separa J. M. dos homens das baladas, tudo que de qualquer forma são os seus antecessores. Na verdade, Calvário, Paião, Damas, Tordo, Paulo de Carvalho, são totalmente alheios a Branco. As baladas, essas, tem muito a ver e a ouvir com ele.

Os mundos que separam aquelas duas correntes de José Mário Branco (da primeira, o mundo do «Significado», da segunda, o mundo da «música») são evidentes. Se J. M. Branco só tivesse uma viola e não soubesse música, seria mais um «baladeiro». Mas, estudante de música há muitos anos, capaz de compôr, orquestrar, tocar e cantar, ele ultrapassou o primarismo para se situar no nível mais alto da música ligeira portuguesa.

Ligação perfeita da forma e do conteúdo, José Mário é, mantidas as enormes diferenças, idêntico a um Harry Belafonte, ou a um Johnny Cash; a um Léo Ferré, ou um Jacques Brell, ou seja: um artista, ligeiro ou não, não interessa, mas AUTÊNTICO.

ADMISSÃO DE PESSOAL

Em regime de **trabalho em tempo parcial,** para importante Companhia de Lisboa.

Horários das 6.30 às 9.30 horas (manhã)

PRETENDE-SE:

— Com idade até aos 45 anos

— Serviço militar cumprido

— 4.ª classe

— Entrada imediata após a aprovação

RESPOSTA A ESTE JORNAL AO N.° 931

PESSOAL PRECISA-SE

IMPORTANTE COMPANHIA DE LISBOA ADMITE PESSOAL PARA OS SEUS QUADROS, OFERECENDO:

— Profissão digna

— Estabilidade de emprego

— Boas regalias sociais (subsídio de férias, gratificação de Natal, assistência médica e medicamentosa gratuita e outras)

OS CANDIDATOS DEVERÃO TER IDADE ATÉ 35 ANOS, SERVIÇO MILITAR CUMPRIDO, EXAME DO 2.° GRAU E BOM COMPORTAMENTO MORAL, CÍVICO E MILITAR

ADMISSÃO IMEDIATA

RESPOSTA A ESTE JORNAL AO N.° 932

NOTA DE ABERTURA

Afirmámos na última MOSCA que esta seria dedicada ao toureio — mais uma das drogas que definimos como drogas colectivas da nossa colectividade, mas a verdade é que resolvemos modificar os nossos planos e dedicar este número a uma droga colectiva mais importante do que essa.

Referimo-nos ao mar, esse salgadíssimo elemento que a julgar pelos discursos que por aí se fazem nos corre no sangue.

Não há, como é do conhecimento geral, português que não descenda de marinheiros e descobridores, o que bem revela a presença do Senhor em tudo o que fazemos porque, sabido como o é que todo o cidadão nascido em território nacional é português, fácilmente se depreende que tanto é descendente de descobridores o minhoto do Minho como o balanta da Guiné — valerá a pena chamar a atenção dos leitores deste suplemento para o que há de maravilhoso no facto do balanta ser simultâneamente descobridor e descoberto?

Referindo este facto, limitamo-nos a mostrar o carácter divino da nossa história porque sem a especialíssima protecção do Senhor nunca nos teria sido possível atingir um tal nível de misticismo histórico.

É certo — não o negamos — que aceite a premissa de que tanto tem o mar nas veias o balanta da Guiné como o minhoto do Minho e de que tanto um como o outro são descendentes de Gamas e Cabrais, é possível sustentar a tese de que não há uma dupla personalidade no balanta, isto é, de que ele não foi simultâneamente descobridor e descoberto. Há quem sustente por outras palavras que as coisas se passaram de outro modo e que o minhoto partiu à descoberta da Guiné precisamente no momento em que o balanta partiu à descoberta do Minho. De acordo com os defensores desta tese, balantas e minhotos cruzaram-se a meio do Atlântico sem darem um pelo outro e desembarcaram nas costas das regiões que iam descobrir no mesmo dia e à mesma hora. A ser assim, é a redacção da MOSCA de opinião que isso se passou no Domingo de Paŝcoa, pois que só num dia santo se poderia ter dado um tal milagre. Independentemente de tudo isto, porém, uma coisa é certa: corre-nos o mar nas veias e somos, incontestávelmente, marinheiros. Isto aplica-se a todos os portugueses, mesmo aos nascidos no interior que nunca viram o mar — outra prova de que somos um povo fadado pelos deuses e de que não podemos ser julgados pelos critérios aplicáveis aos restantes povos.

Ser português é ter nascido a nadar de bruços e saber mergulhar de cabeça em toda e qualquer poça.

Quando a MOSCA resolveu dedicar este seu número ao mar, teve de resolver um certo número de pequenos problemas referentes ao seu planeamento que, embora de importância relativa, deram origem a dúvidas e a casos de consciência até certo ponto complexos.

Quem é que deveria ser convidado a colaborar neste número? O problema, por outras palavras, era o seguinte: sendo todos nós marinheiros, quais é que mereceriam a classificação de «marinheiros especializados» e, portanto, a nossa confiança?

Foi o problema batido e debatido durante horas até se chegar a um resultado de que nos orgulhamos e, ao apresentar este número, a redacção da MOSCA está certa de ter conseguido seleccionar um grupo de marinheiros verdadeiramente notável. A selecção da MOSCA é, por outras palavras, digna da missão de que foi incumbida.

PROBLEMAS DO SAL MARÍTIMO

Um artigo do professor Carlos Vaga Alta

Apresentação — Carlos Vaga Alta é tão conhecido que apresentá-lo é francamente inútil. Natural de Lamego, viveu os primeiros anos da sua infância na contemplação dos oceanos que, como é do conhecimento geral, varrem os extremos dessa cidade e, com nove anos de idade, espantou os seus conterrâneos apresentando-lhes uma teoria das marés que ainda hoje é considerada como revelando um notável poder de síntese: «as águas ora molham os pés do menino ora não molham os pés do menino». Aos doze anos de idade, Carlos Vaga Alta encontrou, no campo, uma conchinha que observadores imparciais revelaram ser de berbigão e concluíu que Lamego fora, durante anos, frequentada por comedores de berbigão à espanhola — tese que mais tarde defendeu ao formar-se na faculdade de Letras para onde o levou a sua nítida vocação marítima. Dessa tese extraímos uma frase que bem revela até que ponto este distinto descendente de Gamas e Cabrais levou os seus estudos: «Construi a partir desta conchinha de berbigão, uma teoria histórica que bem revela correr-nos o mar nas veias já que é sabido que matéria atrai matéria na razão directa das massas — se há berbigão em Lamego é porque há Lamego em berbigão.» Carlos Vaga Alta está actualmente no Brasil onde é professor de «natação de sala» na Universidade de Botafogo. Inútil será dizer que ocupa na colónia portuguesa do país irmão um lugar de grande e merecido relevo.

O exame bacteriológico da lágrima revela que ela é formada por elementos de várias espécies, revelando-se mais actuantes, no nosso tempo, o rimel das mulheres e o «after shave» nos homens. Deve-se isto, segundo creio, ao facto das mulheres besuntarem os olhos com produtos coloridos destinados a torná-las mais belas e ao facto dos homens besuntarem a cara com produtos igualmente destinados a melhorar a cara com que a natureza os dotou. Não se julgue, porém, que só se encontram estes produtos na lágrima humana. Quem se der ao cuidado de passar a língua pela cara **dum ser amado, constatará que** a lágrima humana é salgada, sobretudo depois do chamado banho marítimo. Julgou-se, durante anos, que a lágrima era uma forma do organismo humano se libertar do excesso de sal absorvido por via alimentar, mas a grande ciência dos portugueses revelou ao mundo que tal não era verdade.

Vale a pena narrar como a descoberta foi feita, quanto mais não seja para que os novos — pouco interessados na história — cresçam seguros do seu destino marítimo e da sua vocação naval.

Deve-se esta descoberta ao grande marinheiro português Fernando Pessoa que amava apaixonadamente o mar e que, sentado à sua secretária, enfrentava temporais que fariam empalidecer de medo qualquer timorato marujo dum povo menos marítimo do que o nosso. Não se conhecem ao certo as circunstâncias em que o marinheiro Pessoa descobriu a natureza salgada e secreta da lágrima, mas o mais certo é que foi por via mística.

Imagino-o, certo dia, sentado na cadeira de deck que certamente tinha na sala, beberricando ou o rhum do poema em que mais se evidenciou a sua vocação naval ou aguardente adquirida na taberna da esquina (Pessoa, como todo o bom marinheiro, não desprezava a aguardente) e, simultaneamente, recolhendo as velas da alma a fim de fazer face ao vento que entrava pela janela. Súbitamente levanta-se, como que assustado — um ruído **exótico invade a sala e perturba-o. Será a vaga a bater, ao longe, contra a rocha? Será outro marinheiro, sentado noutra sala, a quem acabou a bolacha capitão e está por isso, impedido de lanchar? Será o temporal que se aproxima?**

O grande marinheiro levanta-se e corre para a janela abrindo-a sem uma hesitação. Lá em baixo, um grupo de homens está descarregando uma carroça de melões junto ao lugar da fruta. Dois ou três melões mais rebeldes, tendo escapado às mãos dos descarregadores, vão a rebolar, rua abaixo perseguidos pelos saloios — é esta, em resumo, a causa do ruído perturbador!

O grande marinheiro Pessoa volta a sentar-se e é nesse momento que, fechando os olhos, imagina o mar, ao longe, debatendo-se em tormentas mil, qual personagem dum quadro de Bosch rebolando na cama sob o efeito de tentações demoníacas.

As grandes descobertas portuguesas tanto são obra de Deus como obra dos homens e é nesse preciso momento que o marinheiro Pessoa, vítima duma súbita e divina inspiração, recita em voz alta:

Ó mar salgado, quanto do teu sal é rimmel de Portugal!

Ainda a frase lhe não saira da boca e já o grande marinheiro lhe notara uma discrepância qualquer. Aquilo soava-lhe mal, não estava certo, continha um erro. Ainda a frase ia a meio e já o grande marinheiro preparava outra:

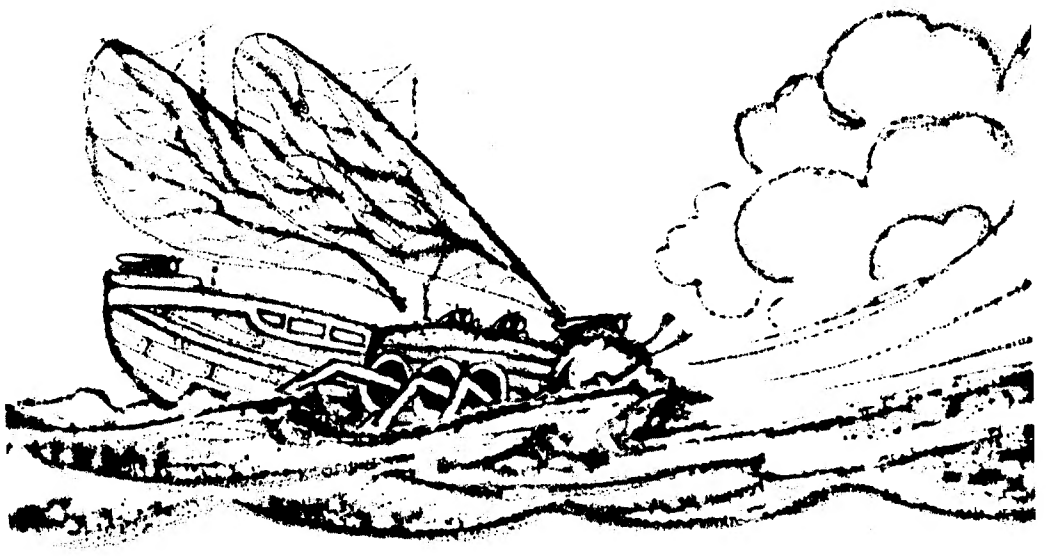
Ó mar salgado, quanto do teu sal é after shave de Portugal!

Ainda não. As vagas batiam-lhe contra a testa (por dentro), os limos colavam-se-lhe à alma (por dentro), o vento frio do Atlântico norte do bairro de Campo de Ourique fustigava-lhe o cabelo (por dentro) e ele, debatendo-se contra tudo isso, arrancou qual Adamastor libertando-se de gases depois dum repasto de lagosta suada:

Ó mar salgado, quanto do teu sal são lágrimas de Portugal!

Estava feita uma das mais brilhantes descobertas do nosso século, uma descoberta **que se não fosse o vasto «complot» que contra nós se organizou no mundo,** certamente teria obtido a atenção dos senhores que atribuem o Nobel.

O que interessa, porém, é que esta descoberta veio confirmar inteiramente as teses de quantos sabiam instintivamente que somos e sempre seremos um povo marítimo, um povo que traz o mar no sangue, **um povo telùricamente repleto** de algas.



CORRESPONDÊNCIA DA GUIDINHA

Obrigado pelas coisas que nos disseste sobre a inflação. Eu cá no domingo de manhã quando me levantei não percebia nada dessa coisa, mas embora continue a não saber garanto-te (não te importas que te trate por tu, pois não?) que neste momento já sei muito mais do que então e já percebo porque é que toda a gente me diz que estou mais magro. Não, não vale a pena babares-te toda, o teu artigo ajudou, mas não foi só ele. Se não te importas terei de partilhar o mérito do teu artigo com os senhorios e porteiros com quem no domingo passei o dia a conversar.

No domingo levantei-me e disse cá para os meus botões que isto de estar a viver num quarto, a pagar um conto de réis por mês, não podia continuar, e então como tenho um amigo que também tinha resolvido qualquer coisa semelhante, fomos os dois procurar uma casa, ali para os lados onde uns senhores dão pontapés numa bola a troco de umas centenas (milhares?... será a inflação) de contos por ano, onde está a trabalhar) (?) um senhor inglês qué dá muitos desgostos aos senhores que pagam dezenas (centenas?... será a infl...) de escudos para ver os tais senhores que ganham centenas (milhares?) de contos por ano, dar os tais pontapés na bola. Bom, eu fui lá, porque me tinham dito, para aí em Agosto, que haviam lá uns andares muito jeitosinhos com «3 casas de soalho» por pouco mais de 2 contos. Pois eu corri tudo e não encontrei os tais andares. Mas olha que as pessoas que me tinham dito que havia, não são mentirosas, são gente jovem como tu e eu. Não encontrei os andares mas encontrei a razão para os não ter encontrado. Tu és uma menina esperta e basta que te conte uma das conversas que tive com um dos senhorios para perceberes tudo. Lá vai:

EU: Quantas assoalhadas e qual a renda dos andares que tem para alugar?

SENHORIO: 3 assoalhadas e a renda são 3 contos e 200.

EU: Posso ver, se faz favor?

SENHORIO: Sim senhor. Vamos ao 6.º andar ver.

EU: Muito obrigado (sou muito delicado.... sabes, sempre tive a mania de ser extravagante)

... ...

SENHORIO: Aqui é a cozinha... a casa de banho... os quartos...

EU: Ainda bem que avisou pois pensei que fossem duas boas despensas.

SENHORIO: Acha que são pequenos? Olhe que toda a gente que cá vem ver, diz que são muito bons. Mas venha ver o salão... (Fomos)... Não diga-que não gosta deste salão com esta linda vista! (esta linda vista era um comboio daqueles que andam sempre na hora... de atraso, a fazer um tal barulho, que, estou certo, fez os meus antepassados, que repousam eternamente no cemitério do bem fica, revolverem-se na tumba e perguntarem a si próprios se daquela vez é que o telefone vermelho se tinha avariado, e americanos e russos tinham carregado nos respectivos botões do eterno descanso de todos nós.)

EU: Qual salão?

SENHORIO: Está a brincar comigo?

EU: (Palavra que não estava, pois, para mim, arranjar casa é um assunto muito sério, muito sério mesmo, agora que já vi o que já vi). Não senhor, mas como disse que era um salão, imaginei por momentos que pudesse ser ligeiramente maior do que os quartos; mas não se ofenda, este salão, com esta linda vista era mesmo o que eu andava à procura (mentira piedosa.... para mim, é claro, já desanimado). Diga-me só uma coisa (por favor, é claro), os tais 3 contos e duzentos é preço fixo ou fazem desconto de pronto pagamento?

SENHORIO: Não senhor. É pagar ou largar. (Olha que não é gralha como no Diário de Lisboa, o homem disse mesmo pagar)

EU: Eu largo, eu largo, mas tinham-me dito que neste bloco de prédios havia andares de 3 assoalhadas a 2 contos e 500.

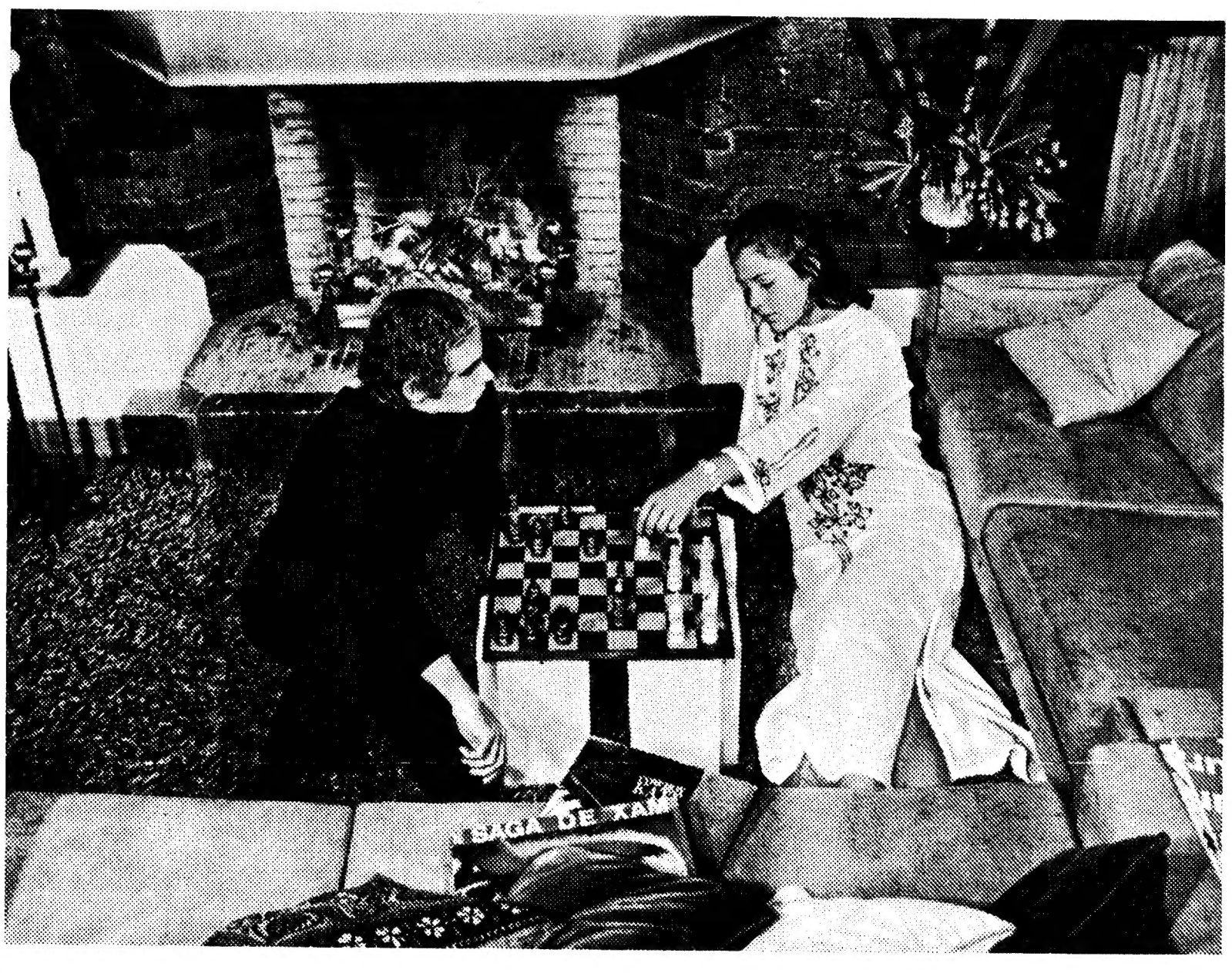
SENHORIO: Isso foi em Fevereiro! Já em Setembro quando saiu o senhor cá de baixo, para ir para o Ultramar, coitado, aluguei o andar que ele vagou por 2 contos e novecentos.

EU: Então muito obrigado (Mais uma vez eu e as minhas extravagâncias) e desculpe a maçada.

SENHORIO: De nada; vão em paz (Não me lembro lá muito bem se realmente se despediu assim, mas eu precisava que alguém me falasse em paz naquele momento, era-me essencialmente necessário para a minha segurança pessoal.)

Guidinha, tu ainda és muito nova para fazeres contas, mas eu já sou um bocadito mais velho do que tu, e vai daí fi-las, e pensei que de Fevereiro a Novembro são 10 meses, e que aquele senhor gorduchinho que teve a conversa que acabo de te contar, aumentou os seus (dele, está claro) andares em 700 escudos, ou seja 28 por cento em dez meses, ou seja,

Continua na página seguinte

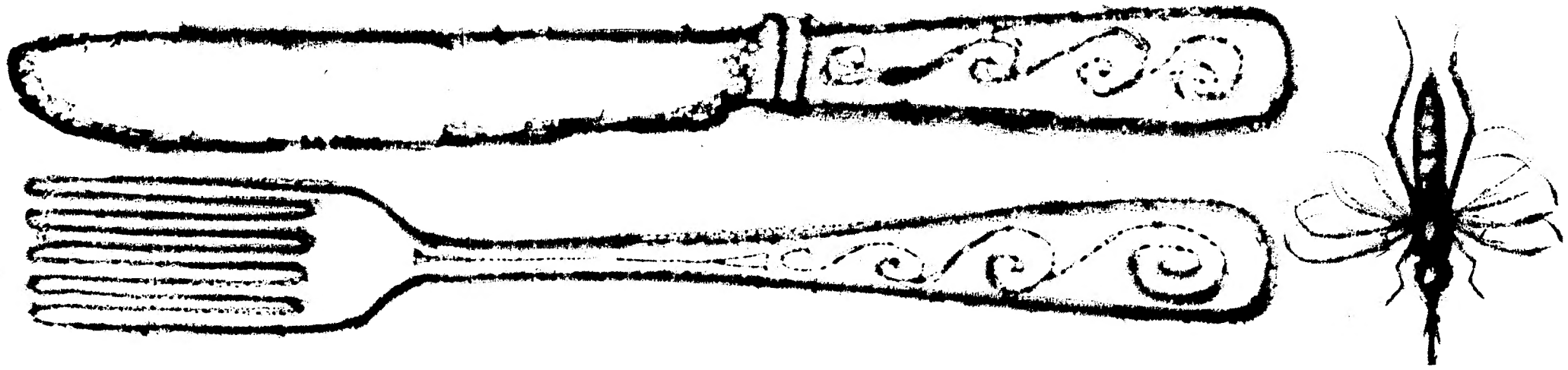


viva a vida em plena vida

Deram-lhe a oportunidade de viver. Aproveite a.
Nós ajudamo-lo. Oferecemos-lhe a possibilidade de gozar férias
em locais excepcionais, no Algarve ou em Troia,
e de usufruir um bom rendimento anual. Procure-nos
e viva a vida em plena vida.

TORRALTA

UM LUGAR PARA SI UMA SOCIEDADE PARA TODOS



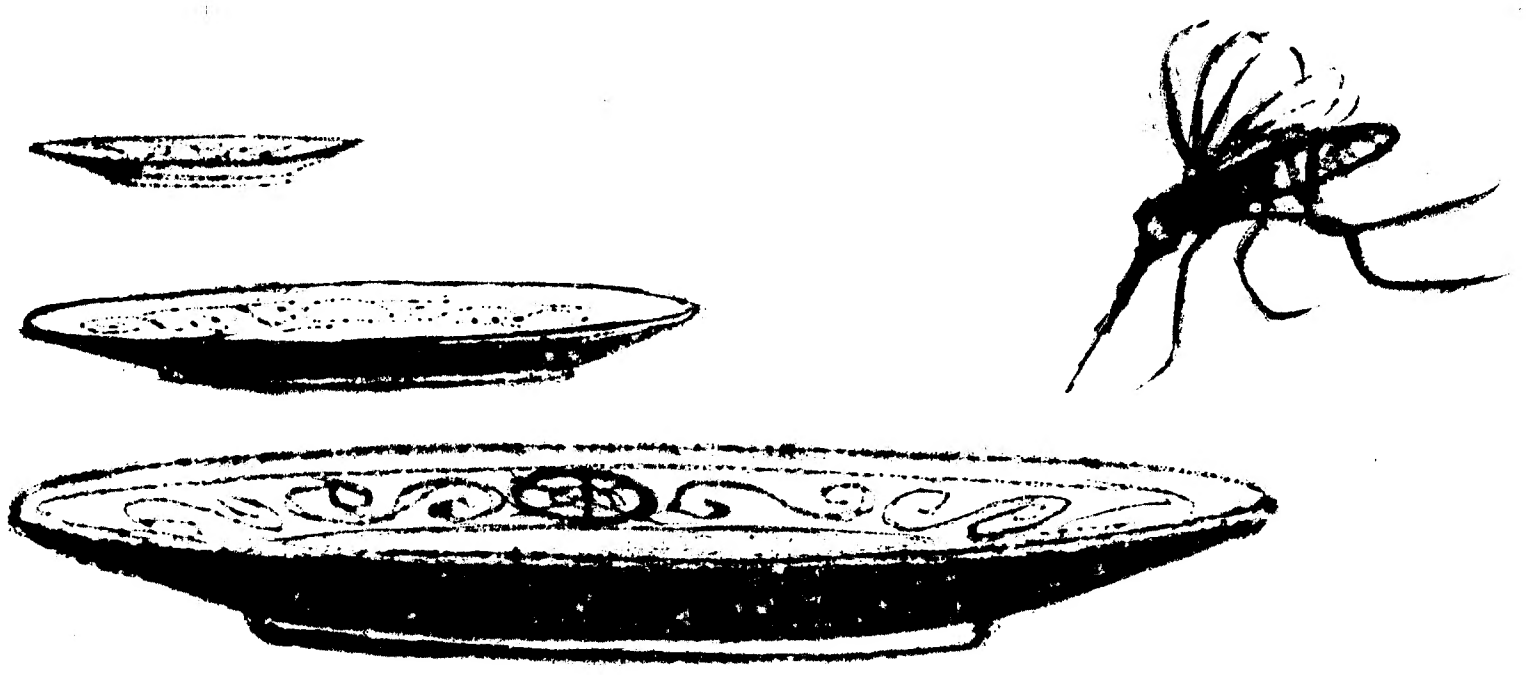
A MELGA NO PRATO

Mais um snack bar — o Botafogo — na área do Saldanha que assim fica habilitado a servir a clientela das avenidas novas como convém a esta praça tão...**progressiva**. Decoração corrente, pouco inspirada, banal, mas fazendo bom uso do espaço disponível. É de lamentar que o restaurante não disponha de mesas e que a clientela seja obrigada a comer naquelas manjedouras que estavam tanto na moda em Paris e em Londres há coisa duns anos (Os últimos snacks londrinos e parisienses já as puseram de parte, mas a gente tem de pagar o devido imposto por viver tão longe das novidades que elas só cá chegam quando já são velharias nos sítios onde começaram...) mas não há dúvida de que, pelo menos no Botafogo, dada a evidente falta de espaço, a manjedoura justifica-se.

Resulta desta falta de espaço um outro inconveniente do Botafogo: enfiaram-lhe dois andares e tudo aquilo tem um ar apertado que não poderá deixar de afastar quem sofrer de claustrofobia.

A porta, é aberta por um porteiro uniformizado que nos pareceu desnecessário atendendo a que nem a casa tem o ambiente luxuoso que costuma justificar o porteiro nem a lista é daquelas que interessam a quem está disposto a pagar preços normalmente exigidos nos restaurantes «de porteiro à porta». Logo à entrada, um balcão corrido contendo uma vitrine repleta de pasteis de bacalhau, croquetes e rissóis francamente bem confeccionados — são, incontestàvelmente, os melhores da área. Lá dentro, o costume nas casas do género, embora o suporte dos molhos colocados sobre o balcão seja invulgarmente feio. O suporte, aliás, seria suportável se contivesse mais molhos ou se a pomada colocada nos frascos de Savora fosse, efectivamente Savora. Julgará esta gente que as pessoas são parvas? Ainda dentro do capítulo das mostardas, julgamos útil chamar a atenção dos leitores desta coluna o facto da pomada a que nos referimos ser do tipo da que se tornou habitual encontrar nas cervejarias especialisadas na venda de pregos e cachorros. Referimo-nos, está de ver, a essa graxa castanha que definimos por «mostarda portuguesa» por não sabermos ao certo o que chamar-lhe. Como é evidente, uma casa especializada em churrascos — o Botafogo tem essa pretensão — deveria proporcionar aos seus clientes mostarda inglesa do tipo Colman's ou francesa do tipo da fabricada em Amiens e nunca Savora ou essa inconcebível pomada amarelada que não poderá satisfazer senão crianças mais empenhadas em encher a barriga do que em satisfazer, simultâneamente, o paladar. A lista pareceu-nos adequada às possibilidades da casa por não conter pratos excessivamente complicados ou morosos. Encabeçada por uma costeleta de Lafões a 40$00, continha ainda um churrasco especial por 30$00 que escolhemos por nos ter sido descrito como sendo constituído por uma «fatia grossa de carne de churrasco acompanhada de batatas fritas e de feijão verde». Digamos, em abono da verdade, que foi uma decepção: a tal fatia grossa era um simples filete de carne de boa qualidade cuja dimensão de forma nenhuma justificava os 30$00. As batatas e o feijão verde também servidas numa quantidade difícil de justificar, dado o preço, chegaram-nos à mesa tão frias que as julgamos destinadas a acompanhar qualquer salada fria pedida por outra pessoa. Devemos acrescentar que a carne vinha seca e que ninguém lhe adicionara um pouco de manteiga ou fosse o que fosse destinado a mitigar este inconveniente. Levados pela fome e já desiludidos no que se refere à possibilidade de obter qualquer coisa de agradável, pedimos uma salada de marisco — exactamente: uma salada de marisco — anunciada na lista ao preço de 18$00. Aceitàvelmente temperada, esta salada matou-nos a fome que o churrasco não chegara a disfarçar. Não comemos sobremesa e julgamos que a decisão foi acertada porque vimos na lista, «barriga de freira com semi frio».

Resumindo: mais um snack de alto preço — o snack é, em todo o mundo, o contrário disto — igual a todos os outros embora com especialidades que não recomendamos porque, como é evidente, «barriga de freira com semi frio» não é coisa que se recomende a ninguém.



CORRESPONDÊNCIA DA GUIDINHA

Continuação da página anterior

uma brutalidade por cento ao ano. E porquê? Não foi com certeza por os seus (dele) custos de produção terem aumentado, pois os andares já estavam prontinhos em Fevereiro; também não foi por lhe terem aumentado as contribuições, nem por terem aumentado o ordenado da porteira. Se não foi por nada disto, ó Guidinha explica-me, tu que és espertinha, porque é que o tal senhor anafadinho aumentou então as rendas daquela maneira. Tenho dado voltas e mais voltas à minha cabeça e não percebo, não acho a solução deste enigma (tu conheces o Varatojo, não conheces?). Como é aquela palavra que começa por espe... (como em esperto) e acaba em cão com uma «,» debaixo do «c»? Achas que será isso? É pena eu não saber como se diz realmente, e também não ter dicionários (estão caríssimos, nem imaginas, e por isso é que se calhar às vezes nos jornais «modernos» aparecem erros maiores ainda que os meus). Mas olha, se fôr isso aqueles senhores doutores não podem mandar uns inspectores acabar com aquelas coisas tão feias? Ou só podem mandar às padarias e aos talhos? Com certeza que não é só aí, pois a gente precisa tanto de uma casinha como do pão, e mais ainda do que de carne. Não achas?

Bom, toma lá um grande abraço amigo, sem preço (isto de amizades é como a Mona Lisa), e até domingo que é quando tu apareces, não é?

PÉSTINHA

P. S. Se quiseres publicar esta carta, publica, mas recomenda aos teus amigos aí do D. L., para não «gralharem» o meu nome, especialmente o «p»

MODELO 707

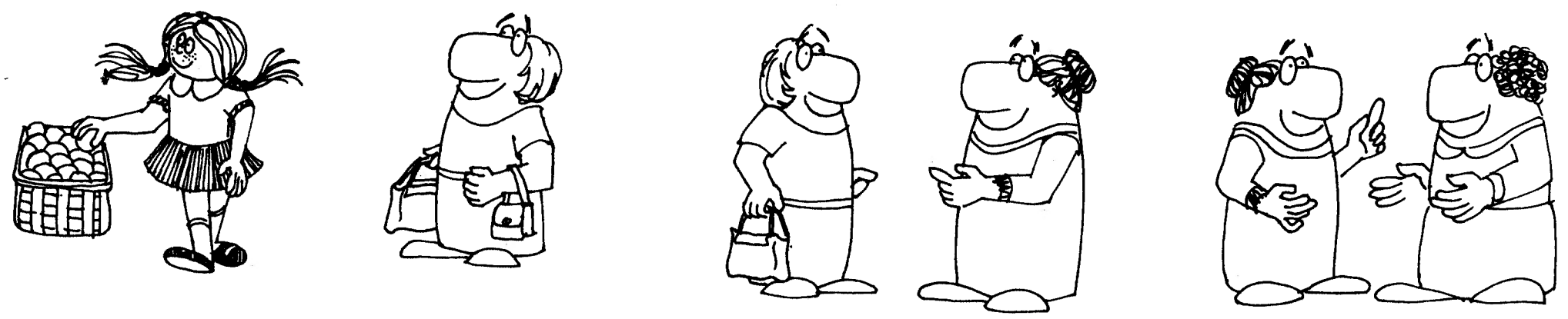
SURDOS

CASA SONOTONE

Há muitas casas da especialidade... mas... SONOTONE há só uma. NÃO CONFUNDAM! Trocas, facilidades de pagamento, tudo encontrareis inclusivé os aparelhos populares que continuamos vendendo por 2.500$00, com garantia.

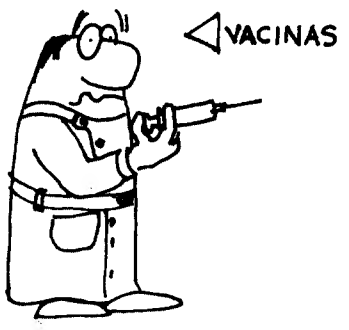
As nossas CASAS esperam-vos:

Em Lisboa. Poço do Borratém, 33 s/l. — Telef. 86 83 52
No Porto, Praça da Batalha, 92-1.° — Telef. 3 56 02
Em Angola, R. António Enes, 42-2.° Apart.° 26 — Luanda



A má língua da Graça

Isto nunca mais acaba quando não é uma coisa é outra andava a gente sem saber onde se havia de meter por causa da inflação e cai-nos a cólera em cima põe-se a gente a levar espetadelas por causa da cólera e vem a gripe Hong-Kong que é uma terra que há não sei bem aonde mas que deve ser no Algarve porque o nome é estrangeiro e o Algarve é o sítio onde há mais estrangeiros palavra de honra que uma pessoa não sabe onde se há-de meter senão na cama o pior é que se uma pessoa se mete na cama começam logo a dizer mal dela que foi o que aconteceu à menina Lisette daquela vez que a mulher a dias se enganou nas horas e chegou mais cedo a casa do senhor Pinheiro da farmácia e deu com ela lá coitadinha que tinha ido fazer-lhe companhia mas isto aqui na Graça é uma verdadeira maravilha nisso da má língua as pessoas não fazem outra coisa todo o santo dia senão linguarar umas contra as outras e eu que o diga sim eu que o diga porque como ainda sou pequena as pessoas falam à minha frente sem se ralarem comigo se calhar pensam que eu não as oiço ou que não as entendo o que é uma gradecíssima mentira porque eu entendo muito mais do que elas julgam olá se entendo o que não dou é com a língua nos dentes como certas pessoas que para aí andam a badalar e a espalhar boatos isto aqui na Graça anda cheio de boatos andaram para aí a espalhar que eu quando passo pela fruta ria da D. Rosa leiteira que é aquela que tem fruta à porta meto sempre a mão no caixote e palmo umas peritas ora isto é uma grandecíssima mentira porque é bestialmente difícil disfarçar peras debaixo da bata da escola quem não acreditar que experimente e eu nunca lá palmei senão umas nesperitas pequenas e tive



que as dividir com o filho do dono da drogaria que foi quem fez barulho do outro lado da rua para atrair as atenções da D. Rosa o pior é que quando fomos a comê-las descobrimos que eram azedas como rabo de gato e que só serviam para compota conto isto para saberem ao que as coisas chegaram na Graça sim porque andar a tentar as pessoas com nesperas que depois se vê que estavam azedas é uma verdadeira infamia se eu fosse a polícia prendia esta ladroagem toda e metia-a num sítio que eu cá sei e só deixava trabalhar à vontade o senhor Henrique merceeiro que é meu amigo e que tem um negociozito de peixe congelado que é uma autêntica maravilha a prova é que a gente cá na Graça já não põe o olho no outro peixe o que eu digo é que a gente nestas coisas deve andar sempre com muito cuidado e defender o que mais interessa ora toda a gente

sabe que um merceeiro é uma pessoa importante porque vende muita coisa conhece muita gente e pode meter na conta coisas que a gente não comprou digo isto porque cá na Graça com a mania que toda a gente tem de dizer mal passam a vida a falar no merceeiro só porque ele tem uma mercearia uma drogaria uma leitaria uma peixaria uma frutaria uma garagem uma tabacaria uma oficina de torneiro uma loja de artigos eléctricos uma pastelaria uma casa de prego uma ourivesaria uma capelista uma loja de malas uma loja de roupa branca uma loja de roupa de cor uma relojoaria e mais umas lojitas mas a verdade é que nada disso lhe dá pilim e quem o diz é ele sim porque basta vê-lo para se perceber que está cada vez mais pobre e que a gente da Graça está cada vez mais rica é uma indecencia palavra que isto aqui na Graça em matéria de má língua anda cada vez pior se não fazem qualquer coisa nem sei onde isto vai parar antigamente as pessoas não sei o que que tinham mas viam menos ou pelo menos falavam menos mas agora por dá cá aquela palha põe-se a ver o que se passa topam tudo que é uma limpeza e não se calam por nada deste mundo não sei o que lhes deu até a minha Mãe que não é pessoa de barulhos já reclama quando lhe querem vender alguma coisa por um preço superior ao da tabela ainda no outro dia o meu Pai lhe disse «está calada mulher que ainda te metes numa alhada» e sabem o que ela respondeu sabem? pois se não sabem ficam a saber voltou-se para ele e disse que numa alhada já ela estava metida! enfim conto estas coisas para as pessoas ficarem a saber o que se passa na Graça mas sei cá por umas amigas que me contam coisas que se está a passar o mesmo em Benfica e no Areeiro.

Guidinha

O VAMPIRO GALÁCTICO ATACOU A "MARINER-9" ?

Por **Nicholas de Vichney** - Exclusivo Los Angeles Times - DL

A caminho do planeta Marte a sonda espacial americana «Manier-9» sofreu um ligeiro acidente técnico. O engenho pôs-se de repente a rodar sobre si próprio, como se tivesse perdido o ponto de referência para a sua orientação, a estrela Canopus.

Terá a «Manier-9» sido atingida por um micrometeorito que a desequilibrou? Teria o «captador óptico» que fixa a estrela Canopus sido «distraído» por poeiras muito brilhantes? Os técnicos de Jet Propulsion Laboratory que seguem o voo não se pronunciaram. Aliás, o alerta foi de curta duração. Pouco depois de ter escapado ao controle, a sonda «entrava na linha» para prosseguir num voo até agora sem história.

O incidente não merecia sequer ser mencionado se, uns dias antes, o director do projecto «Mariner - 9», Dan Schneiderman, não tivesse exprimido receios sobre o modo como o voo poderia vir a processar-se. O exame de comportamento das diversas sondas lançadas para Marte pelos Estados Unidos e a U. R. S. S. mostra, com efeito, que muitos dos engenhos são vítimas de perturbações quando se aproximam do alvo. Duas sondas soviéticas, «Marte-1» e «sond -2» perderam-se no espaço, em 1963 e 1965, quando a sua trajectória a caminho do planeta vermelho atingira já, para a primeira, uma distância de 212 milhões de quilómetros do Sol, e de 209 para a outra.

Por seu turno e sempre em 1965, a sonda «Mariner - 4» viu-se sujeita, sem risco de maior, a um bombardeamento de particulas cósmicas quando se encontrava àquela mesma distância: 209 milhões de quilómetros. Dificuldade idêntica se deparou à «Mariner - 7» em 1969, interrompendo durante algum tempo as emissões-rádio da sonda. Em contrapartida, no mesmo ano a «Mariner - 6» passou além daquele Cabodas Tormentas sem nenhuma espécie de dificuldade.

Existirá um fenómeno particular, que se manifesta a uns 210 milhões de quilómetros do Sol, e em caso afirmativo, que poderá ele ser? Tratar-se-á, por exemplo, de uma cintura de poeiras? Prudentes, os especialistas do Jet Propulsion Laboratory não se pronunciam. Mas um deles encontrou uma explicação que, embora não seja muito científica, não deixa de ser digna de interesse: existe à volta do Sol, perto dos 200 milhões de quilómetros, um grande vampiro galáctico que se atira aos engenhos espaciais e os maltrata...

Talvez tenha sido ele a aparecer desta vez, à «Mariner - 9». Pena é que a sonda não tenha utilizado as câmaras de que vai munida para tirar uma fotografia...

MENSÁRIO CHAMADO "CRÍTICA

Sai em meados da próxima semana o n.º 1 de uma revista destinada a sacudir o (mole) meio intelectual português: **«Crítica»**, mensário dirigido por Eduarda Dionísio e Jorge Silva Melo.

O primeiro número, deste mensário que irá ser posto à venda com o preço competitivo (embora não venha competir com coisa nenhuma, pois não se descortina mais nada como **«Crítica»**) de 7$50, inclui no sumário, a abrir, um texto da responsabilidade da equipa redactorial, «Que lemos hoje», seguindo-se um «Elogio do nosso teatro de revista», do jovem encenador Luís Miguel Cintra, um estudo de João Rui de Sousa dedicado a «Almada Negreiros, do inconformismo à inocência» e «Um guia do libertino» (o libertino é Luiz Pacheco) assinado por Eduarda Dionísio. Poderemos ler também «Orquestras e orquestras», de Mário Vieira de Carvalho, dois artigos sobre **«Uma abelha na chuva»** (o romance de Carlos de Oliveira visto por Eduarda Dionísio e o filme de Fernando Lopes por Jorge Silva Melo) e uma entrevista com Augusto Abelaira, romancista e director da «Seara Nova», conduzida por Luís Salgado de Matos. Recensões de livros são assinadas por J. A. Osório Mateus, Maria Alzira Barahona, Luís Miguel Cintra, Mário Vieira de Carvalho, Jorge Silva Melo e Manuel Gusmão.

PORÃO DA NAU DIRECÇÃO DE RUY CASTELAR

ABERTO TODOS OS DIAS

«HOJE» ÀS 17.00

MATINÉE PARA A JUVENTUDE

A PARTIR DAS 23.00

PODE OUVIR

PACO BANDEIRA

(O Melhor Cançonetista Português do Momento)

E DANÇAR

COM O ESPECTACULAR

«SPASH DE MÁRIO DE JESUS»

Oiça das 02.00 às 06.00, «A Noite é Nossa» em R. C. P.

o despertador do seu negócio

Marque a Grande Hora do seu negócio.
Esteja presente nas Páginas Amarelas da Lista Classificada.
O seu anúncio nas Páginas Amarelas da Lista Classificada é garantia de novos clientes que o procuram. De mais vendas. Maiores lucros.
À Grande Hora em ponto a campainha estimula o ritmo do seu negócio... e continua a estimulá-lo durante os 365 dias do ano.
Desperte a Grande Hora do seu negócio.
Esteja presente nas Páginas Amarelas.

Páginas Amarelas

Páginas Amarelas a consulta que resulta.

CINEVOZ PA-08-71

O mundo à beira da catástrofe ecológica

Paulo Francis, o mais famoso comentarista político brasileiro, é no momento bolseiro de uma instituição cultural norte-americana. Antes de viajar para os EUA, publicou um livro, «Certezas da Dúvida», a que pertence o ensaio de que publicamos aqui as passagens mais informativas sobre a catástrofe ecológica que ameaça redundar na extinção da vida humana. Pela seriedade das fontes de que se socorre o autor e pela importância dos dados recolhidos, o artigo merece profunda reflexão, antes que a resposta ao respectivo título — «O Fim do Mundo Está Aí? — se torne irremediàvelmente afirmativa.

Sabemos hoje que a população do mundo dobra de 35 em 35 anos (cada 28 anos na Africa; 24 na América Latina). No ritmo actual, seremos 4 bilhões em 1975 e 8 bilhões no ano 2010. A Terra, mesmo sob a mais justa distribuição de recursos concebível, não poderá alimentar tanta gente.

Essa, a conclusão de Paul e Anne Erlich, dois ecologistas de reputação impecável, cuja obra «Population, Resources, Environment» (População,Recursos, Ambiente) foi recentemente publicada nos Estados Unidos e analisada pelo economista Robert L. Heilbroner (autor, entre outros de «O Futuro como História», Elementos de Macroeconomia», «A Luta pelo Desenvolvimento», edições Zahar, Rio) no «New York Review of Books».

O economista Robert Thomas Malthus (1766/1834) foi o primeiro a notar que o crescimento global é geométrico, tende a duplicar-se, enquanto o desenvolvimento da agricultura não. Depois de assustar algumas gerações caíu em desgraça científica, pois ignorava a capacidade tecnológica — em suma, artificial — do homem para produzir alimentos que não dependessem exclusivamente do labor manual do camponês. Os Erlich entretanto levam em conta todos os prodigios sintéticos de que o homem é criador e herdeiro, mas observam que: um certo malthusianismo já se abateu sobre nós, porque pelo menos meio bilhão de pessoas no momento estão crónicamente famintas ou morrendo de fome, e 1,5 bilhão sub ou mal nutridas.

OS LOCUTOS

A escassez de alimentos bem entendido é apenas um dos itens arrolados pelos Erlich, indicando o nosso fim próximo, embora naturalmente um dos mais trágicos. Eles, porém definem o problema dentro de um complexo de factores em que ressalta o desequilíbrio entre a totalidade de sistemas pelos quais a vida humana é mantida e a totalidade de demandas industriais tecnológicas, agrícolas e demográficas a que estamos submetidos. A balança pende para o lado negativo. Mantidos os índices presentes de desgaste, iremos à falência ecológica.

No capítulo da superpopulação basta citar um dado: segundo o secretário-geral do Planeamento Familiar Internacional, Malcom Potts, a India contribui com um milhão mensal de novas bocas. Se, acrescenta Potts, miraculosamente (em virtude do atraso cultural daquele país), essa percentagem decaisse amanhã em 50 por cento dentro de vinte anos as crianças de agora, já em idade de procriarem restabeleceriam o milhão mensal. As massas famintas estão al mesmo, prestes a decolar, como locustos ao ataque.

Admitindo-se que num excesso inesperado de sanidade os subdesenvolvidos superpovoados adotassem as técnicas anticoncepcionais disponíveis o que levaria no mínimo uma geração quais os remédios aplicáveis agora? Em teoria existem alguns mas de custo proibitivo. O mais famoso é achamada Revolução Verde o desenvolvimento de um certo tipo de semente capaz de aumentar a presente produção por acre de terra em 200 por cento. Trata-se de coisa provada em laboratório. Acontece porém, que essas sementes requerem maciços investimentos em fertilizantes e irrigação. Se a India sózinha usasse fertilizantes no nível **per capita** da Holanda, por exemplo consumiria metade dos fertilizantes em existência no mundo. E isso exigiria que a India aumentasse em 100 por cento a sua utilização actual de fertilizantes. De onde viria o dinheiro?

O MANÁ

A irrigação, a outra componente da «Revolução» apresentadificuldades ainda maiores. No Laboratório Nacional de Oak Ridge, E. A. Mason preparou uma estimativa de custos. Seriam criados «complexos agripecuários» movidos a energia nuclear. Vinte e três fábricas teriam de tornar-se operacionais anualmente, cada qual servindo a três milhões de pessoas dentro dos índices actuais de crescimento populacional. A construção dessas fábricas tomaria cinco anos. Para cobrir a demanda presente, o mundo começaria a montar 125 unidades. Se não surgissem problemas insuspeitados e a tecnologia no papel passasse à prática, isso custaria 315 bilhões de dólares. A era em que o maná caía do céu já passou se algum dia existiu.

O GELO

Estamos, porém, todos na mesma canoa ou se preferirem a expressão do cientista behaviorista Kenneth Bouilding, no bólide-terra. Os subdesenvolvidos, em primeiro lugar, devem perder as esperanças de atingir o nível das nações avançadas do Ocidente (inclusive URSS, no caso). Para tanto, pela igualdade sonhada com os E. U. A o mundo teria de produzir 75 vezes mais ferro do que agora, 100 vezes mais cobre, 200 vezes mais chumbo e 250 vezes mais estanho. Sómente as jazidas de ferro conhecidas permitem especulações sobre e s t e fantástico incremento de produção (sem falar do capital necessário, incalculável). E isto, vale sempre acrescentam, nos níveis actuais de crescimento populacional que não mostram o menor índice de estancamento ou sequer de moderação planificada.

Mas nem por isso os ricos são, potencialmente mais felizes do que os subdesenvolvidos. O efeito cumulativo da tecnologia **existente** (que tende, lógicamente a expandir-se) está arruinando o solo, a água e a atmosfera dos donos da Terra. O exemplo mais dramático é o conteúdo de dióxifo de carbono no ar, devido, em grande parte à combustão industrial. Um relatório de 1968 da UNESCO chegou à conclusão de que o homem só tem mais vinte anos antes que o planeta se torne irrespirável em virtude da poluição do ar. Os Erlich calculam que no ano 2000, a quantidade de dióxido de carbono terá dobrado com as seguintes prováveis consequências: as massas de gelo flutuantes no Arctico derreter-se-iam, trazendo uma nova Era o Gelo; o topo do Antárctico desabaria provocando uma movimentação de correntes marítimas que inundariam tempestuosamente muitas partes da terra (com um novo dilúvio assassino) elevando o nível actual dos mares em 700 metros.

AS TREVAS

Os Erlich passam um tanto superficialmente pelo chamado holocausto nuclear, cujo resultado principal seria a destruição do Hemisfério Norte, das nações desenvolvidas. Nem eles ousam prever os efeitos que a radicactividade teria sobre afortunados sobreviventes do Sul, mas notam que aparte os problemas de superpopulação com que ficariam os subdesenvolvidos sem respal-

EXPOSIÇÃO EVOCATIVA DO PARQUE NACIONAL DA PENEDA — GERÊS

Na «Galeria de Arte Moderna» em Belém, (junto do Espelho de Água) está patente ao público, até ao próximo dia 5 de Dezembro, a exposição evocativa do Parque Nacional da Peneda — Gerês, com o seguinte horário:

de 2.as a 6.as — das 15 às 20 horas, sábados, domingos e feriados das 15 às 24 horas.

No decorrer da exposição será exibido um filme documentário com o seguinte horário:

2.as a 6.as feiras às 18,30 horas, sábados, domingos e feriados às 16,30, 21,30 e 23 horas.

(ENTRADA LIVRE)

SOMOS UMA GRANDE EMPRESA OFERECEMOS BOAS REGALIAS SOCIAIS

SERVENTES

C/ — de 26 anos, acesso a Guarda-Cabos / Fios, Porteiro, Contínuo Auxiliar de Armazém.

— Se tem a 4.ª classe e cumpriu o Serviço Militar ou ficou isento, TRABALHE CONNOSCO em Lisboa ou nos arredores.

— Respostas para GABINETE DE RECRUTAMENTO E SELECÇÃO, Rua Andrade Corvo, n.º 10-3.º andar.

ADMISSÃO IMEDIATA

Caminhos de Ferro Portugueses

informação

Serviço especial para Vila Viçosa por ocasião das festas a Nossa Senhora da Conceição no dia 8 de Dezembro de 1971

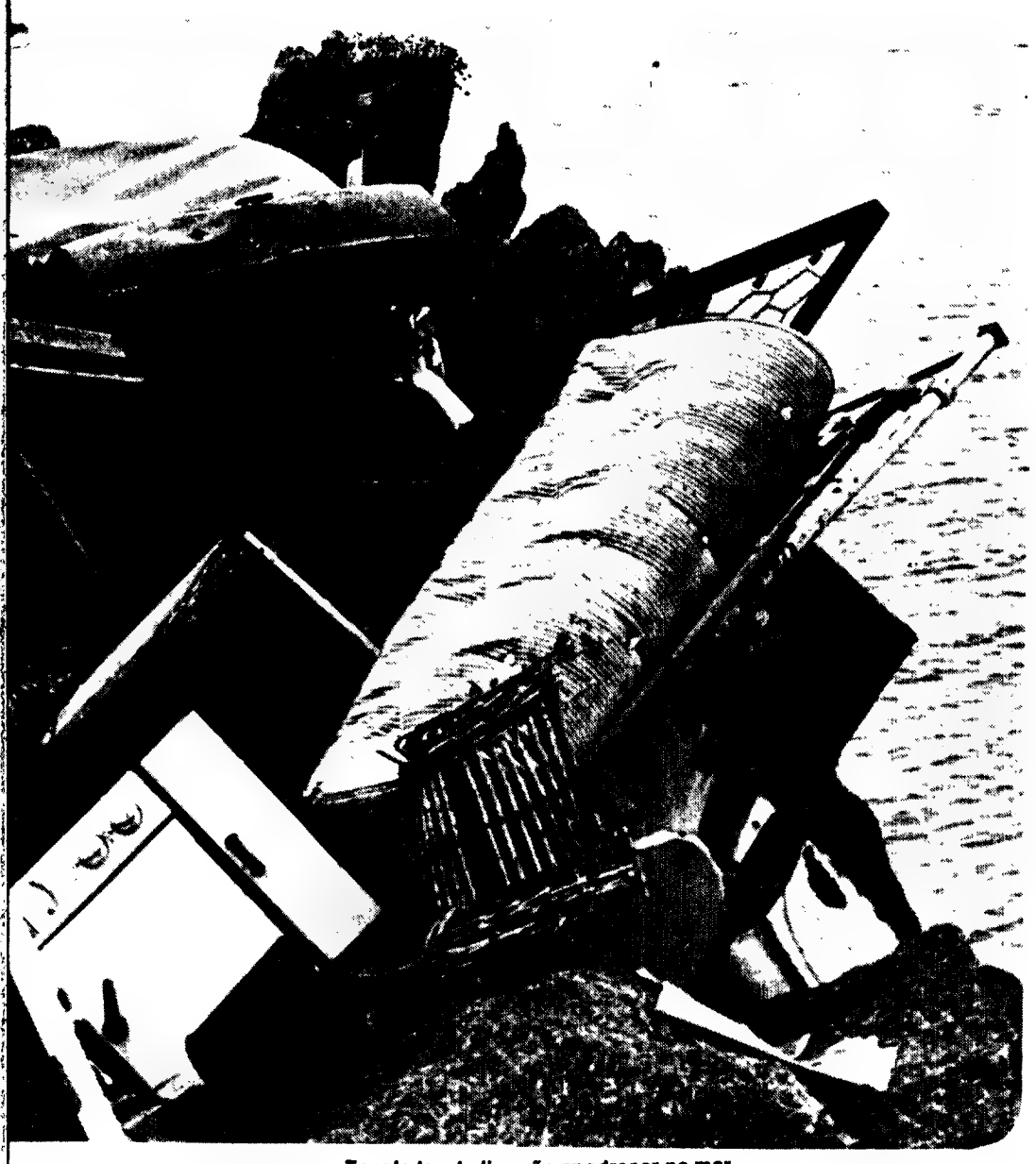
Bilhetes especiais de IDA E VOLTA a preços reduzidos.
Período de venda, em 7 e 8 de Dezembro.
Validade para regresso, em 8 e 9 de Dezembro.

A C. P. vende, em todas as estações e apeadeiros desde Casa Branca até Borba e até Portalegre, e nas estações de Lisboa (Terreiro do Paço), Barreiro, Montijo, Pinhal Novo, Vendas Novas, Montemor-o-Novo, Mora Reguengos de Monsaraz, Viana, Vila Nova da Baronia, Beja e Setúbal, bilhetes especiais, de ida e volta, a preços reduzidos, para a estação de VILA VIÇOSa.

Estações de Lisboa (Santa Apolónia) e Lisboa (Rego)

AVISO AOS SRS. EXPEDIDORES

A fim de se facilitarem, durante a quadra do Natal, a recepção e a expedição de remessas nas estações de Lisboa (Santa Apolónia) e Lisboa (Rego) e de se evitarem as aglomerações que é costume verificarem-se todos os anos durante aquela quadra, os despachos de remessas de detalhe de e com destino àquelas estações sofrerão algumas restrições, pelo que se aconselha aos Srs. expeditores a consulta, no seu próprio interesse, do aviso que se encontra afixado nas estações.



Toneladas de lixo vão apodrecer no mar

LOS ANGELES TORNA-SE INABITÁVEL

LOS ANGELES, Novembro - Segundo afirmações de um médico de Chicago, a poluição atmosférica acelera a morte por destruição lenta da capacidade do corpo humano para resistir a doenças. Concretamente causa a morte prematura por doenças do coração e pulmonares crónicas.

Dentro de poucos anos se não se desenvolverem os transportes públicos, Los Angeles sucumbirá vítima dos gases venenosos expelidos especialmente pelos carros, afirma o dr. Bertram W. Carnov, professor agregado de Medicina Preventiva é director da secção de Saúde e Higiene Social no Departamento de Medicina da Universidade de linois.

«A vossa cidade atravessa uma séria crise», disse o médico numa conferência de Imprensa em Los Angeles. Tornar-se-á uma cidade em que ninguém quererá viver excepto os poucos que resistem ao veneno e os pobres que não tiverem dinheiro suficiente para ir embora».

Carnow dirigiu recentemente em Chicago um dos mais completos estudos realizados sobre os efeitos da poluição atmosférica na saúde. «Verificámos que em dez dias de elevada poluição houve uma subida súbita e muito significativa da mortalidade nos homens com mais de 55 anos de idade», explica. «Em matéria de doenças respiratórias verificou-se que duplicaram as mortes durante este período. E nos casos de bronquite e enfisema, no mesmo período, as mortes quadriplicaram.

Também se registou uma acentuada subida de casos mortais, durante esses dez dias de poluição, nas doenças cárdio-vasculares. Em média morreram diáriamente mais oito pessoas com doenças da artéria coronária do que é normal.

O estudo em causa foi levado a cabo durante o mês de Janeiro. A cidade de Chicago foi dividida em áreas de uma milha quadrada e fizeram-se medições da poluição atmosférica em cada uma das regiões assim determinadas.

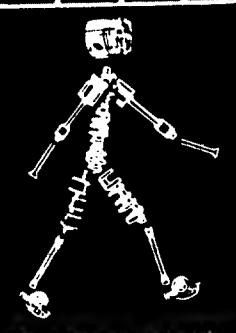
O maior número de mortes durante os dez dias de elevada poluição não tem qualquer ligação com temperaturas excessivamente altas ou baixas. Carnow disse ainda que quer o seu, quer outros estudos, provam que a poluição atmosférica torna o indivíduo mais sujeito a infecções. Um outro estudo provou que 30 por cento dos animais morrem após ficarem expostos a germes de pneumonia. No entanto, «se os animais tiverem sido préviamente expostos ao dióxido de carbono (um dos poluentes do ar) durante 30 segundos, e depois forem postos em contacto com o vírus pneumónico, morrerão todos», afirmou Carnow.

o tecnológico, a maior parte o **Know-how** dos desenvolvi- os pereceria com os povos do orte, obrigando a humanida- ao retorno à era das trevas. Os Erlich preferem fixar-se o presente. Cito-os textual- ente: «A maioria do leite ma- rno consumido nos E. U. A. ria condenada pelas autorida- s sanitárias se vendido co- ercialmente como leite de va- , tal o índice de DDT que ntém». Os novos pesticidas ímicos penetraram na estru- a orgânica da população do ndo. Não tanto como nos U.A. em algumas regiões, mas sim mesmo a Organização ndial da Saúde estima que da a criança de hoje ingere dobro do permissível em DDT r uma fonte ou outra. Heil- oner cita aqui uma vinheta riosa: arqueólogos descobri- m que o revestimento de umbo usado nas taças dos nhores romanos envenenou ande parte dos bebedores contribuindo talvez em parte para a decadência do Império, na gandaia que se tornou a regra na sociedade pós-Marco Aurélio.

Mas há mais do que pesticidas no ar e na carne dos ricos. Barry Commoner, outro ecologista prevê que dentro de 50 anos o uso de fertilizantes nos E. U. A. terá **destruido totalmente** (sic) a fertilidade do solo, ou levará à poluição completa das reservas nacionais de água. Transportes aéreos gigantescos, do tipo SST, além de nos ensurdecerem modificarão formações de nuvens e o clima da Terra. Isto sem falar de velhos problemas como a fumaça das fábricas, o lixo industrial descarregado em lagos e mares e o desperdício que se acumula na Terra, apodrecendo-a.

A negra perspectiva levantada pelos Erlich tem suas nuanças de luz. E, como nota Heilbroner, entre 10 e 12 por cento da colheita indiana são devorados por ratos, o que é corrigível com um mínimo de eficiência (em outras regiões atrasadas, insectos variados fazem o mesmo serviço, às vezes consumindo metade das colheitas).

Mas factos são factos. A Terra simplesmente não aguenta 4 bilhões de habitantes em 1975 com a tecnologia disponível (que, como vimos também é um factor de aniquilamento da espécie).

ASSISTENCIA OFICIAL
FIAT

Assistência rápida, incluindo as revisões grátis: abrangidas pela garantia
FENIX
R. Palmira, 62-A — Tel. 844169

— AJUSTADORES
— CANALIZADORES
— CARPINTEIROS DA CONSTRUÇÃO CIVIL
— CARPINTEIROS DE MOLDES
— CARPINTEIROS DE COFRAGENS E ARMADURAS
— ELECTRICISTAS-AUTO
— ELECTRICISTAS DE BAIXA TENSÃO
— ESCRITURÁRIOS-DACTILÓGRAFOS
— FRESADORES
— FUNDIDORES-MOLDADORES MANUAIS
— MECÂNICOS-AUTO
— PINTORES METALÚRGICOS E DE AUTOMÓVEIS
— REPARADORES DE MÁQUINAS AGRÍCOLAS
— SERRALHEIROS CIVIS
— TORNEIROS

— Se tem bons conhecimentos da sua profissão
— Se gosta de ensinar
— Se quer iniciar uma carreira atraente

O Serviço de Formação Profissional tem para si um lugar de **Monitor**.

Para um total esclarecimento das condições de admissão, natureza da actividade, programa de concurso, vencimentos, etc., contacte até ao próximo dia **30 de Novembro** qualquer dos Centros das Divisões Regionais do Serviço Nacional de Emprego espalhados pelo País.

TEM FALTA DE ESPAÇO NO SEU LAR?
Artis
Dispõe de técnicos e oficinas próprias para executarem por desenhos
MÓVEIS
MODERNOS OU DE ESTILO
Apropriados para espaços reduzidos
Rua Maria Andrade, 64
perto da Igreja dos Anjos
Tel. 84 87 19

BRILHANTES
De qualquer tamanho e preço, compramos. Pagamos muito bem.
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

CALÍGULA
por
ALBERT CAMUS
BR. 45$
ENC. 65$
editado por
LIVROS DO BRASIL
Rua dos Caetanos, 22 — Lisboa
À venda nas Livrarias

ANALISTAS DE SISTEMAS

Pretende grande organização bancária para ingresso nos seus quadros.

São condições de admissão:

1 — Licenciatura Ciências Económicas ou frequência de últimos anos do Curso.

2 — Prática de programação e de desenho de sistemas.

Resposta com «curriculum vitae» detalhado, indicando n.° de anos de experiência, idade, situação militar.

Guarda-se sigilo absoluto.

RESPOSTA A ESTE JORNAL AO N.° 934

MULHER

Assim vai a moda

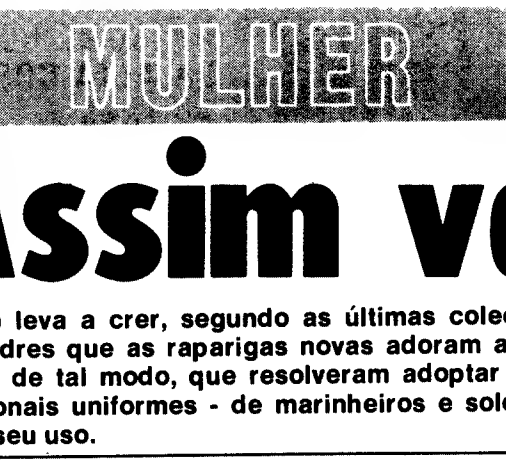
Tudo leva a crer, segundo as últimas colecções de Londres que as raparigas novas adoram as fardas. E, de tal modo, que resolveram adoptar estes tradicionais uniformes - de marinheiros e soldados - para seu uso.

Para esta estação, a influência marcante é a do exército, com os seus cackis coloridos, carteiras a condizer, como os sacos de campanha e fatos de calça e clouson comprido, ornamentados com galões, de acordo com o posto que se pretende imitar.

Para a Primavera é a vez da marinha, pelo que tudo parece com um toque náutico, desde os vestidos decorados com âncoras e peixes, ao boné de marujo, passando pelas decotadíssimas blusas, com pequenas algibeiras, onde aparece bordado o posto do oficial. Isto sem falar das ultra mini-saias, que os marinheiros não usam, mas que as jovens acharam por bem acrescentar ao seu guarda roupa primaveril.

Aguardemos, pois, a chegada da estação quente, para podermos observar, bem de perto, as surpresas que nos reservam as mais novas, passeando-se pelas ruas como o mais «simpático» dos marinheiros.

compre já!
no melhor
preço
uma cozinha
AEG



ADAPTÁVEIS A QUALQUER ESPAÇO

Casa Júnior
AGENTE AUTORIZADO
RUA DO ALECRIM, 19 A · 21 A · TEL: 32 10 53
RUA DE S.PAULO, 29, 1º · TEL : 32 86 63 · LISBOA
Belarte

ler... e depois?

DOM QUIXOTE

NOVEMBRO

ENTRE DUAS MEMÓRIAS
CARLOS DE OLIVEIRA
Um novo livro de poemas. Uma concepção cada vez mais ampla e criadora de realismo. Col. CADERNOS DE POESIA. vol. 21 30$00

O FIM DA HISTÓRIA
HENRI LEFEBVRE
Hegel, Nietsche e Marx e as incidências dos seus pensamentos na Filosofia da História. Um livro polémico de um dos mais criadores estudiosos do marxismo. Col. UNIVERSIDADE MODERNA, vol. 20 60$00

A LÓGICA DA VIDA
FRANÇOIS JACOB
Os resultados das investigações de F. Jacob, Prémio Nobel de Medicina 1970. Uma excelente medida dos problemas que se põem a um materialismo moderno. Col. UNIVERSIDADE MODERNA, vol. 19 95$00

O DIREITO À PREGUIÇA
PAUL LAFARGUE
O primeiro, e grande clássico, dos estudos respeitantes aos «tempos livres», escrito por Paul Lafargue, genro de Marx e militante nas lutas políticas do seu tempo. Col. DIÁLOGO, vol. 15 30$00

VIETNAME
— ANTES DA PAZ
Novos factores começam a actuar no problema do Vietname. Os Cadernos Dom Quixote impuseram-se o objectivo de manter o leitor informado. Col. CADERNOS DOM QUIXOTE vol. 41 30$00

ANTOLOGIA BREVE
PABLO NERUDA
Reedição da antologia — poemas seleccionados e traduzidos por Fernando Assis Pacheco — que revelou, em 1969, ao leitor português, PABLO NERUDA, Prémio Nobel de Literatura 1971. Col. CADERNOS DE POESIA. vol. 2 30$00

PUBLICAÇÕES DOM QUIXOTE
RUA LUCIANO CORDEIRO 119 LISBOA

Receita de loções adstringentes

Para tonificar as peles oleosas e sobretudo contrair os poros dilatados, empregam-se loções chamadas adstringentes. De preparação muito fácil, qualquer pessoa as poderá fazer, utilizando para o efeito, algumas plantas e ervas. Eis 5 dessas receitas:

1 - Misturar. 140 gr. de casca de freixo num litro de água fria. Levar ao lume, deixar ferver durante dez minutos e filtrar. Pode utilizar esta receita também como loção.

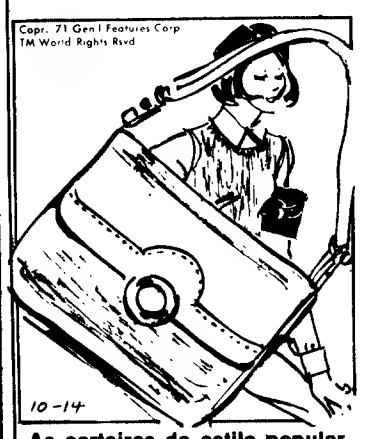
2 - Introduzir 25 g, de folhas de silva num litro de água fria. Levar ao lume, deixar ferver durante dez minutos e filtrar. Utilizar a solução de manhã, ao levantar e, antes de ir para a cama.

3 - Máscara de morangos: Para dar mais suavidade a uma pele um pouco oleosa e rejuvenescer o rosto, juntar a três colheres das de sopa de sumo de morango, uma colher e meia de leite fresco, um pouco de bicarbonato de soda e uma clara de ovo, batida em castelo. Misturar bem e aplicar este preparado no rosto, antes de deitar. Deixar em repouso durante 1/4 de hora e retirar, em seguida, com água morna.

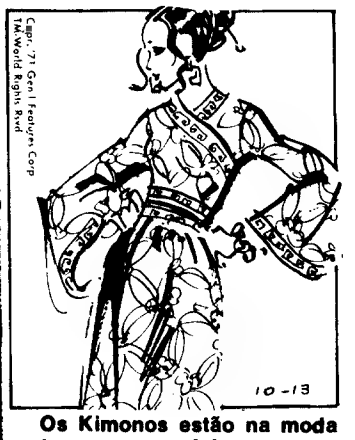
4 - Leite de morangos: Esmagar uma porção de morangos bem maduros e misturar sumo de limão (meio copo), depois de filtrado. Juntar a esta mistura algumas gotas de água-de-colónia e uma pitada de bórax em pó, misturando, em seguida, com 1/4 de leite fresco. Este leite adstringente torna a pele mais acetinada. Pode aplicá-lo de manhã e á noite, como loção, depois de limpar a pele, cuidadosamente.

5 - Juntar num litro de água fervente um punhado de tomilho fresco e outro de alecrim. Deixar em infusão durante dez minutos e filtrar, em seguida. Esta aromática loção pode ser utilizada com qualquer espécie de pele, como simples produto para a lavagem do rosto.

HORÓSCOPO DA MODA

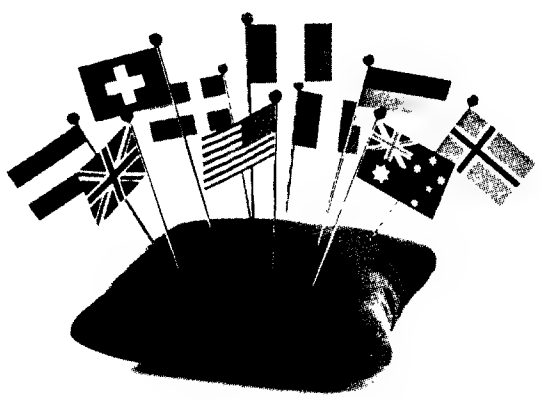


As carteiras de estilo popular, da década de 1940, voltam a ser sucesso, nos dias Primaveris do próximo ano. As mais bonitas são as brilhantes de cores vivas.



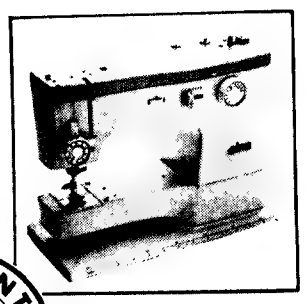
Os Kimonos estão na moda outra vez, especialmente para as tardes de reunião familiar ou com amigos. Para dar um toque bem oriental, poderá pôr longas unhas postiças, estilo mandarim.

COLISEU HOJE ÀS 21.30
Grupo A 6 anos
3.ª COMPANHIA INTERNACIONAL
CIRCO
Os famosos voadores Alizés/O grande equilibrista Fattini/Mr. Bauer e os seus ferozes leões/Um emocionante número de tiro ao alvo/ Palhaços musicais e outros números de grande sensação
Preços populares - Bilhetes à venda



Campeã do mundo
24 vezes em 1º lugar!

Submetida a testes internacionais neutros, a «ELNA» classificou-se em 10 Países, 24 vezes em 1.º lugar. Este record mundial traduz, por si só, a superioridade da «ELNA». Faça você mesma uma experiência. À venda nos agentes oficiais e nas boas casas de electrodomésticos



Distribuidores: Organizações CANCELA Rua Oliveira Martins, 31-C — Lisboa-1 com filiais e agências em todo o país

UM PRESENTE É BOM — Uma Elna é ainda melhor!

elna
Marca novos pontos sem parar

plm/adapt.

O QUE HÁ NA COZINHA

Ensopado de enguias

1 kg de enguias
3 cebolas grandes
1 alho
meia folha de louro
700 g. de tomate
1/2 dl de azeite
2 colheres de banha
1 colher de sopa de manteiga
2 dl de vinho branco
sal, pimenta, colorau doce, oregãos
e fatias de pão torrado, q.b.

Cortam-se as cebolas em rodelas muito delgadas e levam-se ao lume juntamente com o azeite, a banha e o alho picado. Vai-se sempre mexendo e, logo que a cebola comece a ficar loura, adicionam-se os tomates, prèviamente pelados, limpos das sementes e cortados em rodelas. Tempera-se com sal, pimenta, uma pitada de oregãos desfeitos nos dedos, duas pequenas porções de colorau e o louro. Deixa-se refogar, mexendo sempre, colocam-se em cima as enguias cortadas em pedaços e, depois de ferverem cinco minutos, regam-se com o vinho e tapa-se o tacho. Deixam-se ferver mais 5 minutos, em lume brando para apurar o molho.

Depois de prontas, deitam-se numa travessa ou numa terrina de servir à mesa, onde se colocaram anteriormente as fatias de pão torrado.

Conselhos do cozinheiro

- A carne de porco perde menos volume, quando assada num tacho de barro.

- Se o café ferveu, junte-lhe meia chávena de água antes de o deitar nas chávenas.

- Se o gelado apresenta dificuldade em sair da forma, vire-o sobre o prato onde tenciona servi-lo e coloque no fundo do mesmo um pano limpo, ensopado em água muito quente.

- Se o queijo se apresenta muito seco, embrulhe-o, algumas horas antes de o servir, num pano embebido em vinho branco, muito quente.

- Se a alface está murcha, e não tem muito bom aspecto para a salada, mergulhe-a, durante alguns minutos, em água quente.

Caminhos de Ferro Portugueses

informação

Na sequência das medidas de racionalização da nossa exploração ferroviária, deixam de estar guarnecidas, a partir do dia 1 de Dezembro de 1971, as seguintes estações e apeadeiros:

Vilar do Rei
Branca
Ganfei
Verdoejo
Sabugosa
Castelo Melhor
Lapela

A venda de bilhetes aos Srs. Passageiros embarcados nas estações e apeadeiros acima indicados passará, a partir de 1 de Dezembro, a ser feito pelo revisor em trânsito, sem qualquer aumento.

Pelo mesmo motivo, estas estações e apeadeiros deixam de receber e expedir bagagens e remessas de detalhe, continuando, porém Sabugosa, Castelo Melhor e Lapela, a receber e expedir vagões completos. Para o efeito, os interessados devem dirigir-se, respectivamente, a Parada de Gonta, Almendra e Monção.

LIVROS DE BOLSO

(POR CADA 10 EXEMPLARES OFERECEMOS 1)

BIBLIOTECA POPULAR MINERVA

Selecção das obras mais populares e apreciadas de todos os tempos

VOLUMES PUBLICADOS:

1- 3 — OS TRÊS MOSQUETEIROS, por Alexandre Dumas
4- 7 — O CONDE DE MONTE CRISTO, por Alexandre Dumas
8-10 — A FERRO E FOGO, por Henryk Sienkiewicz
11-18 — OS MISERÁVEIS, por Victor Hugo
19 — A TULIPA NEGRA, por Alexandre Dumas
20-25 — GUERRA E PAZ, por Leão Tolstoi
26-27 — NOSSA SENHORA DE PARIS, por Victor Hugo
28-29 — SALAMBÔ, por Gustavo Flaubert
30-33 — AS MIL E UMA NOITES (Contos Orientais)
36-39 — A TÚNICA, por Lloyd C. Douglas
40-43 — O DILÚVIO, por Henryk Sienkiewicz
44-46 — RESSURREIÇÃO, por Leão Tolstoi
47-50 — OS POSSESSOS, por Dostoievsky
51-54 — DOM QUIXOTE DE LA MANCHA, por Miguel Cervantes
55-58 — VINTE ANOS DEPOIS, por Alexandre Dumas
59-60 — O NOVENTA E TRÊS, por Victor Hugo
61-62 — A MÃO DO FINADO, por Alexandre Dumas
63-65 — ANA KARENINA, por Leão Tolstoi
66-69 — A TORRE DE NESLE, por Michel Zévaco
70-75 — MADAME SANS-GÊNE, por Edmond Lepelletier

Cada volume com cerca de 250 págs. e capa ilustrada a 4 cores, 12$50

EDITORIAL MINERVA - LISBOA

À venda em todas as Livrarias e Papelarias

FRANK

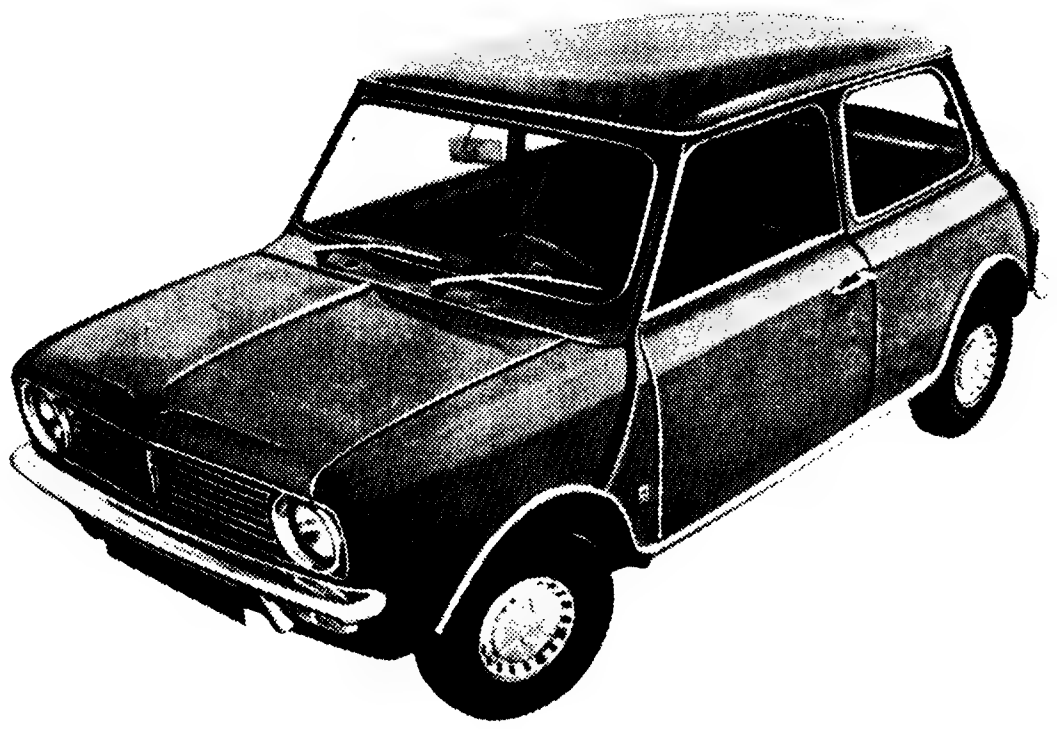
UM NOME NOVO DA ALTA COSTURA BRITÂNICA

Entre a enorme gama de costureiros que lançaram colecções para o Outono, surgiu Franka, um jovem estilista e desenhador, que está já a dar que falar.

É sua criação este confortável casaco de abafo, em lã amarela, com debrum a preto. De notar as gigantescas algibeiras em forma de saco, terminando por uma paleta, em bico.

A completar o conjunto, um chapéu em raposa preta.

COMPRE NO APOLO 70 E GANHE 1 AUTOMÓVEL



Ao efectuar as suas compras nas lojas do Drugstore Apolo 70, (lojas assinaladas como participantes neste concurso), por cada compra no valor de 100$00 receberá um verbete, que o habilita ao sorteio de um automóvel Morris — Clubman.

Ao preferir o Drugstore Apolo 70 para as suas compras, está a poupar tempo, pois a grande variedade de lojas de que dispõe, permitem que, num mínimo de tempo, e aos melhores preços, compre os artigos mais diversos, e, sem sair do Apolo 70 pode ver um bom filme e almoçar ou jantar.

A recepção dos verbetes termina no dia 28 de Dezembro e o Sorteio terá lugar no Drugstore Apolo 70 no dia 30 do mesmo mês às 18 horas.

VEJA EM EXPOSIÇÃO NO DRUGSTORE **APOLO 70**
O MORRIS CLUBMAN QUE PODE SER SEU

Novo
splendesto
um passo em frente

- nova contextura
- agora ainda mais resistente
- com maior duração

Apresentadas por
regojo®

Stoffels

DISTRIB EXITO

depois de 10 anos de sucesso é ainda a melhor camisa que não precisa ser passada a ferro

Stoffel Ltd., St. Gall, Switzerland – a division of Burlington Industries

CINEMA NO MUNDO

Ser um bom actor, segundo se concluíu agora em Hollywood, não significa necessàriamente um êxito assegurado na televisão. Assim o demonstra a suspensão da série em que participava Rod Taylor, intitulada «Bearcats», a de Shirley McLaine («Shirley's World») e ainda o fraco entusiasmo pelas séries de que são estrelas Tony Curtis e Anthony Quinn.

Jacques Demy, cujo último filme, «A Pele de Burro», com Catherine Deneuve, é um dos maiores êxitos actuais em França, já iniciou nova película baseado no «Conto do Flautista» de Hamelin.

O prestigioso cineasta argentino Leopoldo Torre-Nilson começou a rodar em Buenos Aires um filme intitulado «A Mafia», com Alfredo Alcon, Thelma Biral e China Zorrilla.

Com a presença da Rainha Isabel II da Inglaterra, vai ser apresentado no Odeon de Londres, dia 27, em estreia mundial de gala, no quadro da «Royal Film Perfomance», a película «Mary, Queen of Scots», com Vanessa Redgrave no papel de Maria Stuart e Glenda Jackson no de Isabel I.

Em Fevereiro começam em Vera Cruz, México, as filmagens de uma co-produção franco-mexicana, «A Mulher que Veio do Mar» com Catherine Deneuve no principal papel.

Por «incompatibilidade» entre os organizadores do Festival Internacional de Curta Metragem de Tours e o presidente da Câmara Municipal local, aquele tradicional certame não será realizado este ano em Tours, mas em outra cidade ainda por designar. Soube-se terem sido de carácter ideológico as divergências surgidas.

O realizador norte-americano Daniel Mann está a dirigir, nos subúrbios da capital mexicana, o filme «Os Vingadores», com William Holden, Ernst Borgnine e Susan Hayward.

Ignácio Iquino terminou em Madrid as filmagens de «A Liga Não é Coisa de Homens», uma sátira ao futebol, e vai agora dirigir um «western» intitulado «Foi a sua pistola que o levou à morte».

O Festival Internacional do Filme, de Londres, é um dos três que fazem parte do calendário de Novembro e que foi iniciado no último dia 15. Os outros são o de Leipzig e o de Bilbau, ambos dedicados às curtas metragens.

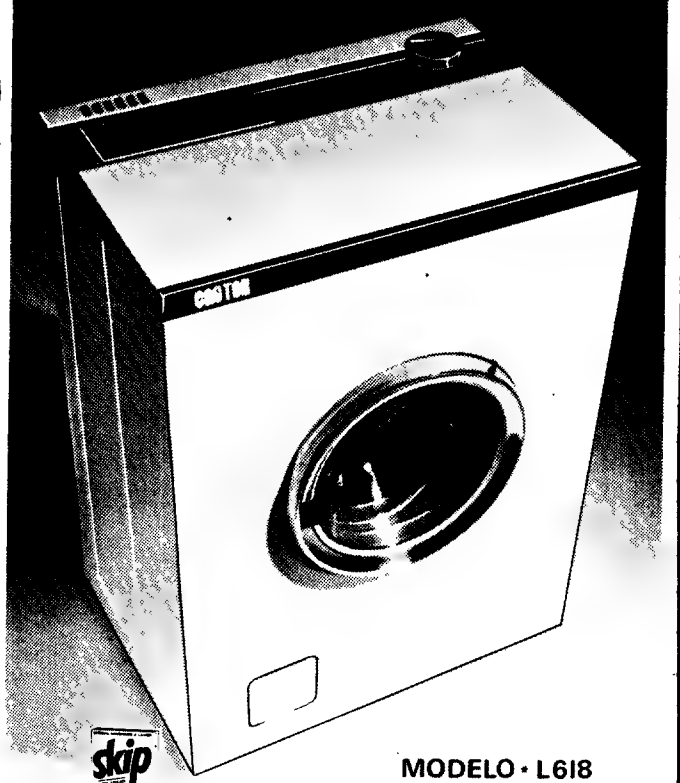
Eriprando Visconti dirige em Roma «O Verdadeiro e o Falso», com Paola Pitágora, Terence Hill e Martin Balsam.

Ryan O'Neal, o actor-revelação de «Love Story», é o parceiro de Barbra Streisand no filme «What's Up Doc?», que já está a ser rodado em Hollywood.

George Cukor, o veterano cineasta de quem a televisão portuguesa tem últimamente exibido filmes da década de 30, volta às lides: vai dirigir «Viagens com minha Tia», de Graham Greene, com Katherine Hepburn e Philippe Noiret.

O produtor Samuel Bronston, ainda que em estado de falência, continua activo na Espanha. Agora prepara a produção de mais um filme de grande espectáculo, «Fernando e Isabel», com John Philip Law e Glenda Jackson nos papéis, respectivamente, do Rei de Aragão e da Rainha de Castela.

VEJA OS 5 novos modelos
DAS MÁQUINAS DE LAVAR ROUPA
CASTOR



MODELO · L618

USE skip

SÃO REALMENTE SENSACIONAIS!

Características comuns a todos os 5 modelos:

2 ciclos biológicos — economizador automático
• Ciclo «lã virgem»
• simplicidade de comandos
• superautomatismo absoluto
• máquinas silenciosas, sólidas e seguras.

À Venda nos Agentes Oficiais.

PUBLIARTE

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS
RAFAEL BURGUETE, LDA. · LISBOA · PORTO

Câmara Municipal do Concelho de Loures

AVISO

NOVOS LOTEAMENTOS CLANDESTINOS

A Câmara Municipal de Loures torna público que não se encontra aprovado para a área do Concelho qualquer loteamento para terrenos destinados a construção urbana negociados pelos senhores:

JOAQUIM MATIAS DE ALMEIDA

Residente na Rua Vasco da Gama, Vale de Figueira, actualmente com loteamento em: Vale de Figueira — S. João da Talha.

JÚLIO MIGUEL REDUTO

Residente na Rua Dr. João Gomes Patacão, Moscavide, actualmente com loteamento em: Vinha Grande — Santa Iria de Azóia.

JOSÉ ANTÓNIO AZEVEDO

Residente na Calçada de Santana, em Lisboa, actualmente com loteamento em: Caneira — Pirescoxe.

Avisam-se, pois, todos os possíveis adquirentes de lotes em tais condições que não lhes será autorizada qualquer edificação nesses terrenos, e todas as que surgirem serão demolidas por falta de licença camarária de obras de urbanização, que a Câmara não executará.

É ainda propósito da mesma exigir para os infractores o correspondente procedimento judicial, nos termos do Decreto-Lei, n.º 46 673, de 29 de Novembro de 1965.

Secretaria da Câmara Municipal de Loures, 15 de Novembro de 1971.

O Presidente da Câmara
LUIZ FILIPE DE NORONHA DEMONY

Uma agência para reeleger Nixon

Por JULES WITCOVER — Exclusivo «The Los Angeles Times» - «D.L.»

WASHINGTON, Novembro — A Casa Branca tem em vista criar a sua própria agência de publicidade, a fim de esta organizar a campanha presidencial de Richard Nixon, tanto na Imprensa como na televisão, para as eleições de 1972.

A agência actuaria a título particular, com um único cliente, mas dependeria da organização responsável pela campanha presidencial de Nixon, que já está a funcionar num prédio mesmo em frente da Casa Branca. Será dirigida por um especialista em publicidade, proveniente de Los Angeles e que chegará dentro em breve a Washington para se pôr à frente do sector propagandístico do «Comité para a Reeleição do Presidente».

Harry Treleaven, responsável pela campanha junto dos «mass media» em 1968, também foi abordado, e poderá vir igualmente a exercer destacado papel dentro daquela agência, a qual fará com que o presidente Nixon possa economizar uns dois milhões de dólares em comissões de empresas de publicidade.

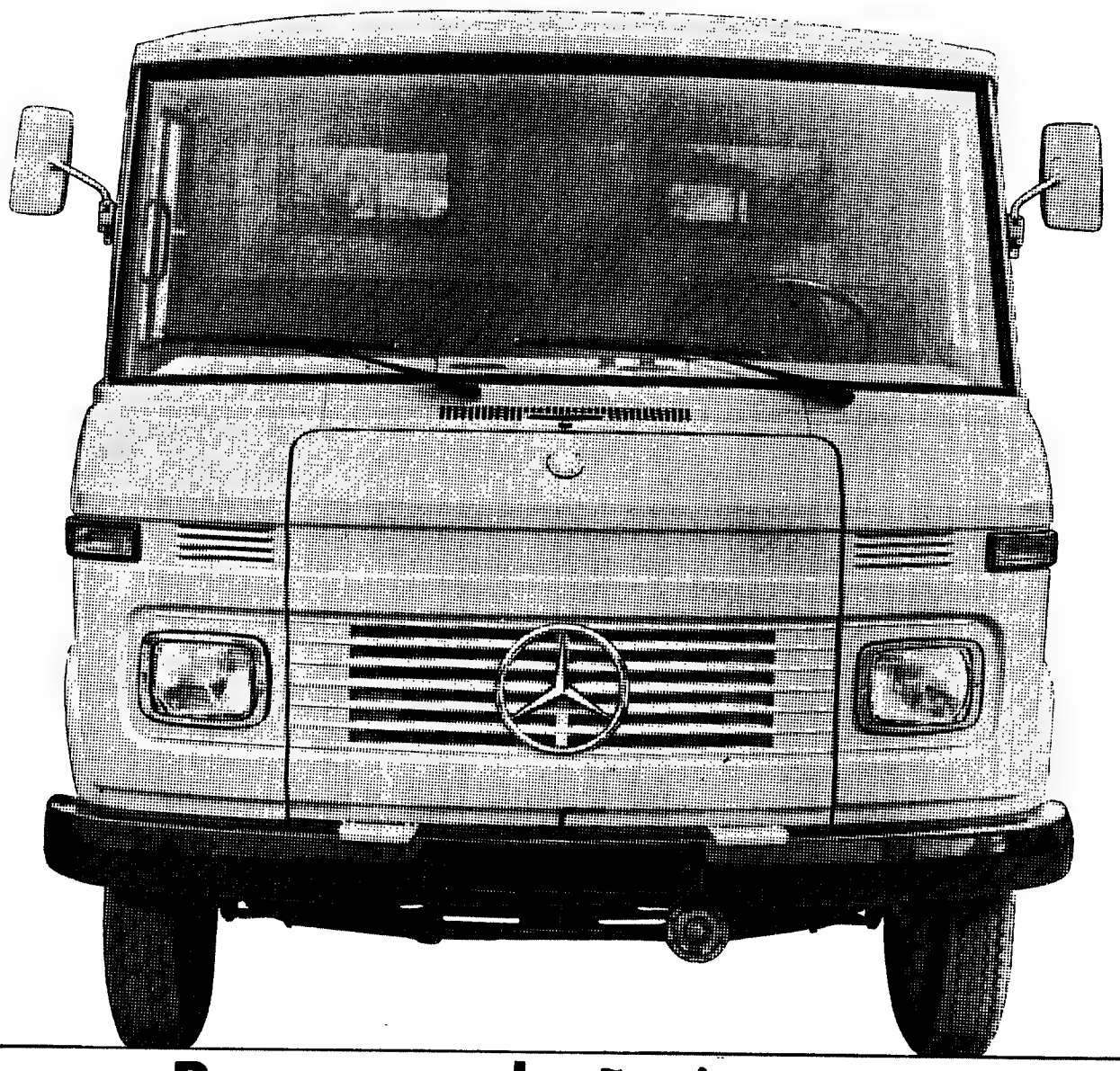
Sabe-se ainda, de fontes republicanas, que três antigos colaboradores do presidente Nixon na campanha de 1968 poderão vir juntar-se à nova agência. Trata-se de Frank Shakespeare, actual director da Agência Americana de Informação, Leonard Garment, funcionário da Casa Branca, e Roger Ailes, especialista da Televisão. Para o poderem fazer, Shakespeare e Garment terão de se demitir dos cargos oficiais que hoje ocupam.

São dois os pontos de vista a desempenhar relevante papel no projecto de fundação de uma agência de publicidade, posta sob o signo de «Eleja Nixon». Por um lado a agência será inteiramente controlada pelos colaboradores do presidente na Casa Branca; por outro, a mesma terá direito, como todas as agências de publicidade, a uma comissão de 15 por cento no material divulgado pelos jornais, rádio e a televisão.

Para um orçamento de 18 milhões de dólares isso significaria um bónus de 2,7 milhões de dólares, os quais entrariam na caixa da organização «Eleja Nixon».

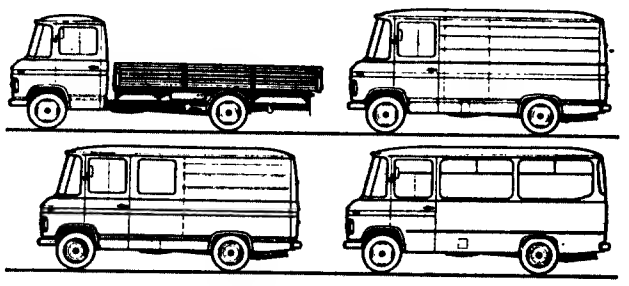
Em 1968 aquela importância foi distribuída pelas diversas agências que se encarregaram das eleições primárias e geral e, além disso, a equipa de Nixon teve de contratar os serviços de especialistas como Treleaven, Shakespeare e Ailes para organizar e planificar a referida campanha.

Em transporte comercial
(na linha de 3.500 Kg de peso bruto)
só tem que decidir no modelo.



Porque a solução é sempre
uma Mercedes-Benz L406 D/Diesel

Dinâmicas, versáteis, robustas e com grande disponibilidade de espaço e volume interior, as Mercedes-Benz L 406 D são realmente a melhor solução para qualquer problema de transporte, dentro da linha dos 3.500 kg de peso bruto. A variedade de modelos existentes — camioneta, furgão; mista de passageiros e carga, ambulância e autocarro para 20 a 24 pessoas, sempre patenteando no mais pequeno pormenor a mais alta qualidade técnica Mercedes-Benz, além de proporcionarem para cada caso a solução mais indicada, caracterizam-se pela sua excepcional facilidade de condução, elevada carga útil e economia de consumo. Assim, se entregar à Mercedes-Benz o problema do seu transporte comercial, nunca mais precisará de pensar nele.



Mercedes-Benz

C. SANTOS S.A.R.L.
Rua de Artilharia Um, 101-A, 101-B — Lisboa
Porto - Coimbra - Braga - Faro - Olhão
Agentes em todo o País

PUBLIFIRMA

PARA O PERIODO DE 21 A 27 DE NOVEMBRO

horóscopo

pelo astrólogo HORUS

Aries

(21 de Março a 20 de Abril)

AMOR: Não se preocupe antecipadamente com dificuldades que tal vez nunca venham a surgir. Adopte uma atitude de prudência mas não subordine a sua vida amorosa actual a possíveis problemas futuros. No plano familiar tudo corre de maneira mais ou menos normal.

DINHEIRO: Os seus interesses económicos serão eficientemente protegidos pelas suas influências astrológicas para esta semana. Tudo correrá bem neste capítulo.

PROFISSÃO: Entregue-se com todo o amor e coragem às suas actividades profissionais, à realização dos seus projectos, tarefas e empreendimentos, pois o seu trabalho será muito fecundo e produtivo. Obterá resultados bastante superiores áquilo que esperava.

SAÚDE: O seu estado de saúde será bastante razoável, não se notando indicações de enfermidades ou complicações sérias. No entanto continue a usar de cuidado.

Taurus

(21 de Abril a 21 de Maio)

AMOR: A sua vida amorosa atravessa neste momento um período deveras crítico, durante o qual poderá ver comprometidas todas as suas possibilidades de resolver a situação de maneira favorável para os seus interesses e desejos. Adopte uma atitude de vigilância e de reserva, até poder encontrar a solução mais viável e satisfatória.

DINHEIRO: Terá oportunidade de levar a cabo novos empreendimentos ou iniciativas, que realmente resultarão muito proveitosas, sob o ponto de vista económico.

PROFISSÃO: O seu cérebro estará a trabalhar muito acertadamente, durante esta semana, dando-lhe a possibilidade de discernir as melhores soluções para os problemas que presentemente enfrentam, no domínio das suas actividades profissionais. Poderá consolidar a sua posição, estabelecendo-a em bases mais sólidas e compensadoras.

SAÚDE: O período em curso apresenta-se bastante favorável para si, no que se refere à sua saúde, não havendo nada de desagradável a registar nesse capítulo.

Gemini

(22 de Maio a 21 de Junho)

AMOR: Não tente resolver precipitadamente os seus problemas actuais, no domínio dos seus assuntos e interesses sentimentais, pois não conseguiria nada por esse sistema. O momento exige calma e reflexão e não impulsividade. Use de paciência, pois poderá assim resolver, em condições satisfatórias, todas as suas dificuldades.

DINHEIRO: Os resultados obtidos durante a semana passada, só resultarão favoráveis esta semana, se souber ter muita orientação e atitudes sensatas. Equilibre o seu orçamento e não se meta em aventuras, que dariam mau resultado.

PROFISSÃO: Terá uma certa tendência a desprezar os métodos que costuma usar habitualmente, no sector das suas actividades profissionais. No entanto será inclinado a preferir outros métodos que na realidade não serão mais produtivos nem mais eficientes do que os anteriores. As mudanças são necessárias e úteis mas só quando se impõem por si.

SAÚDE: Use de muita prudência durante a semana em curso, pois será exposto a complicações de certa gravidade.

Cancer

(22 de Junho a 22 de Julho)

AMOR: As suas influências planetárias para esta semana apresentam-se duma maneira geral pouco favoráveis para os seus interesses, no que diz respeito à sua vida sentimental, sendo provável que as coisas não corram à medida dos seus desejos. No capítulo familiar e doméstico a situação será igualmente um tanto crítica, cheia de dificuldades.

DINHEIRO: Período francamente desfavorável para si, no plano económico. Os ganhos serão bastante inferiores aos gastos, o que terá como resultado o desequilíbrio do seu orçamento.

PROFISSÃO: Adopte uma atitude de absoluta prudência, no que se refere à sua vida profissional, pois está na eminência de sofrer prejuízos e contrariedades muito importantes. Não tome decisões precipitadas nem perca o sangue frio, pois será essa a única maneira de limitar as perdas.

SAÚDE: O seu sistema circulatório poderá durante esta semana sofrer sérios desarranjos no seu funcionamento. Tome as precauções necessárias.

Leo

(23 de Julho a 22 de Agosto)

AMOR: Período mais ou menos normal, no que se refere aos seus assuntos sentimentais. Tudo se passará de acordo com os hábitos criados, não havendo motivos para recear uma alteração brusca da situação. As suas relações familiares, por seu turno, evoluirão num sentido progressivo.

DINHEIRO: Período de tranquilidade, no aspecto financeiro. Embora os seus ganhos não aumentem, haverá talvez uma pequena redução das despesas, o que virá melhorar a sua situação.

PROFISSÃO: É provável que lhe sejam feitas promessas muito interessantes, no âmbito das suas actividades profissionais. No entanto não se precipite a aceitá-las, estude-as primeiro com toda a atenção, pesando todos os prós e contras, de maneira a poder tomar uma decisão acertada.

SAÚDE: Não se observam alterações importantes do seu estado de saúde, durante a semana em curso. Tudo correrá normalmente neste capítulo.

Virgo

(23 de Agosto a 22 de Setembro)

AMOR: Deixe que os seus assuntos de natureza amorosa vão evoluindo naturalmente, sem pressões, sem pretender precipitar os acontecimentos, pois tudo acabará por se solucionar no sentido que deseja. Use de cuidado em relação a algumas pessoas do seu círculo de relações sociais, pois alguém pretenderá prejudicar a sua situação familiar.

DINHEIRO: Não se preocupe com os resultados que possam advir duma atitude audaciosa da sua parte, no plano financeiro. A sua audácia será muito bem sucedida.

PROFISSÃO: Chegou o momento de tomar iniciativas concretas, de levar à prática as ideias e projectos que tem vindo a elaborar sistemàticamente. A sua capacidade profissional atingiu um nível tal que a sua posição actual é já demasiado estreita em relação às suas reais possibilidades.

SAÚDE: Embora a semana seja mais ou menos normal no que se refere à sua saúde será conveniente que tome precauções contra possíveis ataques de gripe, embora benígnos.

Libra

(23 de Setembro a 22 de Outubro)

AMOR: Estude com muito cuidado a sua situação actual, no plano amoroso, pois as coisas chegaram a um ponto tal que pode criar complicações muito importantes se não escolher definitivamente uma solução. Na sua vida familiar a semana decorrerá em ambiente agradável e tranquilo.

DINHEIRO: Não alimente ambições demasiado elevadas, no que se refere a ganhos pecuniários, pois a semana não poderia proporcionar a realização desses sonhos. Seja mais modesto nas suas pretensões.

PROFISSÃO: A sua posição poderá ser posta em causa, durante a semana em curso, se não tomar medidas enérgicas no sentido de esclarecer as suas intenções e de afirmar claramente os seus direitos e os privilégios que conquistou através do seu trabalho. As suas relações com colegas ou superiores, no âmbito das suas actividades profissionais, atravessam um momento de crise.

SAÚDE: Tome precauções contra possíveis desarranjos do seu sistema nervoso. Os problemas que terá de resolver durante esta semana exigem de si um esforço intenso, susceptível de afectar a sua saúde.

Scorpius

(23 de Outubro a 21 de Novembro)

AMOR: Não leve a sério algumas alusões ou mesmo propostas concretas que lhe serão feitas durante esta semana, no capítulo sentimental. A pessoa em questão não tem a mínima intensão de cumprir o que afirma. Dedique uma atenção especial à sua vida familiar, onde a situação está a encaminhar-se num sentido desfavorável para si.

DINHEIRO: É provável que obtenha alguns ganhos através de operações financeiras muito oportunas e inteligentes. No entanto será aconselhável que encare esses êxitos como eles devem ser realmente compreendidos: coisas passageiras, sem seguimento.

PROFISSÃO: A sua vida profissional desenrolar-se-à durante esta semana em circunstâncias absolutamente normais. Não há acontecimentos importantes a assinalar neste capítulo da sua vida.

SAÚDE: Também no que diz respeito ao seu estado de saúde a semana será mais ou menos normal. Tome apenas as precauções habituais, permanentes.

Sagittarius

(de 22 de Novembro a 21 de Dezembro)

AMOR: Finalmente surgir-lhe-à durante esta semana a oportunidade de que há tempos esperava, no capítulo sentimental. Ser-lhe-à possível resolver definitivamente os problemas que o têm vindo a preocupar desde há tempos. A sua vida familiar decorrerá em circunstâncias extremamente agradáveis para si.

DINHEIRO: Boas perspectivas de lucros avultados, durante a semana em curso. A sua inteligência permitir-lhe-à traçar uma orientação muito acertada e bem sucedida.

PROFISSÃO: Também no sector profissional a semana será de êxitos, as suas actividades e interesses profissionais serão amplamente protegidos pelas suas influências planetárias para esta semana, de modo que é muito provável que a sua situação registe uma substancial melhoria.

SAÚDE: O seu estado de espírito será eufórico, optimista e alegre, despreocupado, o que se reflectirá favoràvelmente na sua saúde.

Capricornius

(22 de Dezembro a 20 de Janeiro)

AMOR: Observam-se na sua vida sentimental algumas divergências que no entanto poderão ser resolvidas satisfatòriamente e ràpidamente se souber agir com diplomacia e espírito de compreensão. Procure controlar cuidadosamente as suas manifestações emotivas e exteriorização dos seus sentimentos, pois só assim poderá eliminar os aborrecimentos.

DINHEIRO: Esta será uma semana de trabalho intenso para si, com resultados que nem sempre estarão à altura dos esforços dispendidos.

PROFISSÃO: O seu sucesso depende essencialmente da orientação que der às suas actividades profissionais durante esta semana. Se quer obter resultados compensadores terá portanto de recorrer a toda a sua inteligência, e espírito de observação, a todo o seu espírito de observação, a todo o seu espírito crítico.

SAÚDE: Consulte o médico ao mais leve ligeiro sintoma de doença, pois a semana apresenta-se bastante perigosa para si, neste capítulo.

Aquarius

(21 de Janeiro a 19 de Fevereiro)

AMOR: É provável que durante a semana em curso vão desaparecendo gradualmente as suas preocupações de ordem sentimental, familiar e social. Nota-se um desanuviamento da situação, que será muito benéfico para os seus interesses e igualmente para a sua tranquilidade de espírito.

DINHEIRO: Será conveniente que não tome decisões importantes, no que se refere à orientação dos seus assuntos financeiros, pois elas seriam ainda um pouco prematuras.

PROFISSÃO: Será aconselhável que durante a semana em curso se limite às suas actividades habituais, deixe para mais tarde as inovações ou iniciativas novas. Use igualmente de cuidado nas suas relações com colegas ou superiores.

SAÚDE: Nota-se uma certa melhoria do seu estado geral de saúde, em relação ao período anterior. Em todo o caso deve ainda manter algumas preocupações.

Piscis

(20 de Fevereiro a 20 de Março)

AMOR: As suas influências astrológicas para esta semana apresentam-se bastante favoráveis para os seus assuntos de natureza sentimental, sobretudo se tem em vista um projecto de casamento. Por outro lado deve abster-se de discussões, desprezando tudo o que não lhe diga directamente respeito.

DINHEIRO: Terá oportunidade de obter lucros interessantes através de operações financeiras bem sucedidas. A semana será muito favorável para os seus interesses económicos.

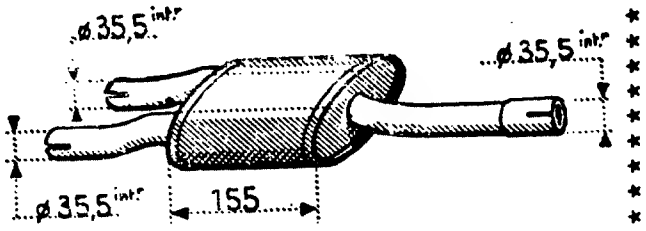
PROFISSÃO: O momento é muito indicado para realizar viagens de carácter profissional. Se tem em vista qualquer deslocação desse género, é este o momento ideál para a realizar. As suas actividades profissionais, duma maneira geral, evoluirão num sentido muito favorável.

SAÚDE: Procure controlar as suas emoções e poupar as suas energias, pois a sua saúde, poderá sofrer perturbações, embora não muito importantes.

SUECOS GANHAM EM PARIS

PARIS, 20 (ANI) — Terminou no Teatro dos Campos Elísios o Nono Festival de Dança de Paris e o presidente do júri, Nora Auric, anunciou a classificação final: o Grande Prémio da Cidade de Paris coube a «As Bodas», na interpretação do «Ballet» Batcheva (melhor companhia); Ehud Ben-David, do Batcheva, foi premiado do Batcheva, foram considerados o melhor par; finalmente, Viola Farber e Jeff Slayton como o par mais original.

SILENCIOSOS E TUBOS DE ESCAPE
BORTEX



O nosso fabrico está garantido, por processos modernos todos mecanizados assim como a montagem rápida a preços excepcionais
Consulte-nos e verá
SEDE: Rua Marquês de Fronteira, 110 P. P C. 651945-650763-680788
FABRICA: Rua Vitor Cortes, 10-12—PONTINHA—Telef 990051
SECÇÃO DE MONTAGEM DE ESCAPES: Rua do Arco de Carvalhão, 75-A — LISBOA

MINISTÉRIO DA SAÚDE E ASSISTÊNCIA
MATERNIDADE DR. ALFREDO DA COSTA
LISBOA

ANÚNCIO

CONCURSO PÚBLICO PARA O FORNECIMENTO DE MEDICAMENTOS E PRODUTOS QUÍMICOS PARA O ANO DE 1972

Faz-se público que na Maternidade Dr. Alfredo da Costa se encontra aberto o concurso em epígrafe.

O caderno de encargos pode ser consultado nos Serviços Gerais e Económicos todos os dias úteis, excepto aos sábados, das 9 às 12 e das 14 às 17 horas.

As propostas, elaboradas de acordo com o caderno de encargos, serão recebidas nos Serviços Gerais e Económicos até às 11.30 horas do dia 13 de Dezembro próximo realizando-se a sua abertura no mesmo dia a partir das 14.30 horas.

Lisboa, 16 de Novembro de 1971

O Director
DOUTOR JORGE BRAZ

Chá de Hamburgo
LEGÍTIMO
Estimulante digestivo.
BOA DISPOSIÇÃO PARA TODO O DIA
Benefícios nas perturbações das vias urinárias.
À venda nas farmácias

CENTRO DE MEDICINA DENTÁRIA
RATO
Obturações; Extracções; Correcção de dentes; Dentaduras
Preços de Policlínica — Consultas das 9 às 20 horas
Calçada Bento da Rocha Cabral (ao Rato)
Telef.. 68 41 91

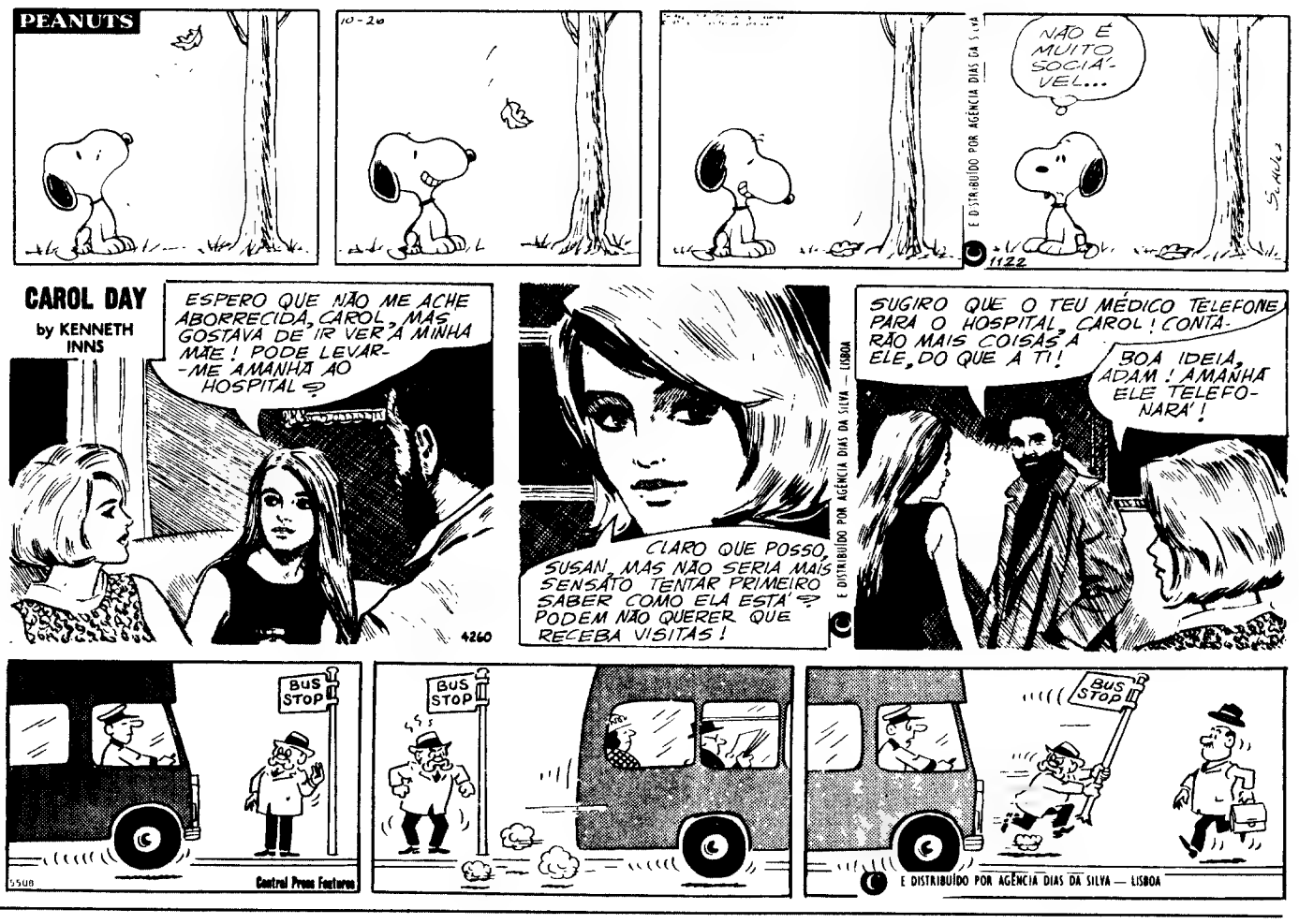
GANHE ATÉ DEZ MIL ESCUDOS MENSAIS
Trabalhando em sua própria casa, com actividades modernas, originais e agradáveis, sem diplomas nem conhecimentos especiais.
Escreva hoje mesmo a CONTINENTAL LABOR, Ref. 13, Calle Calvet, n.º 5 — Barcelona (Espanha).

HORUS
RAUL LOURENÇO LAPA
QUIRO-ASTROLOGO

Tem problemas na vida?!
Precisa fazer uma VIAGEM um Negócio IMPORTANTE Tenciona dar uma nova orientação à sua VIDA PROFISSIONAL? Pretende formar uma SOCIEDADE comercial? Quer saber se os seus PROJECTOS PARA O FUTURO serão bem sucedidos? Como evoluirá a sua vida SENTIMENTAL e Familiar?
A resposta para estas perguntas podem ser-lhe dadas por «HORUS» — todos os dias úteis das 10 às 12 e das 14 às 19 horas.
Av.ª João XXI, 3-2.º Frente (Junto à Praça do Areeiro) — Telef 724162 — LISBOA

43 m DE HORÁRIO

Cheios de orgulho, os rapazes e as meninas de um ginásio em Bremen mostram o seu horário de 43 m de comprimento, fornecido por um computador. Os professores e o Conselho dos Pais da Escola desenvolveram um programa sem precedentes na República Federal, que permite organizar ràpidamente os horários mais complicados, com a vantagem adicional de as mudanças serem relativamente fáceis. A experiência só pôde ser realizada graças ao pai de um dos alunos, que pôs gratuitamente à disposição o computador da sua firma.

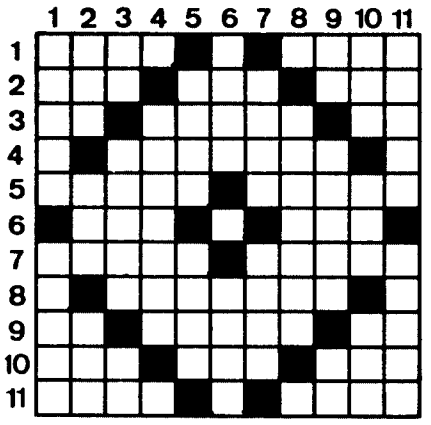


palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO
PROBLEMA N.º 9924

HORIZONTAIS

1 Rosca de fusos das fiandeiras (Prov. Trans.). Artigo definido. Qualquer de entre dois ou mais.
2 Ente. Letra grega. Cidade de França.
3 Ouro (s. q.). O mesmo que romano. Rádio (s. q).
4 Carimbaras.
5 Faz ditoso. Vasilha com asas.
6 Rata (Invº). Enguia.
7 Nome de cidades de Cária, Sicília e Pérsia. Tomba.
8 Acordãos.
9 Novecentos em romano. Recuas. Erbio (s. q.).
10 Duna na Suécia. Escudeiro. Ilha do estado da Baía.
11 Mau. Vila e concelho do distrito de Aveiro.



VERTICIAS

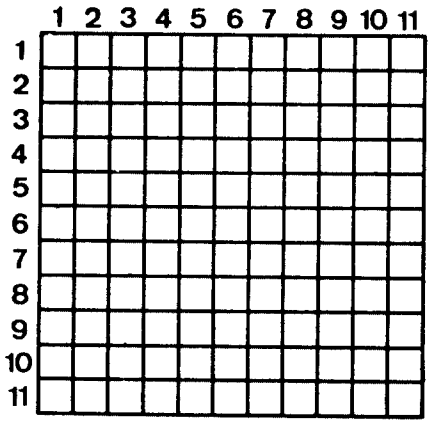
1 Cidade do Japão. Apalpar.
2 Pronome possessivo. Claridade. Malvado.
3 Crómio (s. q.). Nome de um peixe do Brasil. Nota musical.
4 Retalha.
5 Sova. Designação vulgar de rizoma.
6 Doença que dificulta a respiração. Desmoronar-se.
7 Palmeira da Amazónia. Nome de homem.
8 Relativos a oásis.
9 Prata (s. q.). Curas. Quarto.
10 Oferecer. Dádiva. Eia!
11 Safa Encolerizar.

Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE
PROBLEMA N.º 6082

HORIZONTAIS

1 Vila e sede de concelho (Guarda)
2 Artigo definido. Atraiçoar. Pronome reflexo.
3 Discurso laudatório. Freguesia do concelho de Oliveira do Bairro. Pátria.
4 Revolucionário francês que foi morto no banho por Carlota Corday. Exclusiva.
5 Guarnece de arames. Apelido.
6 Falda. Rente.
7 Estava. Romancista espanhol autor de «A Arte de Goia».
8 Prefixo de negação. Frincha. Viração.
9 Mentira (Fig). Freguesia do concelho da Covilhã.
10 Escudeiro. Um milhar. Fecho asas para descer mais depressa.
11 Molusco comestível criado em viveiros. Líquidos gordurosos.



VERTICAIS

1 Bonança. Espécie de casaco curto que se veste sobre a camisa.
2 Ecoara. Em mais alto grau.
3 Natural da Arábia. Rei de França.
4 Antigo Testamento. Desagradável.
5 O mesmo que abrótea (peixe). Perfume.
6 Interjeição da ilha das Flores o mesmo que Ah! oh!
7 Nome dado pelos Turcos aos Cristãos. Tragédia de Shakespeare.
8 Atmosfera. Contar.
9 Aperfeiçoes. Guarneça de asas.
10 Bolsas. Transfiro para outro dia.
11 Nome de frutos. Tribo indígena brasileira.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9923

HORIZONTAIS:

1 Apago. Caber.
2 Casar. Amare.
3 Arosa. Sorri.
4 Me. BEM.
5 Ocos. Rã.
6 Elar. Rirá.
7 Arabeta.
8 As. Amena. Pã.
9 Rui. Omo. Paz.
10 Taças. Varre.
11 Orara. Alear.

VERTICAIS:

1 Acamo. Farto.
2 PARECE. Suar.
3 Aso. Olá. Iça.
4 Gas. Sara. Ar,
5 Orão. Ramosa.
6 O. BEM.
7 Casa Renova.
8 Amo. Rita. Al.
9 Bárbara. Pré.
10 Erre. Pará.
11 Reima. FAZER.

Provérbio: BEM PARECE, O BEM FAZER.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6081

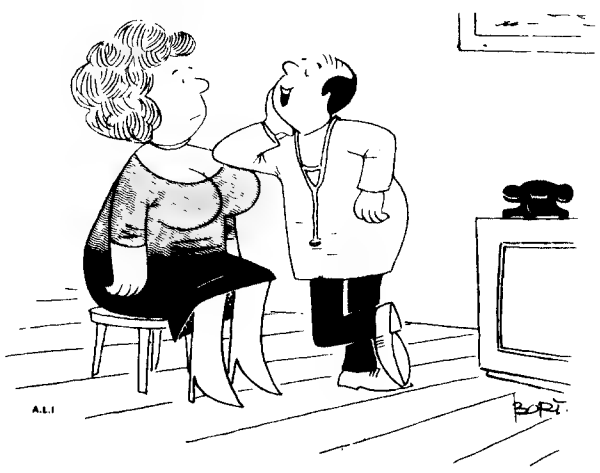
HORIZONTAIS:

1 Tl. Camas. Br.
2 Ria. Aos. Tre.
3 Assaltariam.
4 Sapa. Osso.
5 Será. Urna.
6 Cem.
7 Provo. Arrua.
8 Lisa. Sair.
9 Am. Bom. Vã.
10 Casca. Aramar.
11 Arear. Serra.

VERTICAIS:

1 Trás. Aplaca.
2 Lisas. Rimar.
3 Asperos. Sé.
4 Aar. Va. Cá.
5 Aal. Aço. Bar.
6 Mota. To.
7 Asa. Uma. Mas.
8 Ror. Rs. Re.
9 Tisnara. Mr.
10 Brasa. Uivar.
11 Remo. Varara.

— Que desgraça... eles eram tão felizes!



— Que diz a fazer um pouco de dieta?

Pouco barulho. Um de cada vez... nome, morada e sexo.

Sem legenda...

A volta do filho pródigo

É o mais velho (33 anos), mas não o mais usado. O mais alto (1 e 89) mas nem por isso roça as nuvens. E continua simples e calmo, como quando veio lá de Torres Novas e desembarcou na luz com umas botas enormes na malita de mão e um sorriso envergonhado na face estreita e ponteaguda.

O «Magriço» José Torres volta à Luz com a camisola número nove da selecção nacional

Por NEVES DE SOUSA

Parecia um peso morto, uma mais em «plantel» de milionário. Espécie de extravagância que apenas servia para mostrar em ocasiões especiais: como atracção de circo, como boneco de feira. Mas o rapazito, tímido embora, tinha as suas ideias: e a sua bandeira.

Foi Riera quem o chamou pelo dedo e lhe deu a primeira «chance», o impulso inicial. Veio um golo, outro, um ror deles. E o moço ganhou confiança: e não desistiu. Aos tentos com que violava as balizas de reservistas, nas pugnas em que até aí andara enrodilhado, correspondeu com outros pontapés mais saborosos e mais valiosos: a pulso, palmo a palmo, escalou todos os nós de corda e atingiu a camisola das cinco quinas. Uma, duas, três, trinta vezes. À defesa, ao ataque. Com o golo como permanente objectivo: fôsse para o conseguir, fosse para evitar que ele enfunasse o véu da sua própria baliza.

Conheceu a fama, depois de por ela ter lutado com uma tenacidade quase ímpar. Ganhou títulos, cobrou parabéns, associou o nome a um sem número de feitos que andam por aí, na boca dos povos, em recordações que são saudade ou em factos correntes que provocam lamechas na singela evocação das horas vividas. Esteve em campeonatos: foi um dos **homens do ano** na campanha de Londres e foi um jogador de todos os momentos nas lutas em que o Benfica se envolveu quando arrebatou para o seu pelouro os mais belos galardões e os aplusos mais estrondosos. Viveu tudo quanto de grandioso e doirado a carreira de um jogador de futebol (cá pelo burgo) pode render, na sua máxima e mais ampla expressão. E, contudo, os seus 82 quilos de peso nunca incharam por aí além, o seu rosto jamais deixou de ser o de um menino, o ar agarotado de «gavroche» nunca resvalou para a lama das ruas.

Uma tarde escura chamaram-no de parte e indicaram-lhe o caminho do regresso. Na encruzilhada, virou costas com tristeza, mas foi à vida com o mesmo secreto afã com que antes porfiara por um poiso na vanguarda da sua profissão. Sem desânimos: antes espicaçado pelo brio que torna hercúlos e difíceis de vergar os que um dia são afastados de um ramo que sabem trilhar com segurança. Se um ídolo não morre aos 30 anos, o exemplo aí está.

Volta hoje (só por uma vez?) ao campo em que conheceu o cego obrigado das multidões. Transporta consigo toda uma mensagem de desespero, toda uma outorga dos que — como ele — foram quase banidos do areópago para nele ser acolhido um semideus sem cabelos brancos. Vem com embaixada: provar que a vida não termina assim, de uma hora para a outra, só porque humanos se arvoraram em juízes de outros humanos e por eles estabelecem metas e distâncias. É como se um grito de vingança (e, porque não, também de orgulho) viesse dentro da velha camisola dos castelos e das quinas, como se no peito valente que alberga o seu coração generoso e inconformado estivesse latente um mundo de amargura a saltar o dique.

Regressa como pode voltar um filho pródigo: a mesma multidão, os mesmos amigos, outra vez as palmadinhas nas costas e os gestos de desculpa dos que querem ilibar-se de responsabilidades no amanhã. E o jogo vai desfilar, com ele a saltar e a correr, a passar e a rematar, de ouvidos insensíveis ao passado: e, talvez até para o que pode voltar a rondar-lhe a porta daqui por mais uns meses. Mas foi, sem dúvida, a vitória de um homem indomável.

BRASIL JÁ PENSA EM 74

Por SANTIAGO CASAL

Os cronistas brasileiros já se interrogam: *Que possibilidades temos em 1974 na Alemanha?* Os motivos para inquietação são muitos, mas um parece bastante: **Pelé não irá à Alemanha**, mesmo que ainda reuna condições físicas e técnicas para isso. Está muito agastado com as autoridades federais, porque não lhe perdoaram o imposto de renda nem o compensaram suficientemente pela sua brilhantíssima colaboração à selecção tricampeã mundial.

Haverá em 74 um substituto para Pelé? No próximo ano, durante a disputa dos jogos para a Pequena Copa do Mundo nos estádios brasileiros, a resposta *deve* começar a aparecer. Haverá muitas questões para decidir, a começar, inclusive, pela direcção técnica. Zagalo ainda é o seleccionador nacional, mas ninguém acredita que ele passe de 72 nesse cargo. Sua estrela começou a declinar no Fluminense e toda a gente se quer livrar dele o mais depressa possível. Trata-se de um homem astuto e trabalhador, mas terrivelmente obstinado e muito dado às fobias pessoais. No Botafogo, entre outros, *encostou* Afonsinho, que muitos consideram o provável substituto de Gerson na selecção. No Fluminense forçou a saída de Flávio, o grande artilheiro para o qual, até agora, não foi encontrado substituto. E na própria selecção fez tudo para não utilizar Tostão, pretextando, primeiro, o acidente sofrido na vista pelo craque mineiro e depois uma sua suposta incompatibilidade táctica com Pelé. Viu-se, no México, que Pelé e Tostão podiam perfeitamente jogar ao lado um do outro. Mas foi necessária uma cerrada campanha de imprensa para levar Zagalo a aceitar o que todos consideravam a solução mais certa.

Saindo Zagalo, quem entra? A resposta é difícil no momento. Há técnicos como Zezé Moreira que conservam prestígio, mas apenas ao nível de clubes. Não só Zezé: seu irmão Aimoré, Flávio Costa, Iustrich, Osvaldo Brandão, Tim, Dino Sani e outros estão no mesmo caso. A Paulo Amaral ninguém confiaria uma selecção nacional, por causa do seu temperamento explosivo e de uma certa falta de lucidez que não o recomendam para tarefas tão altas. A João Saldanha, muito menos: a sua súbita e espectacular substituição por Zagalo, a pouco mais de dois meses do embarque para o México, em 1970, ainda está na memória geral e não se deseja voltar a passar por semelhantes peripécias.

Quem. então? Diz-se que João Havelange já tem o nome em sua agenda secreta. Mas, se tem, o segredo está realmente muito bem guardado.

Isto, porém, preocupa muito menos do que o grande vazio que vão deixar homens como Félix (que já dobrou há muito tempo o cabo dos trinta anos), Brito, Gerson e, claro, Pélé. Deverão sobrar para 1974 grandes estrelas como Rivelino, Tostão, Jairzinho e Paulo César. Mas eles só não bastarão para superar os formidáveis obstáculos que aguardam os tricampeões na Alemanha. E a nova vaga do futebol brasileiro não parece tão excepcional como as anteriores.

Pelé

Os recém-promovidos Claudiomiro, do Inter de Porto Alegre, e Vaguinho, do Corintians, foram uma decepção. Nem sequer se acredita que voltem a ter novas oportunidades. Isto na linha atacante. Mas as dificuldades começam na baliza. Desde que Gilmar se retirou o Brasil não mais teve um *goleiro* que inspirasse verdadeira confiança. Félix acabou dando certo no México, mas a sua insegurança ficou patente em muitos lances capitais. É um jogador capaz de alternar o melhor com o pior. Quando ainda jogava na Portuguesa Paulista perdeu o seu lugar para o seu suplente, o modesto Orlando. Foi para o Rio exactamente porque a sua carreira em S. Paulo estava encerrada. E - surpresas do futebol - acabaria por chegar a internacional quando nem a idade nem o seu passado lhe autorizariam mais quaisquer esperanças.

Félix foi titular no México porque Leão e Ado eram ainda mais irregulares do que ele. No momento - isto dá uma ideia da crise de valores que se verifica na posição - os melhores *goleiros* do Brasil são dois argentinos: Andrada, do Vasco, e Cejas, do Santos.

Para o lugar de Brito há o corintiano Luis Carlos, se chegar a 1974 jogando a enormidade que está a jogar agora. Mas, no meio campo, a vaga de Gerson ainda não tem candidato tranquilizador. Afonsinho é uma hipótese, embora s sua extraordinária craveira técnica seja ensombrecida pela relativa fragilidade dos recursos físicos. E o botafoguense Nei outra, com o pecado de ser admirável quando á defesa e bem menos eficaz quando ao ataque.

Tratando-se do Brasil, é bom lembrar, de qualquer modo, a prodigiosa capacidade que o país tem para fabricar craques. A geração de Djalma Santos, Bauer, Ademir, Danilo e outros sucedeu a de Zito, Vává, Garrincha, Gilmar, Pélé, Didi e Zagalo. E depois destes, Jairzinho, Tostão, Rivelino, Paulo César, Marco António e tantos mais. Sem falar, ao longo dos tempos, em Ademir da Guia, Friedenreich, Leónidas, Nilton Santos, Julinho. A lista é interminável.

Os juvenis de hoje podem ser os novos Pelés de 1974. A «torcida» do Flamengo, por exemplo, está absolutamente convencida de que o *meia* Zico, recentemente lançado no primeiro «team», tem lugar certo na selecção que «vai começar a garantir o segundo tri». E os corintianos não fazem por menos: acreditam que o seu novo artilheiro Tião pode tirar, desde já, passaporte para a Alemanha.

ENGENHEIRO MECÂNICO
para
GRANDE EMPRESA NACIONAL

EXIGIMOS:

- LICENCIATURA RECENTE
- SERVIÇO MILITAR CUMPRIDO
- MENOS DE 30 ANOS DE IDADE
- CONHECIMENTOS DE INGLÊS
- ACTIVO E DINÂMICO

OFERECEMOS:

- LUGAR DE ÓPTIMO FUTURO
- BOAS CONDIÇÕES DE VALORIZAÇÃO PESSOAL E PROFISSIONAL
- REMUNERAÇÃO COMPATÍVEL

Resposta com CURRICULUM VITAE para este jornal, ao N.º 936

DL CONTA CORRENTE

CONTA CORRENTE Diário de Lisboa

ANÚNCIOS PUBLICADOS em ..... de Novembro de 1971

Liberte-se do pesadelo de cada princípio de mês: não pague (nunca mais) renda de casa.

Através da inédita iniciativa com que comemoramos o 50.º aniversário do nosso jornal, possibilitamos a um feliz leitor do «Diário de Lisboa» o apetecido ensejo de se **escapulir** - legalmente - ao pagamento da renda de casa. Por outras palavras: damos **mesmo** uma casa a um participante na «Conta-Corrente».

Tornando autêntica realidade o sonho de um dos leitores do «Diário de Lisboa», colocamos ao alcance de qualquer participante na «Conta-Corrente» o prémio mais apetecido: uma vivenda (construída na zona de Cascais por Baraona & Baraona, Lda.), mobilada elegantemente por Móveis Baía e com um explêndido «Citroen Ami 8» mesmo à portinha da garagem.

Sem tirar nem pôr: uma vivenda na principesca zona de Cascais, no cosmopolitismo de mulheres lindíssimas e entre outras **paisagens** inesquecíveis. **Palácio** futuro de um leitor do «Diário de Lisboa», foi inteiramente construído por Baraona & Baraona, Ld.ª, com escritório no Edifício Cascais, na Avenida Valbom, em Cascais. O requintado gosto e a maior actualidade dos técnicos de Móveis Baía está patente no seu maravilhoso recheio. E, depois, há o «Citroen Ami 8»: um relâmpago à espera de domador.

Que ninguém perca tempo: tempo é (na «Conta-Corrente») mais valioso que dinheiro. E num breve segundo, com um calculista golpe de argúcia, a estrada para a fortuna (o caminho para a vivenda) fica rasgado à sua frente, leitor. É só experimentar.

ASSINATURAS PARA A INICIATIVA

Aceitam-se desde já assinaturas pelo período da iniciativa. Essas assinaturas garantem aos interessados os exemplares pretendidos, com os preços seguintes:

3 meses	130$00
6 meses	250$00
12 meses	485$00

Pag a mento adiantado, em vale do correio, cheque ou selos.

MARCAS E ANUNCIANTES	PÁGINA	ARTIGOS-PRODUTOS-SERVIÇO COMPRADOS	PONTOS	VALOR EM ESCUDOS
Austin/J. J. Gonçalves	2			
Cortina/Ford	5			
Companhia Colonial de Navegação	6			
Ariston/Frigel	7			
Efacec	8			
Sociedade de Gestão Imobiliária, S.A.R.L.	8			
Caves Aliança	10			
Adler/Sida Sueca	10			
Companhia de Seguros Império	11			
T.A.P.	Dois			
Aclapil/Lab. Aclas	Dois			
Audi NSU/Sociedade Lusolanda	Cinco			
Sanyo/J. J. Gonçalves	Seis			
Gabardinas Cyclone	Seis			
RCA	Oito			
Comundo	Oito			
Volkswagen/Guerin	Nove			
Chalgas/Sabel	Nove			
Stop	Dez			
Citizen	Dez			
Riber	Onze			
Daga (camisas)	Doze			
Tiffany	Catorze			
Alimentos Diese	Catorze			
Garantia DCL	Dezasseis			
Philips	14			
Salora	16			
AEG	18			
Santo António dos Cavaleiros/ICESA	19			
Editorial Início	20			

LISTA DE PRÉMIOS

1.º PRÉMIO Uma vivenda na área de Cascais, construída por Baraona & Baraona, Lda., completamente mobilada com móveis Baía e um CITROEN AMI 8.

Um seguro Ramo Fogo, na Garantia Funchalense, no valor de 1000 contos.

Um seguro Ramo Acidentes Pessoais, na Garantia Funchalense, no valor de 200 contos.

2.º PRÉMIO Uma «station» AUDI 75 Variant.

Um seguro Ramo Acidentes Pessoais, na Garantia Funchalense, no valor de 200 contos.

3.º PRÉMIO Um barco «DORI 13», equipado com motor EVINRUDE.

Um seguro Ramo Acidentes Pessoais, na Garantia Funchalense, no valor de 100 contos.

CLASSIFICAÇÃO POR MARCAS OU ANUNCIANTES

PRÉMIO DO JORNAL «MOTOR» Um Triumph Spitfire último modelo.

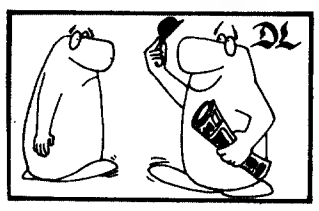
PRÉMIO GARANTIA FUNCHALENSE Um seguro Ramo Acidentes Pessoais no valor de 5000 contos.

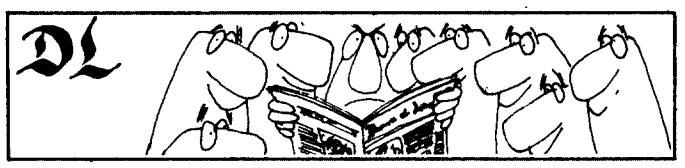
PRÉMIOS VOLKSWAGEN 1.º Prémio Assistência técnica durante um período de 20 000 quilómetros a contar da data da atribuição do prémio.

2.º Prémio Jogo de extras «VW» constituído por faróis de nevoeiro e de longo alcance, tampões desportivos, alavanca especial e «cockpit» com relógio, manómetro de pressão de óleo, grelhas, termómetro e conta-rotações.

3.º Prémio Auto-rádio BENDIX, modelos Saphira XI incluindo antena e montagem.

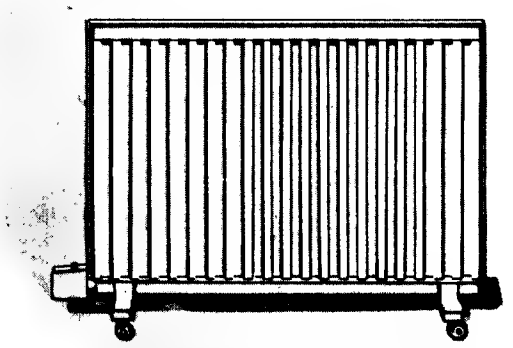
Prémio especial Fim-de-semana em Paris com todas as despesas pagas (passagens de avião e hospedagem em hotel de 1.ª classe em regime de pensão completa) para duas pessoas, e ainda um Volkswagen às ordens no Aeroporto de Orly.





Termel

RADIADORES ELÉCTRICOS A ÓLEO



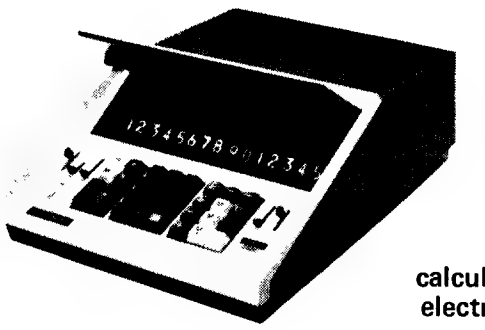
- Únicos com termóstato fora da zona de calor.
- Controle mais exacto da temperatura ambiente.
- Mais comodidade e mais economia.

com Termel
Termina o frio em sua casa!
UM PRODUTO FINLANDÊS DE ALTA QUALIDADE

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS
Estabelecimentos M. Simoes Jr; S.A.R.L.
DIVISÃO DE ELECTRODOMESTICOS
Rua dos Douradores, 43 - tel. 36 17 63 – LISBOA 2
Rua de St. António, 208 - tel. 2 55 81 – PORTO

PLANO

mais do que um cérebro...
um método
rigorosamente cerebral



calculadoras electrónicas

SONY

Programa de 111 passos
Sete registos de memória e memória total
Simplicidade operacional e de leitura
Circuito integrado e Monolítico
Raiz quadrada automática
Arredondamento automático
Cálculo instantâneo, preciso e silencioso

SOBAX – ICC – 1500 E - simples
SOBAX – ICC – 2500 E - programável

NOGUEIRA INFORMÁTICA
ELECTROLÓGICA E MECANOGRAFIA APLICADA S. A. R. L.
Av. da República, 41, 3º - Telef. 77 91 51/5 – LISBOA 1
PORTUGAL

Robert Wise, o admirável director de «A Ameaça de Andrómeda».

CINEMA

O QUE HÁ PARA VER

Os cinemas de Lisboa projectam presentemente alguns filmes que convirá não perder. Estão nesse caso:

DUAS OBRAS-PRIMAS

Ivan, o Terrível, de Sergei Eisentein, com Nicolai Tcherkassov e Serafina Birman (Estúdio Apolo 70) 7.ª semana.

Morte em Veneza, (Death in Veneza) de Luchino Visconti, com Dick Bogarde e Silvana Mangano (Satélite) 10.ª semana.

TRÊS FILMES EXCEPCIONAIS

O Pequeno Grande Homem (The Big Little Man), de Arthur Penn, com Dustin Hoffman e Faye Dunaway (Império).

O Joelho de Claire (Le Genou de Claire), de Eric Rohmer, com Jean-Claude Brialy (Estúdio) 10.ª semana (não sendo um filme excepcional, é um filme significativo de uma certa «impotência intelectual»).

A Ameaça de Andrómeda (Andromeda Strain), de Robert Wise, com David Wayne e James Olson (Berna.)

FILMES INTERESSANTES

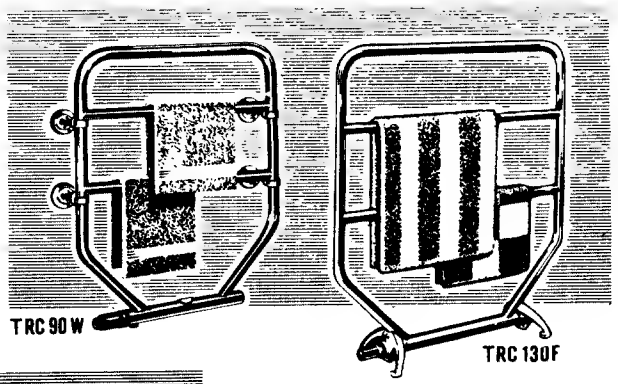
Uma Certa Forma de Amar (I Love My Wife), de Mel Stuart, com Elliot Could e Brenda Vaccaro (Mundial) 5.ª semana.

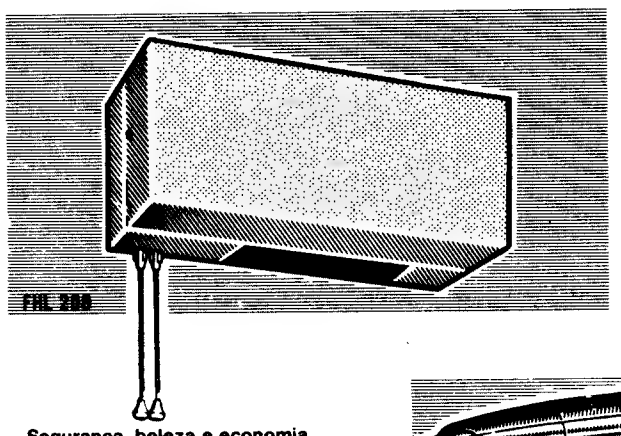
Corrida para a aventura (La Poudre d'Escampette), de Phillippe de Broca, com Marlene Jobert e Michel Piccoli (Monumental).

L.A.

VOCÊ MERECE UMA CONFORTÁVEL CASA DE BANHO

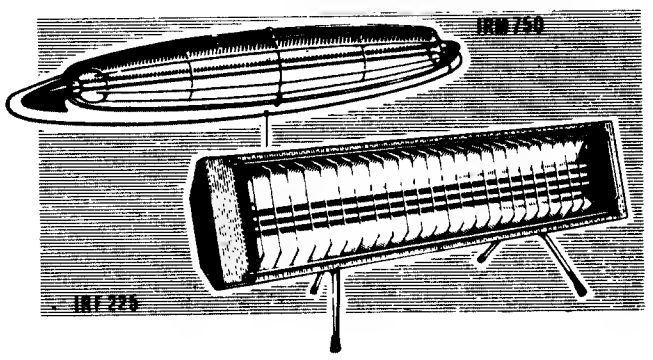
Elegância, luxo e... toalhas quentes é o que a DIMPLEX lhe porporciona por um consumo de energia igual ao de duas lâmpadas eléctricas!
Os toalheiros eléctricos DIMPLEX, em banho de óleo, integram-se perfeitamente no estilo da sua casa de banho, além de manterem as toalhas secas e quentes, secam também pequenas peças de roupa.





Conforto, economia e uma deliciosa sensação de bem estar.
Um dos interruptores desta unidade termo-ventiladora dá-lhe um aquecimento de 2 Kw que é reduzido automàticamente para 1 Kw quando a temperatura atinge 20°C. O outro interruptor permite-lhe ligar duas lâmpadas de 60 watts independentemente de ter, ou não, o termo-ventilador ligado.
Trata-se duma luz perfeita para barbear ou para a maquillage. E já agora uma informação útil: a corrente de ar quente pode ser usada para a secagem de cabelo ou das mãos...

Segurança, beleza e economia.
Os radiadores a infra-vermelhos DIMPLEX, de parede ou portáteis, proporcionam-lhe um aquecimento confortável em poucos segundos. Modernos e agradáveis à vista, estes radiadores são duma extrema versatilidade, podendo ser usados em casas de banho, cozinhas, e onde mais se necessita dum aquecimento incandescente e instantâneo. Da qualidade nem vale a pena falar — são DIMPLEX...
...O melhor aquecimento do Mundo!



Dimplex

A VENDA NOS AGENTES OFICIAIS

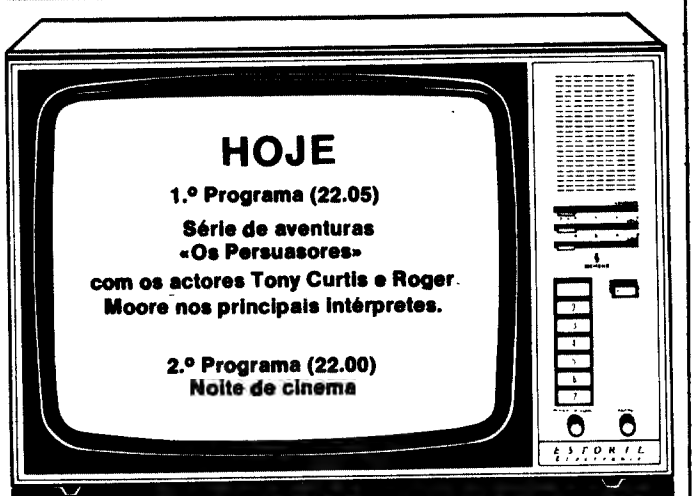
REPRESENTANTES EXCLUSIVOS • RAFAEL BURGUETE, LDA. • LISBOA · PORTO

Agradeço o envio GRÁTIS, pelo correio, de um catálogo ilustrado DIMPLEX

Nome .....

Morada .....

televisão



SIEMENS ESTORIL electronic

HOJE

1.º Programa

12.45 Abertura e Dia do Senhor
13.05 Missa de Domingo
13.45 Telejornal - 1.ª edição
14.00 Série Juvenil «Robin dos Bosques»
14.25 Hoje pode ver
14.40 TV Educativa
15.05 Tarde de cinema: «Uma rapariga dos Diabos»
16.30 Disneylandia
17.50 Domingo Desportivo.
18.05 Vamos aprender Judo
18.30 TV Rural
19.00 Série de Comédia «Olho Vivo»
19.30 Telejornal - 2.ª edição
19.45 Pop 25
20.35 TV 7
21.30 Telejornal - 3.ª edição
22.05 Série de aventuras «Persuasores»
23.05 Fados por Nuno Aguiar e Adriana Franco
23.25 Domingo Desportivo - 2.ª edição
23.50 Fecho.

2.º PROGRAMA

20.30 Abertura
20.31 Dó lá si
21.00 Série filmada «O Tesouro dos holandeses
21.30 Telejornal - 3.ª edição
22.00 Noite de cinema
23.30 Fecho.

AMANHÃ

1.º Programa

12.45 Abertura e desenhos animados
13.00 Feminino singular
13.15 Filme de série «Arnie»
13.45 Telejornal — 1.ª edição
14.00 Um dia com...
14.45 Logo á noite

2.º Período

14.40 Ciclo preparatório TV
19.00 TV educativa
19.25 Filme infantil «Os Poucetofes»
19.30 Telejornal — 2.ª edição
19.45 Cartaz TV
20.00 Arte Portuguesa — Arte Universal
20.30 Ao serviço da Nação
21.00 Série de aventuras «Nanou»
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.05 Canal 13
23.30 Marcha do mundo
23.40 Meditação e fecho

2.º Programa

20.30 Abertura e um dia com...
21.00 Filme de série «Arnie»
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.00 As grandes batalhas. A Batalha do deserto
23.30 Fecho

TUDOR pilhas secas

urgência

Emergência	115	Judiciária	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intoxicações	76 1176
C. V. P.	66 5342	Aeroporto	71 1397
H. de S. José	86 0131	C. R. G. E.	53 7021
H. de S. Maria	73 0231	C. Aguas	36 1361
P. S. P.	36 6141	Comboios	32 6226

tempo

HOJE

09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava pouco nublado, o vento era fraco e havia nevoeiro em alguns locais.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

PORTO	5
PENHAS DOUR.	8
COIMBRA	9
PORTALEGRE	10
LISBOA	11
FARO	15
FUNCHAL	18

TEMPERATURAS EXTREMAS

TAVIRA
Máxima **20,6.º**

FIG. CASTELO RODRIGO
Mínima (neg.) **2,6**

Temperaturas no Estoril

Água do mar	14,6
Atmosfera	13

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
5.59	**3,8 m**	11.26	**1,1 m**
18.19	**3,6 m**	23.40	**1,2 m**

Dia 22

6.41	**3,8 m**		
19.09	**3,5 m**	12.12	**1,2 m**

Dia 23

2.27	**3,7 m**	0.31	**1,1 m**
20..00	**3,4 m**	13.05	**1,3 m**

PREVISÃO GERAL
ATÉ AS 24 H. DE AMANHÃ

Céu pouco nublado ou limpo vento fraco a moderado predominando de Norte, nevoeiro ou neblina locais. Acentuado arrefecimento nocturno com formação de geada nos locais abrigados.

AMANHÃ
Nascer às **8.26**
Ocaso às **18.20**

Dia 25	Dia 2	Dia 9	Dia 17

rádio

EMISSORA 1.º Programa

14.30 Tarde desportiva. Relato do desafio de futebol: Portugal-Bélgica.
17.45 Actualidade desportiva.
18.05 Girândola.
19.10 Música da europa.

20.20 Êxitos em parada.
21.00 Rádio desporto.
21.30 Variedades no estúdio.
22.00 Teatro das comédias: «Pressentimentos», um original de Jorge de Sousa Costa.
22.35 Música Portuguesa.
23.05 Sol e Toiros.
23.30 Ritmos em contraste.
24.00 Fecho.

2.º Programa

17.00 Perspectiva da obra de Mozart, para instrumentos de sopro:
18.00 Intercâmbio musical — **concerto de domingo** — (1.ª Parte).
19.40 Sonata para violino e piano (Ravel).
20.00 Diário sonoro.
20.20 A Orquestra de câmara «Jean-François Paillard»
20.30 As grandes figuras do mundo português, p/Dr. Caldeira Pais
21.00 Recital pelo Duo de violino e violoncelo: Vasco Barbosa-Celso de Carvalho.
21.16 Uma obra para piano e orquestra.
21.30 Que quer ouvir? (Programa elaborado p/Margarida Brandão).
22.50 Música de arco: Serenata melancólica, op. 26 (Tchaikowsky)
23.00 A Voz do ocidente.
01.15 Fecho.

EMISSÃO Em MF 2

14.30 Música sinfónica. Concerto n.º 2; Em si menor; OP: 7 (Paganini).
15.00 Selecção da ópera «O Barbeiro de Sevilha» (Rossini).
16.10 Concerto n.º 8, Em Lá Menor para violino e orquestra (Spohr).
16.30 Danças eslavas, Op. 72 (Dvorak).
17.00 Fecho.

Programa Estereofónico — Mf 2

21.00 Música ligeira variada.
22.00 Música coral sinfónica. — Cantata BWV 232 (Bach).
22.53 Música de tecla: — A pianista Ingrid Haebler, interpretando a sonata em Dó Menor, k.457 de Mozart.
23.16 Compositores Russos.
23.50 Canções de Schubert, pelo barítono Dietrich Fischer-Dieskau.
00.30 Quarteto em Sol Menor, Op. 54 (Max Reger), pelo Quarteto Drolc.
01.00 Fecho.

RADIO CLUBE

14.55 Tarde desportiva.
17.02 Projecção.
17.33 Meia hora depois.
18.00 Música pelo caminho.
18.45 Ritmos em desfile.
19.02 Formula 1.
19.30 Rádio jornal.
20.07 A orquestra de domingo.
20.15 Comentador desportivo.
20.30 Semana 7.
20.45 A estrela da noite.
00.02 «P. B. X.»
02.00 A noite é nossa.
06.00 Diário rural.
07.00 Talismã.

Emissor de Miramar

14.55 Tarde desportiva.
17.02 Auto-rádio.
17.45 Orquestras e canções.
18.01 Música e desporto.
18.30 Som-actualidade.
19.03 Conjunto.
19.15 Campeão português.
19.30 Boletim desportivo.
20.10 Norte dia a dia.
21.04 Viagens na nossa terra.
21.30 A voz da esperança.
22.03 Selecção do templo.
22.30 Variedades.
23.04 Clube da juventude.

RÁDIO RENASCENÇA

14.30 Onda desportiva.
17.00 Transmissão da missa da Sé Patriarcal de Lisboa.
18.30 Música ao volante.
19.15 Programa Meada.
19.30 Orquestras e canções.
20.00 Música para o seu jantar.
20.58 Meditando.
21.00 Suplemento especial.
22.00 Quando o telefone toca.
22.30 Desfile de sucessos musicais.
23.00 A 23.ª hora.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA

RADIO PENINSULAR
Das 7.00 às 8.00 das 10.00 às 12.00 e das 22.00 às 2.00.
RÁDIO VOZ DE LISBOA
Das 14.30 às 17.00
CLUBE RADIOFONICO DE PORTUGAL
Das 8.00 às 10.00 e das 17.00 às 19.30
RADIO GRAÇA
Das 12.00 às 14.30 e das 19.30 às 22.00

farmácias de serviço

LISBOA

ALCÂNTARA:
Dilema, R. Aliança Operária, 49-B (Tel. 636620); **Costa,** Rua dos Lusíadas, 32 (Tel. 636704); **Vieira da Rosa,** Rua Prior do Crato, 74 (Tel. 660187).

ALTO DO PINA:
Ibéria, Rua Barão de Sabrosa, 235-A (tel. 728277).

ALVALADE:
Aeroporto, Avenida Almirante Gago Coutinho, 101-D (à Avenida D Rodrigo da Cunha) (Tel. 722384); **Sanex** Avenida da Igreja, 31-C (tel. 717505); **Rio de Janeiro,** Avenida Rio de Janeiro, 4-C (à Avenida Estados Unidos da América) (tel. 721409).

AMEIXOEIRA:
S. Bartolomeu, Vila Paulo Jorge, 1 (ás Galinheiras) (tel. 790969).

ARCO DO CEGO:
S. Jorge, Avenida Rovisco Pais, 32-A (tel. 534027).

AREEIRO:
Algarve, Avenida de Roma, 7-B (tel. 777478).

ARROIOS:
Pancada, Rua Rebelo da Silva, 11 (tel. 43340); **Castro,** Avenida Almirante Reis (tel. 44373).

AVENIDA DA LIBERDADE:
Liberal, Avenida da Liberdade, 219 (tel. 43641).

AVENIDAS NOVAS:
Figueiras, Avenida Marquês de Tomar, 20 (tel. 44995); **Cruz Nunes,** Praça Duque de Saldanha, 14 (tel. 41845).

BAIRRO ALTO:
Sanitas, Praça Luís de Camões, 24 (tel. 322798).

BAIRRO DA ENCARNAÇÃO:
Ascenso, P. do Norte, 11 (telefs. 311216 e 310172).

BAIXA:
Silva Carvalho, R. dos Fanqueiros, 126 (tel. 326575).

BELÉM:
Bom Sucesso, R. Bartolomeu Dias, 63-A (tel. 611454).

BENFICA:
Santa Cruz, Avenida Gomes Pereira, 34-B (tel. 704828).

CAMÕES:
Sanitas, Praça Luís de Camões, 24 (tel. 322798).

CAMPOLIDE:
Oliveira, Rua de Campolide 54-A (tel. 684424).

CAMPO DE OURIQUE:
Elma, Rua D. Maria Pia, 358-A (tel. 686176); **Urbano, de Freitas,** Rua Silva Carvalho, 5 (tel. 662838); **Tagus,** Praceta da Rua Possidónio da Silva, 162-A (tel. 669485); **Pinheiro;** R. de Campolide, 131 (tel. 686640).

CARNIDE:
Ribeiro, Estrada da Luz, 99-A (tel. 780969).

JANELAS VERDES:
Reis Garrido, R. das Janelas Verdes, 90 (tel. 662327)

LAPA:
Mota Capitão, Rua de S. Félix, 45-B (tel. 660720).

LUMIAR:
Central, R. do Lumiar, 75 (tel. 790480).

MARQUÊS DE POMBAL:
Liberal, Avenida da Liberdade, 219 (tel. 43641).

MOURARIA:
Silva, Calçada de Santo André, 16 (tel. 862074).

OLIVAIS:
Antunes Rosas, Praça da Cidade do Luso, lote 199 (Olivais-Sul) (tel. 313610); **Central dos Olivais,** Rua Alferes Barrilaro Ruas, 7-C (Olivais-Norte) (tel. 315539)

PENHA DE FRANÇA:
Bastos, Rua Morais Soares, 91-D (tel. 844350); **Branquinho,** Rua de Sapadores, 87 (tel. 842725).

PICHELEIRA:
Luzmar, R. João Nascimento Costa, 16-A (telefs. 720703-728395).

RATO:
Vicente de Jesus, Largo do Rato, 3-C (tel. 681947).

RESTELO:
Belém, Rua Tristão Vaz, 10-A (à encosta do Restelo) (tel. 612248).

SANTO AMARO:
Gomes, Rua da Junqueira, 326 (tel. 638193).

S. Bento.
Fénix, R. da Cruz dos Poiais 52, (tel. 678531).

S. MIGUEL:
S. Miguel, Praça Francisco de Morais, 1 (tel. 771469).

S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA:
Novais, Avenida Luís Bivar, 11 (tel. 44324).

SETE RIOS:
Curie, Av. Madame Curie, 15-A (tel. 778439); **Laranjeiras,** Rua Filipe da Mata, 160 (tel. 761035).

SOCORRO:
Silmar, R. de S. Lázaro, 128 (tel. 42829).

XABREGAS:
Conceição, Calçada de D. Gastão, 30 (tel. 381279).

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS:
Combatentes, Av. Comb. G. Guerra, 166 (Tel. 213953)

CAXIAS
Nova, Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (Tel. 242839)

PAÇO DE ARCOS:
Trindade Brás, R. Costa Pinto, 186 (Tel. 2430058).

OEIRAS:
Central, R. João Teixeira Simões, 18 (Tel. 2430058)

PAREDE:
Aisir, Bº das Caixas de Previdência-Bloco A (Tel. 2472948)

S. PEDRO DO ESTORIL:
S. Pedro - (Tel. 263052)

ESTORIL:
S. João, S. João do Estoril (Tel. 261186)

MONTE ESTORIL:
Ostende, R. de Espinho, 1 (Tel. 260391)

CASCAIS:
Cordeiro, Av. Com. G. Guerra, 40 (Tel. 281419)
Nova, Est. de Alvide-Fontainhas (Tel. 281044)

LINHA DE SINTRA

DAMAIA:
D. João V, Av. Gorgel do Amaral, 2-A (Tel. 970461)

AMADORA:
Cavaca, R. Elias Garcia, 209 (Tel. 930019)
Flama, R. Elias Garcia, 78-B (Tel. 932485)
Confiança, Av. D. Nuno Alvares Pereira, 23-D (Tel. 938149)

QUELUZ:
Gil, Av. Miguel Bombarda, 28 (Tel. 950117)
Simões Lopes, Av. Elias Garcia, 51 (Tel. 950123)

CACEM:
Central, R. Elias Garcia, 55 (Tel. 2940034)

MEM MARTINS:
Química, Est. de Mem Martins, 285 (Tel. 2910012)

S. PEDRO DE SINTRA:
Vatentim, (Tel. 980456)

SINTRA:
Misericódia, L. Dr. Gregório de Almeida, 2 (Tel. 980391)

COLARES:
Abreja (Tel. 299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE:
Nunes, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (Tel. 234137)

ALHOS VEDROS:
Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (tel. 224250)

ALMADA:
Algarve, R. Fernão Lopes, 1 (Tel. 270271)

BAIXA DA BANHEIRA:
Nova Fátima, Est. Nacional, 221 (Tel. 224141)

BARREIRO:
Picarra, Av. do Bocage, 65 (Tel. 2274774)

COVA DA PIEDADE:
Império, R. Cabo da Boa Esperança, 31-A (Tel. 274356)

MOITA:
União Moitense, Av. dr. Teófilo Braga (Tel. 239025)

MONTIJO:
Higiene, R. José Joaquim Marques, 142 (Tel. 230370)

SESIMBRA:
Lopes, R. Cândido dos Reis, 67 (Tel. 229028)

SETÚBAL:
Higiene, R. Frei Agostinho da Cruz (Tel. 22408)
Portugal, R. Camilo Castelo Branco, (Tel. 23211)

SEIXAL:
Soromenho, R. Paiva Coelho, 38 (Tel. 2218560)

PORTO

Anacleto de Barros, Rua do Loureiro, 104; **Cameira, Rua** do Heroísmo, 90; **Canavarro** Rua da Restauração, 53; **Confiança,** Rua de Santa Catarina, 960; **Costa Cabral,** Rua de Costa Cabral, 1832; **Figueiredo,** Lda Rua de Cedofeita, 125; **Ponte de Moura,** Rua de Tânger, 1463; **Monte dos Burgos,** Rua do M. dos Burgos, 802; **Monte Cativo,** Rua do Monte Cativo, 444; **Nova Avenida,** Av. Fern. de Magalhães, 692; **Padrão,** Largo do Padrão, 342; **Parente, Rua** das Flores, 114; **Pombeiro,** Campo M. da Pátria, 152; **Sá da Bandeira,** Rua Sá da Bandeira, 236; **Nacional,** Rua Senhora da Luz, 156-Foz.

COIMBRA

Silva Soares, R. M. de Albuquerque, 26 - 28 (tel. 26554); **Vilaça, Ld.ª,** R. Ferreira Borges, 132 (tel. 22043); **Cruz e Costa,** R. A. Vasconcelos, 71 - 71 - A (tel. 22715).

cinemas • cinemas • cinemas

BERNA
15.15 - 18.30 - 21.45
(Grupo C-M. 14 anos)
Arthur Hill, David Wayne e James Olson numa espectacular aventura. A AMEAÇA DE ANDROMEDA, um filme de ficção em technicolor.

SATÉLITE (Tel. 562632)
15.30 - 18.30 - 21.45
(Grupo D - M. 18 anos)
10.ª Semana
MORTE EM VENEZA c/ Dirk Bogard, Silvana Mangano e Bjorn Andreson

APOLO 70 (Telef 763319)
15.00 - 18.15 - 21.30
(Grupo C 14 anos)
7.ª Semana IVAN O TERRÍVEL Um filme genial de Sergei Eisenstein

ALVALADE
15.15 - 21.30
15.15-21.30 (Grupo D - 18 anos) HENRI CHARRIERE o célebre Papilon num filme por ele escrito e interpretado ao lado de Claudia Cardinale. Scope-color «Popsy Pop»

VOX (Telf. 720808
15.15-18.30-21.45
(Grupo D-M. 18 anos)
10.º semana triunfal LOVE STORY c/ Ali Mac Graw e Ryan O'Neal

ROYAL (Tel. 865037)
15.00 - 21.00
(Grupo D - M. 18 anos)
«O DOSSIER» ANDERSON e «PERVERSA OBCESSÃO»

CONDES (Tel. 322523-326710)
14.15 - 16.30 - 18.45 - 21.45
(M. 18 anos)
Ugo Tognazi em O COMISSARIO PEPE. O filme de choque de Ettore Scola.

EUROPA (Tel. 661018)
15.15 - 21.30
«O ESTRANHO AMOR DE UM MARIDO
Hoje às 18.15 (Grupo A (6 anos) CIRCOS À VOLTA DO MUNDO e «O ESTRANHO AMOR DE UM MARIDO.

ROMA (Tel. 72778)
15.30 - 18.30 e 21.45
(Grupo D - M. 18 anos)
«O DOCE CORPO DO DELITO» Victorio Gassman, Anna Moffo, Anita Ekberg

RESTELO (Tel. 610375)
21.30 Grupo D. M. 18 anos)
8.ª Semana. O mais espectacular e divertido filme de temporada «A DOCE VIDA DA CASTA SUSANA».

ODEON (Tel. 326283)
15.15 - 18.15 e 21.30
(Grupo B M. 18 anos)
Grande êxito do apaixonante filme A AMANTE depois de encontrar um grande amor, despreza-o... Porque?

ESTÚDIO (Tel. 555134/5)
15.30 - 18.30 - 21.45
(Grupo D - 18 anos)
11.ª Semana O JOELHO DE CLAIRE (le Genou de Claire), c/ Jean Claude

LUMIAR (Tel. 795296)
21.00 (Grupo B-M. 10 anos)
«EM BUSCA DA FELICIDADE «UM PERIGO EM CADA CURVA

AVIS (Tel. 47163)
15.30 - 18.30 - 21.45
«O FIDALGO MENDIGO» c/ Philippe Noiret-Dany Carrel

TIVOLI
(Tel. 50595)
15.00 e 21.30
(Grupo D M. 18 anos)
3.ª Semana. Uma comédia divertida e atrevida! ONTEM, HOJE E AMANHÃ com Sophia Loren e Marcello Mastroianni. Realização de Vitorio De Sica.

EDEN (Telef. 320768)
15.30 - 18.30 - 21.45 M. 18 anos)
Colorido. POPSY POP. Henri Charriere (o célebre Papillon) num filme por ele escrito e interpretado ao lado de Claudia Cardinale e Steve Baker

ESTÚDIO 444
14.30 - 16.45 - 19.00 - 21.45
(Grupo C - M. 14 anos)
Eastmacolor. LIKA o amor de Tchekhov numa nova linguagem cinematográfica.

MUNDIAL (Telf. 538743)
15.15-18.30-21.45
(M. 18 anos)
5.ª semana triunfal. Elliot Gould e Brenda Vaccaro na satírica comédia conjugal em Technicolor UMA CERTA FORMA DE AMAR

LYZ (Tel. 48560)
15.00 e 21.00
Grupo C (M. 14 anos)
«UM CASO DE AMOR e A GRANDE PARODIA»

IMPÉRIO (Telef 555134/5
16.15 - 18.30 - 21.45
(Grupo D-18 anos)
«O PEQUENO GRANDE HOMEM «Uma obra prima de Arthur Penn com Dustin Hoffman e Faye Dunaway 70 m/m

SÃO JORGE
15.15, 18.15 e 21.30
(Grupo D - M. 18 anos)
O filme que dispensa adjectivos «O SEGREDO» com Dean Martin e Geraldine

IMPERIAL (Tel. 821933)
15.00 e 21.00
Grupo C (M. 14 anos)
«CORRIDA CONTRA O DESTINO e O HOMEM QUE VEIO DO FUTURO»

CASINO ESTORIL
17.00 - 21.00
(Grupo D - M. 18 anos)
«ACONTECEU NO VERÃO PASSADO c/ Renauld Verley, Bernard Lecoq.

POLITEAMA (Tel. 326305)
15.15 - 18.15 - 21.30
(Grupo M. 14 anos)
2.ª Semana de Ray Miland e Van Johnson no extraordinário filme policial «PROFISSÃO ASSASSINO»

MONUMENTAL (Tel. 555131)
15.15 - 18.15 - 21.30
(M. 10 anos)
CORRIDA PARA A AVENTURA C/ Marlene Jobert, Michael Picolli

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

VILLARET
20.45 - 23.00
«O aniversário da tartaruga»

MARIA VITÓRIA
20.45 - 23.00
«O Zé aperta o cinto»

A.B.C.
10.45 - 23.00
(18 anos)
«Saidas da casca»

VARIEDADES
21.45
(18 anos)
«Empresta-me o teu apartamento»

CAPITÓLIO
21.45
(18 anos)
«A Querida Mamã»

LAURA ALVES
21.45
(18 anos)
«O Vison Voador»

GIL VICENTE
21.30
«O menino selvagem»

COLISEU
21.30 (10 anos)
Companhia Internacional de circo.

LISBOA/Cinemas

OLIMPIA
18.00
(18 anos)
«DJANGO MATA»

CINEARTE
21.00 (14 anos)
«Quando as pistolas decidem».

JARDIM
21.00
(10 anos)
«Nem sempre se pode ganhar»

PARIS
21.00 (18 anos)
«A Doce Vida de Casta Susana».

ROYAL
21.30
(18 anos)
«Preverssa Obsessão»

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Stadium
21.30 (10 anos)
«O presidente do glorioso Foot-boli Clube»

OEIRAS
Oeiras-Cine
21.00 (17 anos)
«O Faraó»

CARCAVELOS
Vitória-Cine
21.30 (17 anos)
«Navajo Joe»

PAREDE
Royal Cine
21.15 (18 anos)
«Quando as pistolas decidem»

ESTORIL
Casino
18.30 - 21.30 (18 anos)
«Aconteceu no Verão passado»

Palácio
21.30 (17 anos)
«Ned Kelly»

Esplanada
21.30 (18 anos)
«Lilith e o seu destino»

CASCAIS
S. José
21.30 (18 anos)
«A Vergonha»

LINHA DE SINTRA

DAMAIA
D. João V
21.30 (14 anos)
«Cidade Violenta»

VENDA NOVA
Cine Portugal
21.15 (14 anos)
«Assalto fantástico»

AMADORA
Recreios Desportivos
21.15 (10 anos)
«A Família Robinson»

QUELUZ
Queluz Cinema
21.15 (10 anos)
«Acaba com eles e volta só» e «Missão em Hong Kong»

MEM MARTINS
Cine Chaby
21.30 (18 anos)
«Um belissimo Novembro»

SINTRA
Carlos Manuel
21.15 (18 anos)
«Soldado azul»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrivel
21.15 (10 anos)
«Tora! Tora! Tora!»

COSTA DA CAPARICA
Copacabana
21.00 (17 anos)
«A Paixão» e «Diabo á solta»

BARREIRO
Ginásio
21.00 (17 anos)
«Um homem e uma mulher».

Cine-Barreirense
21.00 (10 anos)
«O inimigo público»

LARANJEIRO
Instrução e Recreio
21.30 (10 anos)
«Adeus amigo»

MONTIJO
Joaquim de Almeida
21.00 (10 anos)
«Com os olhos vendados»

PORTO/Teatros

SÁ DA BANDEIRA
20.45 23.00
(18 anos)
«Pimenta na Lingua»

ANTÓNIO PEDRO
21.45
(18 anos)
«Os Fidalgos da Casa Mourisca»

PORTO/Cinemas

AGÚIA DO OURO
21.30 (10 anos)
«Mala diplomática para o Cairo».

BATALHA
21.30 (18 anos)
«A Ameaça»

CARLOS ALBERTO
21.30 (18 anos)
«O último adeus» e «A rapariga da Montanha»

COLISEU
21.30 (14 anos)
«Vagabundos Selvagens»

JÚLIO DINIS
21.30
(18 anos)
«A Doce Vida de Casta Susana»

ESTÚDIO
21.30 (10 anos)
«Vitória amarga»

NUNO ÁLVARES
21.30 (10 anos)
«Com os olhos vendados»

OLÍMPIA
21.30 (10 anos)
«Um anjo dos diabos»

RIVOLI
21.30 (18 anos)
«Herois desconhecidos»

S. JOÃO
21.30
(18 anos)
«Love Story»

TRINDADE
21.30 (6 anos)
«Le Mans»

VALE FORMOSO
21.30
(10 anos)
«A costureirinha da Sé»

COIMBRA

BOUSA BASTOS
21.30 (17 anos)
«Sete pistolas magníficas»

TIVOLI
21.30 (18 anos)
«O circulo vermelho»

GIL VICENTE
21.30 (10 anos)
«Le Mans»

AVENIDA
21.30 (18 anos)
«A Ruptura»

BARS BOITES restaurantes

VIELA Cantam Sérgio, Berta Cardoso, Beatriz Ferreira, Tucha Mascarenhas e Elisete Cascais Tocam António Bessa e Fernando Reis Consumo mínimo 60$00 **Rua das Taipas, 14. Telef. 327256.**

TAVERNA DO EMBUÇADO Elenco João Ferreira Rosa, Beatriz da Conceição, António Melo-Correia, Maria da Nazaré Colaboração de João Braga e Vicente da Câmara Tocam Fontes Rocha, José Luís, Nobre Costa e Pedro Leal Encerra aos domingos Consumo mínimo 90$00. **Beco dos Curtumes, 10. Telef. 860816**

TIMPANAS Cantam Trio Odemira, João Fernando, Emílio Reis, Luís Braga Tocam Pedro Caldeira Cabral e Fernando Alvim Danças pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira Canções do Minho por Quim Barreiros Consumo mínimo 61$50 (taxas incl.) **Rua Gilberto Rola, 24. Telefs. 676655 e 672431.**

TAMILA Marão e s/ conjunto Matinées todos os dias Encerra aos domingos **Avenida Duque de Loulé,69. Telef. 534117.**

«A SERENATA» Cantam Cidalia Moreira António Rocha e Amelia Proença Grupo Folclórico Cantares de Portugal **Rua Diário de Notícias, 122. Telefs. 32359 e 324381.**

ADEGA MESQUITA Cantam Fernando Pinto, Francisco Martins e Alcindo Carvalho Tocam Jaime Santos e António Proença Danças Regionais por conjunto privativo Consumo mínimo 60$00 Encerra ao domingo **Rua Diário de Notícias, 107. Telef. 328307**

ADEGA MACHADO Cantam Ivete Pessoa, Esmeralda Amoedo, Tina Ferreira, Fernando Maurício, Fados de Coimbra por Loubet Bravo, Os Arautos Tocam Liberto Conde e Américo Silva Fandango pelo Grupo típico de Vila Franca de Xira Encerra as segundas-feiras Consumo mínimo 70$00 **Rua do Norte, 91. Telefs 30095 e 28713.**

a furna
música gravada
ceias até as 3 da manhã
fechado aos domingos
r. ferreira lapa, 38 d
(a duque de loulé)

D. QUIXOTE BAR BOITE com Carlos Villaret e Tony Vieira Aberto até as 5 da madrugada Encerra aos domingos **Rua da Trindade, 9.** Telef 327109

DANCINGS

CASINO ESTORIL Jogo autorizado Variedades internacionais **Telefs. 264512-264526-264596-264621-264946**

SANZALA Um pouco de Africa em Lisboa. Música constante. Encerra às 3.30 horas. **Av. Marechal Carmona. Telef. 790177.**

CLUBE ANDALUZ Boite com atracções espanholas Musica constante **Calçada Marquês de Abrantes, 64-66. Telef. 667264**

MAXIME Conjunto 6 Reacção e Maximiliano Show turístico Variedades internacionais **Praça da Alegria, 58. Telf. 55366**

HIPOPPOTAMO Conj Helder Reis Encerra aos domingos **Av. Ant. Augusto de Aguiar, 5-A. Telef. 48384.**

TERRAÇO DAS ESTRELAS (HOTEL EMBAIXADOR) Conjunto Oliver **Av. Duque de Loulé, 73. Telef. 530171.**

BATACLAM Bar Discoteca Bar aberto das 19.00 as 3.30h Disc Aberto das 22.00 as 3.30h Noites de Paris em Lisboa Encerrado ao domingo **Rua Ramalho Ortigão, 39-A. Telef. 560430.**

«PORTAS DO SOL» Restaurante-Bar Almoços e Jantares e serviço de bar permanente **Rua S. Tomé, 86. ABC. Alfama. Lisboa Telef. 861633.**

DL

RENASCENÇA GRÁFICA S. A. R. L.
PROPRIETÁRIA DO
DIÁRIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL:
REDACÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO, 185-1.º2,ºE-4.º
TELEF: 654531/ 2-3-4
SERVIÇOS TÉCNICOS:
RUA LUZ SORIANO, 44
RUA DA ROSA, 57
END. TEL. DIBOA. TELEX 1363
LISBOA-PORTUGAL

A semana internacional

Pequim tenta evitar a hecatombe na Ásia e refreia o Paquistão

O chanceler paquistanês, Mohamed Khan, foi a Paris pedir apoio para o seu país no conflito com a Índia

HONG KONG - Na sua primeira intervenção numa importante controvérsia internacional desde que se tornou membro das Nações Unidas, a China manifestou-se firmemente a favor da moderação e da conciliação no caso da crise indo-paquistanesa.

A atitude prudente da China durante as recentes conversações com uma delegação paquistanesa a alto nível, que se deslocou a Pequim deve fazer reflectir os adeptos da linha dura do Paquistão, os quais contam, possívelmente, com auxílio ilimitado da China, a fim de contrabalançar o apoio soviético à Índia no caso de um conflito entre os dois países.

COOPERAÇÃO

A presente posição da China é um bom presságio de atitude responsável, numa altura em que a delegação de Pequim se junta às outras grandes potências a fim de em comum, encontrarem uma solução para os problemas que afligem a humanidade, no âmbito das Nações Unidas.

O primeiro ministro chinês, Chou En-Lai, limitou-se a fazer alguns comentários extremamente brandos e inofensivos acerca da visita da delegação paquistanesa, durante um banquete oferecido em sua honra. Segundo ele, as conversações «sobre questões de interesse comum proporcionaram resultados satisfatórios», os quais constituem uma prova das «amigáveis relações e cooperação» e da «sincera amizade» entre a China e o Paquistão.

O ministro (interino) dos Negócios Estrangeiros, Chi Peng-Fei, afirmou que o problema do Paquistão Oriental é um assunto interno para o qual o povo paquistanês devia tentar encontrar «uma solução razoável», livre da interferência estrangeira.

A Índia «intrometeu-se grosseiramente» nos assuntos paquistaneses, tendo-se entregado a «actividades subversivas» e feito «ameaças militares»; acrescentou Chi. Segundo ele, uma retirada pelos dois países das suas forças estacionadas junto da fronteira contribuiria para aliviar a tensão, que causa «grande preocupação à China». O ministro chinês recomendou á Índia e ao Paquistão que efectuassem consultas, visando a resolver pacíficamente as suas divergências.

PRUDÊNCIA

Se o Paquistão for atacado, a China «apoiará, como sempre, resolutamente» este país na defesa da «soberania e independência nacionais», acrescentou Chi.

Não se fez qualquer alusão oficial a fornecimentos adicionais de armas ao Paquistão, embora, a dar crédito a determinadas fontes, o presidente Yaya Khan tivesse declarado uma semana antes que «o Paquistão, obterá todas as armas e munições de que necessita e toda a assistência excluindo a intervenção física», no caso de ser atacado pela Índia.

Zulfikar Ali Bhutto, que chefiou as delegações militar e civil paquistanesas a Pequim, recusou-se a falar aos jornalistas acerca de um aumento do auxílio militar chinês, declarando que não via necessidade de um comunicado resumindo as conversações, as quais, segundo ele, deviam bastar para deter a agressão.

A maneira como as conversações decorreram mostra que os chineses não quiseram comprometer-se demasiadamente no seu apoio ao Paquistão, procurando usar a sua influência para acalmar os ânimos.

Se os chineses tivessem a intenção de se envolver no imbróglio, poderiam ter enviado Chou ou qualquer outro alto funcionário ao Paquistão, tal como o fizeram no Paquistão, tal como o fizeram no caso do Vietname do Norte, no passado mês de Março, quando aquele visitou Hanoi a fim de tranquilizar os indochineses após a invasão do Laos.

Por outro lado, ter-lhes-ia sido fácil servir-se de discursos de Chou e de um comunicado conjunto final com o propósito de vincarem bem o seu apoio ao Paquistão, à semelhança do que fizeram em Março com os vietnamitas.

A China, porém, tem interesses limitados na questão paquistanesa, o que, aliás, está patente na maneira como procedeu relativamente ao problema, antes e mesmo no decurso das recentes conversações de Pequim.

Os chineses desejam manter boas relações com o Paquistão, o qual coopera com a China de muitas maneiras e permite a utilização dos seus aeroportos para os vôos entre aquele país e a Europa. Além disso, ambas as nações vêm na Índia um adversário, facto que não pode deixar de as aproximar. Todavia, é muito provável que a China considere extremamente embaraçoso o apoio que dá ao regime de Khan, em virtude da repressão do movimento de independência do Bengala.

Além disso, um conflito em larga escala no subcontinentel indiano não só agravaria o fardo do fornecimento de armas por parte da China, mas proporcionaria também ao seu principal adversário, a União Soviética, uma abertura para expandir o seu poderio ao longo do flanco sul da China, através do apoio de Moscovo à Índia.

EQUILÍBRIO

Estas razões são mais do que suficientes para levarem a China a aconselhar o Paquistão a proceder cautelosamente na sua disputa com a Índia ao mesmo tempo que mantém as suas promessas de auxílio.

A reputação da China no momento em que entra na Nações Unidas constitui mais um motivo para Pequim tentar evitar envolver-se profundamente na disputa.

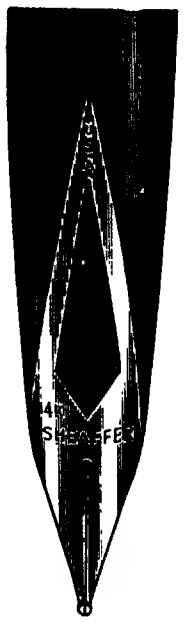
A China desaprova a interferência nas questões internas dos outros Estados, afirma Pequim, e não procederá como uma grande potência desejosa de estabelecer a sua hegemonia.

Se Pequim conseguir manter o equilíbrio delicado que representa o seu auxílio ao Paquistão sem ser arrastada ainda mais para a fogueira do subcontinente terá dado um passo no sentido de justificar aquela pretensão, ao começar a sua carreira nas Nações Unidas.

por Donald Bremner

Exclusivo «The Los Angeles Times» - «D.L.»

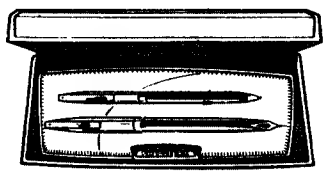
Os delegados de Pequim apresentam-se na ONU como grandes árbitros da paz na Ásia



Um presente inesquecível

Só a Sheaffer poderia fabricar uma caneta de tão superior qualidade. O aparo em ouro de 14 quilates é embutido a fim de aumentar a sua beleza e resistência. A tampa hermèticamente fechada conserva o aparo molhado, pronto a escrever imediatamente. O clip, munido de uma mola interior, evita que a caneta se perca, pois ajusta-se com firmeza a qualquer tecido. A primeira vez que fizer a sua assinatura com uma caneta Sheaffer, ficará convencido da sua inigualável superioridade.

SHEAFFER



AGENTES EXCLUSIVOS
AZEVEDO & DUARTE, LDA.
RUA DO CRUCIFIXO, 76-1.º — LISBOA-2
DEPOSITÁRIO NO PORTO: ÉLIO AMORIM

TEATRO MUNICIPAL DE SÃO LUIZ

ORQUESTRA FILARMÓNICA DE LISBOA

TEMPORADA DE CONCERTOS
1971-1972

HOJE — 16 HORAS

ÚLTIMA AUDIÇÃO DO 3.º CONCERTO

1.ª Sinfonia, de Brahms

A Biosfera (1.ª audição) de Marlos Nobre

O Descobrimento do Brasil (1.ª audição), de Heytor Villa Lobos

MAESTRO: Alceo Bochinno

(Grupo A/6 anos)

4.º CONCERTO

Pastoral, de Ivo Cruz

1.º Concerto para Piano, de Liszt

Burlesca para Piano, de Strauss

Pássaro de Fogo, de Strawinsky

MAESTRO: Silva Pereira

PIANISTA: Sérgio Varela Cid

2 de Dezembro de 1971 — 21.45 h. - (Grupo B/10 anos)

5 de Dezembro de 1971 — 16 h. - (Grupo A/6 anos)

5.º CONCERTO

3.º Concerto Brandeburguês, de Bach

Concerto para Piano e Orquestra, de Armando José Fernandes

7.ª Sinfonia, de Beethoven

MAESTRO: Manuel Ivo Cruz

PIANISTA: Nela Maissa

16 de Dezembro de 1971 — 21.45 h - (Grupo B/10 anos)

19 de Dezembro de 1971 — 16 h - (Grupo A/6 anos)

BILHETES À VENDA NO TEATRO

COMPANHIA DO TEATRO MUNICIPAL

«A SALVAÇÃO DO MUNDO»,
de José Régio

Encenação de COSTA FERREIRA

A ESTREAR NA ÚLTIMA SEMANA DE NOVEMBRO

Grupo C — 14 anos

SUPLEMENTO LITERÁRIO

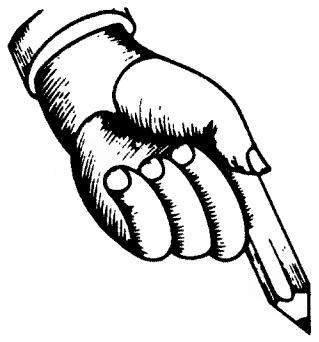
Um Autor, **Júlio Moreira** responde a um Crítico **João Gaspar Simões** em termos de Autor e Crítico

Mas o texto é o mesmo para os leitores

CRÍTICA EM CRÍTICA

A propósito de um artigo de Crítica Literária do Dr. João Gaspar Simões publicado em 26/8/71 na secção literária do «Diário de Notícias» sobre o **«Insecto Perfeito»**

Desenho de TOPOR



Pela terceira vez o Dr. João Gaspar Simões se refere, no exercício da sua função de crítico a trabalhos literários meus (Diário de Notícias de 18/5/67, 25/12/68 e 26/8/71); de certo modo me sinto obrigado a corresponder a esta atenção. Não òbviamente em termos pessoais, mas no exercício da minha função de autor, cuja responsabilidade quero assumir perante os leitores.

ENTRE PARÊNTESIS

Será razoável conceber autor, leitor e crítico como 3 peças isoladas existindo em si e por si? Quando falamos de «obra», literária ou outra referimo-nos implícitamente a um sistema de três pessoas distintas(autor, leitor e crítico) que se conjugam numa só verdadeira «obra».

É o momento de pôr em causa o papel do crítico nesse sistema tentando definir a complexidade das funções, a responsabilidade e importância dos efeitos que provoca dentro do processo global (de certo modo colectivo) da criação literária.

Para a maioria dos leitores competirá ao crítico seleccionar as obras divulgando o seu conteúdo e valor. Um leitor mais exigente poderá esperar do crítico que localize obra e autor num contexto cultural. A importância do crítico transcende a destas funções simples. Para o autor, o crítico é o leitor que se exprime como leitor; em princípio o leitor consciente e esclarecido que lhe dará a medida duma relação como o domínio anónimo dos leitores.

O crítico interfere assim duplamente no processo de comunicação condicionando a receptividade do leitor e orientando de certo modo o «projecto» do autor. Mas o seu papel não se limita ainda a estas funções «didácticas»: torna-se «criativo» na medida em que condiciona a própria imagem da obra, propondo (ou impondo) um modo de leitura e portanto um processo de interferência.

A título de exemplo, a obra de Fernando Pessoa, tal como hoje é concebida e utilizada, não nasceu da simples apresentação dos textos aos leitores: «Fernando Pessoa» é o resultado de um processo que se desenvolveu a partir desses textos, no qual todos tomamos parte, muito especialmente os críticos (e em particular o Dr. João Gaspar Simões). Fernando Pessoa, tal como o entendemos comunicamos eventualmente plagiamos, é uma obra colectiva, um produto do sistema Fernando Pessoa-leitores-críticos (ou exegetas). Será provàvelmente neste sentido que podemos entender a afirmação do Dr. Gaspar Simões a respeito do meu livro **A Execução** (Ed. Prelo): **que hoje em dia não é preciso ler Kafka para o imitar** (D. N. 18/5/67).

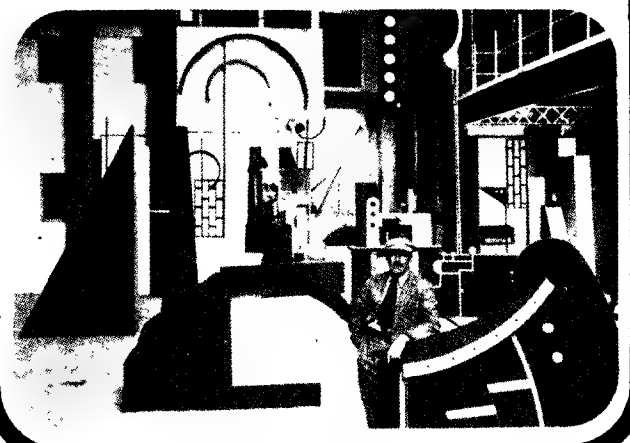
É também por razões desta ordem que frequentemente um «modo crítico» particular, correspondente a uma corrente cultural, reabilita em dado momento histórico autores antes considerados menores e afunda outros aceites como de primeira importância. Não foi essa uma das principais contribuições do movimento surrealista para o processo cultural em curso?

A incontestável, múltipla influência do crítico no processo literário identifica-se em última análise com a do leitor — o leitor-entidade-consciente apesar de personificado numa pessoa-leitor concreta. Não seria mais simples e mais natural reduzir a complicada «trindade»

Continuação da página dois

Nas páginas centrais

FERNAND LÉGER 1881 - 1955



INQUÉRITO

Durante 17 semanas a nova crítica esteve em questão

Com as respostas de António Quadros publicadas no último número deste Suplemento, consideramos encerrado (alguns dirão que finalmente) o nosso inquérito sobre a Crítica.

Durante dezassete semanas (de 22 de Julho a 14 de Novembro), aqui foram publicadas, sem interrupção, vinte e uma respostas. Ei-las pela mesma ordem em que apareceram:

Eduarda Dionísio
Arnaldo Pereira
M. S. Lourenço
Serafim Ferrreira
Jorge de Sena
António Ramos Rosa
Fernando Luso Soares
Gastão Cruz
Maria Alzira Barahona
Afonso Cautela
J. A. Osório Mateus
Manuel Gusmão
Eduardo Prado Coelho
Fernando Guimarães
E. M. de Melo e Castro
Luís de Miranda Rocha
Julio Conrado
Armando Ventura Ferreira
Taborda de Vasconcelos
Arnaldo Saraiva
António Quadros

Apesar de igualmente convidados, não chegaram a enviar as suas respostas,

Adolfo Casais Ribeiro
Alexandre Pinheiro Torres
Álvaro Salema
David Mourão Ferreira
Eduardo Lourenço
Fernando Moreira Ferreira
João Gaspar Simões
João Palma Ferreira
João Rui de Sousa
José Bento
José Palla e Carmo
Jacinto Prado Coelho
Jorge Amaral Nogueira
Liberto Cruz
Luiz Pacheco
Manuel Alberto Valente
Manuel Poppe
Maria Aliete Galhoz
Maria de Lourdes Belchior
Mário Dionísio
Nuno Júdice
Óscar Lopes
Ruy Belo
Urbano Tavares Rodrigues
Vergílio Ferreira
Vitorino Nemésio

Dentre estes, alguns houve de que recebemos promessa de resposta mas que, por motivos de vária ordem. o não chegaram a fazer Alexandre Pinheiro Torres, Eduardo Lourenço, Fernando Moreira Ferreira, Liberto Cruz, Luiz Pacheco). Quanto a **João Rui de Sousa** e a **Óscar Lopes** justificaram pessoalmente as suas ausências, o último, lamentamo-lo, por motivos de saúde.

Não é ainda altura para que tiremos conclusões — se bem que algumas notas de carácter geral pudessem já ser extraídas do conjunto de depoimentos aqui publicados. Como para tudo o mais será o futuro quem, melhor do que nós, poderá vir a responder sobre o sensacional debate que nas páginas deste suplemento teve um dos seus modos de existência. Debate que, sem sectarismos, pretendemos fosse o mais amplo possível.

Do conjunto de respostas algumas diferenças se nos mostraram irredutíveis. Outras, de raízes não tão diversas, o trabalho futuro acabará decerto por vir atenuá-las. De todas elas este inquérito quis ser o espelho e um dos lugares em que serenamente pudessem manifestar-se — num momento em que a inteligência portuguesa reconhece a impossibilidade de um saber que prèviamente se não interrogue sobre o seu próprio modo de ser.

Lamentamos as ausências. Mas, sem entusiasmo excessivo, regozijamo-nos também com as presenças, com todos aqueles que, respondendo ao nosso apelo, não quiseram deixar de aqui manifestar a sua posição num debate de ideias que, evidentemente, nem só aos específicos problemas da crítica actual disse respeito.

Crítica em crítica — Júlio Moreira responde a Gaspar Simões

Continuação da página um

a um «tête-à-tête» autor-leitor? Mas não será possível fazê-lo, a não ser que o crítico seja capaz de realizar em si essa fusão, assumindo o papel de leitor-consciente-dialogante.

Entretanto continuará a ser frequente o espectáculo de «críticos divididos», cuja opinião como críticos difere da opinião como leitores. Assim se criam **fronteiras** artificiais que dificultam inúltilmente o (já complicado por outras razões) processo colectivo da criação literária.

Esse é em particular o caso do Dr. João Gaspar Simões.

FRONTEIRAS I: CRÍTICO/AUTOR

Saímos do parêntesis directamente para o caso concreto (que pode ser exemplificativo) das críticas do Dr. João Gaspar Simões que me forçaram a esta crítica à crítica:

... Júlio Moreira, engenheiro agrónomo que, já sobre o tarde na sua carreira profissional, descobriu um autor que fez dele, imprevistamente, homem de letras — Franz Kafka. (D. N. 26/8/71).

O caso da «Execução» é mais difícil de definir. Trata-se de um engenheiro agrónomo que sobre o tarde surge romancista. Sim, romancista à maneira de alguém que tivesse lido Franz Kafka e de repente se lembrasse de lhe seguir as pegadas. (D. N. 18/5/67).

A profissão do engenheiro-agrónomo (quero aproveitar a oportunidade para informar que sou também aquitecto paisagista, profissão muito de meu agrado, e oferecer os meus préstimos aos eventuais clientes que leiam este artigo!) parece um dado importante na formulação do juizo, na estruturação da atitude crítica do Dr. João Gaspar Simões, cuja formação profissional aliás ignoro.

Outra preocupação aparentemente extra literária é a falta de precocidade da minha vocação: para o Dr. João Gaspar Simões ambos os livros aparecem **sobre o tarde,** expressão textualmente repetida com quatros anos de intervalo.

Entusiasmado com o seu papel de crítico (diferenciado do seu papel de leitor) o Dr. João Gaspar Simões vai até ao limite da perspicácia quando descobre que a minha vocação literária nasceu com a leitura de Kafka — **de repente imprevistamente** — como se o génio do mestre tivesse baixado fulgurante para me fecundar, um pouco à maneira do Espírito Santo, ou como o «preto velho» ou o «caboclo» do ritual da macumba.

Com todo o horror que tenho a atitudes confessionais, não posso deixar de aproveitar o feliz acaso de estar ainda vivo (sorte que o Fernando Pessoa não teve quando da publicação da «Vida e Obra») para informar o leitor que não fui empenhado pelo Kafka: ganhei o meu primeiro prémio literário no ano lectivo de 1939-40 (nasci em 1930) na classe de português do primeiro ano, turma B, do Liceu Pedro Nunes. Em 1947, em plena crise de adolescência, queimei uma volumosa obra poética — **lato sensu,** regada com uma bagaceira prética (sem baptismo). Tudo antes da descoberta do Kafka, que aliás nunca tive a felicidade de encontrar no decurso da minha **carreira profissional!**

O desentendimento **pessoal do crítico em relação ao autor, gato escondido com o rabo de fora, acaba por se denunciar completamente em frases como esta: «O engenheiro agrónomo Júlio Moreira não se cura do seu mal literário. E ei-lo que nos oferece uma nova amostra da sua tineta de homem de letras».** (D. N. 26/8/71)

Em princípio não se vê razão para o crítico se comprazer nestas pequenas agressões, de que o autor situado do outro lado da fronteira, só por deferência se apercebe.

Mas talvez o Théophile Gautier tenha razão. Talvez o crítico em geral e o Dr. João Gaspar Simões em particular seja **l' eunuque obligé d'assister aux ébats du grand seigneur.**

O crítico tentando castar o autor; o autor chamando eunuco ao crítico!

FRONTEIRA II: CRÍTICO/OBRA

A agressividade crítica não atinge exclusivamente o autor-em-pessoa; volta-se para a obra-em-si com a mesma virulência.

Refiro-me a uma crítica tradicional, de certo modo pioneira. Talvez hoje tenhamos chegado ao limiar da era em que a crítica encontrará os seus meios e a sua técnica; a sua objectividade. A verdade é que com LuKács e as literaturas comparadas, a briga perdeu o carácter pessoal.

Mas voltando à era do Dr. João Gaspar Simões, temos de reconhecer que entre crítico e obra se cava uma profunda fronteira.

Le plaisir de la critique nous ôte celui d'être vivement touchés par de très belles oeuvres (la Bruyére).

De que natureza será esse prazer da crítica que La Bruyére reconhece como fronteira entre o crítico e a obra?

Flubert tem a mesma ideia, mas põe-se na posição do inquiridor: **c o n nnaissez-v o us une critique qui s'inquiète de l'oeuvre en soi?**

A incapacidade do Dr. João Gaspar Simões (enquanto no exercício da sua função de crítico) para tratar o objecto da sua análise, a obra é bem evidente na crítica ao **Insecto Perfeito;** pretexto justificável para esta conversa informal sobre crítica literária ao nível considerado.

Tudo se passa como se o Dr. João Gaspar Simões partisse da dicotomia forma-conteúdo. Púdico deste primarismo, tenta defender-se: **As técnicas ou são concomitantes da matéria literária que as determina ou não passam de processos mecânicos de trabalho** (D. N. 26/8/71).

Somos hostis a técnicas aprendidas, afirma mais adiante; mas para conceder logo: **sobretudo quando essas técnicas não são da natureza daquelas que realmente se aprendem...**

Há pois para o Dr. João Gaspar Simões técnicas literárias que **realmente se aprendem.** Cita como exemplo uma lista de técnicas» que lembra a classificação chinesa dos animais de que nos fala Borges e que Foucault toma como ponto de partida para «les mots et les choses».

O leitor habitual do Dr. João a técnica adoptada (N'**O Insecto Perfeito) resulte de facto. Há nela uma perfeição mais de robot que de ser humano.**

Ora **em literatura, como aliás em cinema, todas as técnicas são boas — desde que resultem** (D. N. 18/5/67 e 26/8/71).

Pobre do leitor coitado como vai ele orientar-se neste labirinto de conceitos resvalantes?

Se **as técnicas nem se projectam nem se fabricam, nem se imitam, nem se reproduzem,** como podem resultar **de facto** e atingir perfeições mesmo que sejam **de robot,** sendo imitadas do inimitável Kafka?

Mas não fica ao nível da técnica a confusão, a briga pessoal do crítico com a obra. A grande confusão nasce de facto ao nível do crítico-ele-próprio, na medida em que se afasta da sua natureza de leitor.

FRONTEIRAIII: CRÍTICO/LEITOR

Entre os críticos e os leitores estabelece-se frequentemente uma fronteira intransponível a uns e a outros.

Inexplicávelmente (à primeira vista) a comunicação é penosa, mesmo deformada. O leitor esforça-se por penetrar o pensamento oculto do crítico que se recusa a si próprio como leitor. Mais raramente o crítico divide-se ficando metade de cada lado da fronteira. Mas em virtude da unidade essencial da pessoa humana, as opiniões do crítico interferem nas preferências do leitor e as preferências do leitor no juizo do crítico.

Um belo exemplo de crítico dividido é-nos dado pelo Dr. João Gaspar Simões. Já vimos como, enquanto crítico demoliu autor e obra: o engenheiro agrónomo Júlio Moreira e a «novela» **O Insecto Perfeito.** No processo de demolição não pôde deixar de ressalvar qualidades, logo negadas. Mas eis que súbitamente esquecido da sua pele de crítico se vem oferecer como leitor:

A tal ponto toma conta de nós, nos embruxa (O Insecto Perfeito), que a muito custo interrompemos a leitura, uma vez começada. Enredado na ambiguidade da prosa, espécie de flauta mágica, reconhece que leu **sob uma espécie de fascínio.** Aceita mesmo, como leitor, que a compreensão **do que se diz e do que se passa** não é indispensável ao processo de comunicação. Não pode porém evitar reflexos de crítico, estremecimentos na sua natureza do outro lado da fronteira por exemplo quando chama **psitacismo** à prosa dum autor que preferiu **o onirismo à coerência do discurso.**

Esta duplicidade, se em nada prejudica autor e obra, e, pelo contrário é até promocional (se não vejam que belo pretexto para este artigo!), torna-se extremamente nociva para as relações já de si comprometidas, entre o leitor e o autor.

FRONTEIRA IV: LEITOR/AUTOR

A distinção entre o leitor e o autor é tradicionalmente, sobestimada: o autor opõe-se à massa anónima dos leitores, beneficiando duma «natureza» privilegiada que lhe confere dons estranhos ao resto dos mortais.

Daí a expressão «imortais» aplicada aos membros das academias — mas quantos dos académicos sobrevivem a não ser nos arquivos?

O «génio» é, no limite, tomado como «mutante», numa tentativa muito em voga (à Pauwels) de sugerir fundamentos genéticos para a «diferença», um pouco à maneira dos nazismos vários que andam por esse mundo, mais ou menos disfarçados, mais ou menos subtis.

Na verdade, talvez a distinção autor/leitor não seja de ordem muito diferente da distinção automobilista/peão. Somos todos os mesmos, com mais ou menos acesso aos meios de expressão ou locomoção.

O exercício da função criativa estabelece diferenças de facto, como o exercício de qualquer outra função específica, mas não de natureza. E as diferenças «de facto» estão sobrecarregadas de factores sociais e económicos o que não quer dizer que sejam esgotadas por factores dessa ordem.

Mesmo conservando as categorias de valores expressos por termos como **«génio», «talento», «arte»,** o que está em causa é a legitimidade do seu sentido hierarquizante, implícito no contexto cuturalista académico, que apenas contribui para aprofundar o fosso de incompreensão que separa autor e leitores.

Se, por um lado, estas noções são aceites numa base de irracionalidade, por outro a atitude do leitor perante a obra é condicionada por preconceitos racionalistas. Este paradoxo é frequentemente mascarado, mas não resolvido, por códigos tácitos e gratuitos de clareza, realidade, coerência, valores que servem de base à apreciação das obras.

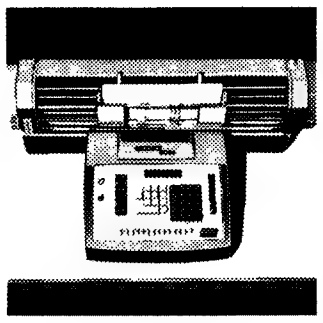
PARA TERMINAR

No clima emocional em que todos vivemos, por frustrações várias (que são do conhecimento geral), desde o tempo das bengaladas no Chiado até ao dos velados insultos de página literária, esta crítica à crítica do Dr. João Gaspar Simões poderia ser mal entendida. Faço questão de me explicar de novo para quem não me tenha entendido: não estou dizendo nada contra ninguém; achei extremamente simpática e promocional a crítica do Dr. João Gaspar Simões. Mas apesar disso senti-me na obrigação de a contestar, de denunciar o seu formalismo e incoerência, perante o leitor anónimo que é, de facto **o leitor.**

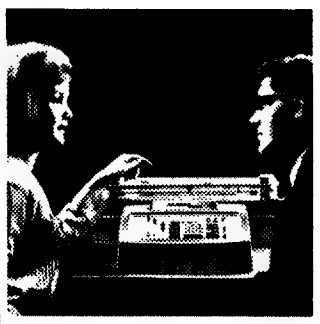
Na verdade, não vejo justificação para a existência de **intermediários** que em nada contribuem para o mecanismo de troca, limitando-se a parasitá-lo. Isto é tão verdade para o mercado de frangos depenados como para o de livros. Só a gravidade é diferente. Pago mais caro, o frango não perde a sua qualidade e sabor. Neste negócio de livros, o preço da crítica deformante é pago em termos da imagem da obra (como já vimos **Entre parêntesis)** que sai prejudicada perante um público em crise, inseguro quanto aos seus próprios juízos, solicitado pelos «tubos» do mercado (Lovehistórias) e desconfiado perante uma crítica cada vez mais hermética, quer por excesso de especialização, quer por excesso de amadorismo.

JÚLIO MOREIRA

...ESTA É A NOSSA
COLABORAÇÃO...



Um prógrama completo de máquinas de contabilidade e sistemas de organização



Uma equipa de especialistas em organização e racionalização administrativa

Um centro mecanográfico equipado para execução, actualização e supervisão de serviços de contabilidade

Cursos rápidos de preparação nos nossos métodos para o pessoal das empresas

EFICEX KIENZLE
FUNDADA EM 1947

SERVIÇOS TÉCNICOS EM LISBOA: Av. João XXI, 4-A — Telefs. 72 70 28 - 72 50 74
SERVIÇOS COM. DE LISBOA: Av. P. Manuel da Nóbrega, 4-B — Tel. 726105 - 727019
FILIAL NO PORTO: Rua Passos Manuel, 228, 1.º - Esq. — Telefone 30698

UMA CARTA DE EDUARDO GUERRA CARNEIRO

Tendo entregue para publicação um artigo intitulado UM OLHAR PARA OS SAPATOS, o mesmo artigo foi publicado no suplemento de ontem, 14/Nov./71.

Para além das gralhas **(quinze,** contei eu) fácilmente detectáveis pelos leitores - falta de pontuação, troca de letras, minúsculas em vez de maiúsculas, etc, - há uma parte em que, **inexplicàvelmente,** o sentido da frase é completamente deturpado.

Parágrafo três. Onde se lê: Alínea d: **versão,** de memória, Maiakowski Essenive: é mais **difícil** morrer do que viver, devia ler-se (conforme cópia do original em meu poder): **Alínea d (citando, de memória, Maiakowski/Essenine): é mais fácil morrer do que viver.**

Na medida em que esta alteração ao meu original pode induzir em erro os leitores quanto á minha capacidade de compreensão e interpretação dos poetas em causa, agradecia que no próximo número do suplemento fosse feita a **indispensável** correcção.

Sem outro assunto, de momento, apresento os meus cordiais cumprimentos, ao dispor

EDUARDO GUERRA CARNEIRO

N. da R.-
Pedindo desculpa ao nosso colaborador, aqui deixamos publicada a sua carta.

Com o pedido de publicação — a que nos não furtamos como tem sido norma deste Suplemento — recebemos e passamos a inserir o seguinte texto:

ANDRÉ BRETON e os alfinetes

Homenagem nossa aos homenageadores de André Breton (in Capital/Literatura e Arte/3 de Novembro de 1971) **ou o que André Breton lhes faria com os seus alfinetes se vivo fosse e se se importasse.**

António Barahona da Fonseca:
Espetava-lhe um na cabeça e esperava para ver o que saía.

Maria Velho da Costa:
Oferecia-lhe duas dúzias, impregnava um deles com laxante.

António Ramos Rosa:
Moía-os muito bem moídos, preparava uma poção, depois convidava-o para um sarau poético, onde só havia um copo.

Mário Cesariny:
Apanhava-o acordado, deitava-o, espetava-lhos levemente até desenhar-lhe uma caveira no plexo solar, depois carregava com toda a força.

Nuno de Sampayo:
Usava dez alfinetes, espetava-lhe um em cada cabeça de dedo e deixava-os ficar.

Alexandre O'Neil:
Pacientemente fazia uma letra de cada alfinete, após a operação servia-lhos em sopa.

Natália Correia:
Ligava-os uns aos outros até dar uma cobra, a seguir oferecia-a para chapéu.

Manuel de Campos Pereira:
Garantia-lhe dois alfinetes para extrair a cera dos ouvidos com os bicos — não era preciso mais.

David Mourão-Ferreira:
Metia um numa espingarda de pressão de ar e apontava de costas, acertava-lhe no olho. Saía um galo de Barcelos.

Pinharanda Gomes:
Não usava alfinetes, abria-lhe a boca até estalar.

Rui Mário Gonçalves:
Substituia-lhe cada pestana por um alfinete, depois mandava-o pestanejar.

Virgílio Martinho
Ricarte-Dácio
Ernesto Sampaio
Pedro Oom
Teresa Bento
Manuel Alberto Valente

António José Forte

Prontuário das Letras

Temas africanos constituirão a matéria da colecção Orfeu Negro, que a Editorial Inova, do Porto, acaba de inaugurar. Fê-lo, aliás, com uma obra absolutamente excepcional, um dos grandes romances do nosso pós-guerra (se quisermos ser modestos e chamar-lhe só isto): «Voz de Prisão» de Manuel Ferreira.

Durante alguns anos Manuel Ferreira hesitou, para se exprimir, entre a narrativa de raíz europeia **(Grei, A Casa dos Motas)** ou africana **(Morna, Morabeza).** A partir de 1962, com **Hora di Bai,** Prémio Ricardo Malheiros desse ano, a escolha parece feita: será sobre as gentes de Cabo Verde que ele irá escrever. **Voz de Prisão,** enfim, é a confirmação (assombrosa confirmação) de que o europeu soube transmudar-se por inteiro de uma cultura a outra. Um exemplo paralelo: **Luuanda.**

Não queremos entrar no domínio dos estudiosos, desde já intimados a pronunciar-se ràpidamente sobre este romance que prende e comove e onde podemos de passagem saborear um impecável exercício de dosagem do crioulo com o português.

Limitamo-nos a dizer ao leitor: não perca sob nenhum pretexto **Voz de Prisão.**

OS POETAS

Com **Sobre Voz,** de João Miguel Fernandes Jorge, reata o Círculo de Poesia da Moraes a sua publicação regular, estando já anunciados **Lex Icon,** de Salette Tavares, uma **Antologia da Poesia da «Presença»** (de Casais Monteiro) e a 3ª edição da **Antologia da Novíssima Poesia Portuguesa** (de Maria Alberta Menères e E. M. de Melo e Castro).

Manuel Ferreira

Sob Sobre Voz é a estreia em livro de um jovem poeta destinado a ficar como uma das figuras significativas da década de 60, apesar de tudo o que isto implica de aposta. Nele aposta, por exemplo, Ruy Belo, prefaciador do volume: «Aposto em João Miguel Fernandes Jorge, não só por intuição, mas por se inserir na linha dos melhores poetas de **Poesia 61,** colectânea que, além do seu mérito intrínseco, teve a virtude de evitar que entre nós houvesse poesia concreta. Aposto em João Miguel porque é novo (...) e porque o seu trabalho se inscreve não no domínio do **significado** mas no domínio do **significante.»**

Nuno Bragança

Em tempo: os poetas estão também no **Cancioneiro da Esperança,** pequena colectânea organizada por Maria Teresa Horta e José Carlos Ary dos Santos para a Seara Nova. Aqui trata-se da poesia com oralidade ou, no mínimo, capaz de servir os fins imediatos do companheirismo. Não olhemos com sobranceria a feição circunstancial do volume: ele assinala uma data especial na vida de todos nós. Lembram-se?

HISTÓRIAS DO MAR

Com a pertinácia que para muitos já tem passado por loucura (comercial, entenda-se), aí está de novo Fernando Ribeiro de Mello ao ataque: depois da **Peregrinação** de Fernão Mendes Pinto, precedida aliás pela **Arte de Furtar** e por toda uma série de edições singularmente bem apresentadas do ponto de vista gráfico, temos agora o I volume da **História Trágico-Marítima,** de Bernardo de Brito, texto fixado com base na edição de 1735/1736 por Neves Águas.

É um clássico, claro. Um clássico que nos lembramos de ver mal tratado (vamos lá juntar as duas palavras: maltratado) no liceu do nosso tempo. Ou era do professor? Pois bem, desconhecer um clássico não aproveita ao infractor, e está com isto muita coisa explicada. Acrescente-se que o arranjo gráfico de José Marques de Abreu torna muito agradável a leitura deste I volume, despojando-o da aparência maciça que ainda há poucos anos se considerava inseparável do «clássico» entre aspas.

REEDIÇÕES EM FOCO

Vale a pena falar de reedições quando elas são de livros importantes. Caso, por exemplo, de **«Tanta gente, Mariana,** de Maria Judite de Carvalho, que há anos constituiu, na colecção Autores Portugueses da editorial Arcádia, uma estreia a todos os títulos notável. Nascida então, ou aparecida pela primeira vez em volume, um dos prosadores fundamentais do nosso pós-guerra. Duas edições esgotadas: a terceira aí está, agora com a chancela da Prelo.

Nuno Bragança: **«A noite e o riso».** Uma extraordinária revelação dos finais da década de 60. Lisboa, o amor, a morte contados de maneira nova por um escritor **inesperado.** O livro esgotou-se ràpidamente e demorou (vamos a saber porquê) a ser reimpresso. Pronto, já está. Edição, claro, da Moraes.

E a Moraes bisa. Bisa com o primeiro volume **(«Reflexões sobre Deus»)** da **«Peregrinação interior»** de António Alçada Baptista, livro saído em princípios do ano e logo tomado de assalto (na Feira foi um ar que lhe deu, aliás o último). Alçada Baptista marcou 1971, diz-se com a melhor prosa autobiográfica dos últimos anos. Achamos que Ruben A. o precedeu cronològicamente, mas Alçada é também importante.

ENFIM SAUSSURE

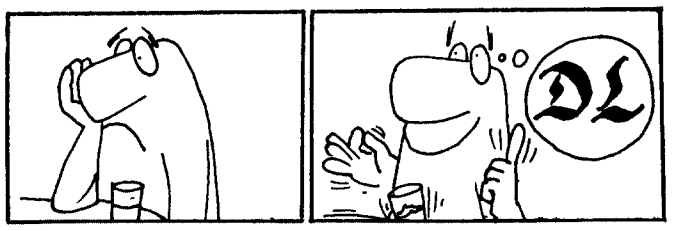
Com a versão portuguesa do **«Curso de Linguística Geral»,** de Ferdinand de Saussure, vieram as Publicações D. Quixote preencher uma lacuna cultural que ameaçava prolongar-se entre nós. É claro que se lia Saussure, figura de proa da Linguística moderna, mas na edição francesa da Payot: a sua tradução por José Victor Adragão tornou-o de imediato mais acessível a uma grande camada de universitários (e outros).

Professor da Universidade de Genebra, Saussure deu aí (1906/1911) três cursos cujos apontamentos, ordenados por Charles Bally e Albert Sechehaye, constituem afinal o volume não pôde o mestre deixar uma obra definitiva aliás, destruía metòdicamente os rascunhos dos esquemas das suas aulas, guardando-se para o volume de fôlego que pretendia redigir e teve tempo para redigir um caso idêntico ao dos famosos cursos de Filosofia de Georges Pollitzer.

PRONTO PARA LER

MARROCOS: Quem é Hassan II? Quem é Oufkir? Quem eram os conjurados de 10 de Julho? Para onde vai Marrocos (onde trabalham milhares de portugueses)? A D. Quixote faz o ponto ao assunto com **«Marrocos: Hassan e as conspirações»** (Cadernos D. Q., n.º 40). Textos de Ben Barka, Abderrahim Buabid, Jean Daniel e Charles-André Julien, entre outros.

ISLÃO: vol. XVI da colecção «Ars Mundi», que a Verbo publica em ligação com a casa suíça Stauffacher, «Islão», de Ernst Diez, traça um quadro pormenorizado das artes (incluindo as aplicadas) no passado de um conjunto de povos cuja maioridade cultural é indiscutível.



FERNA LÉGE

O operário em c

...Que o operári

e a coisa fa

Vinicius

Um aluno da 6.ª classe foi ver a exposição do Léger (que de 16 de Outubro se prolonga até 10 de Janeiro de 72 em três andares do Grand Palais, Paris) e escreveu assim:

«Ele pintou a vida actual, a cores. Pintou o nosso tempo, exagerado. Para nós é moderno, mas em todas as épocas os quadros eram modernos. Ele não procura fazer perfeito; procura generalizar, para mudar a vida, para dar a luminosidade.

Fernand Léger pinta de um só traço, enquanto os outros fazem e procuram o traço preciso.

Fernand Léger não trabalha os pormenores».

O pintor havia de gostar. Se fosse vivo (portanto com 90 anos, a idade do jovem Picasso) talvez ficasse orgulhoso: é que os artistas também morrem — mas a obra feita, se integrada no real com sonho e audácia, pode ter direito a um presente continuado, pode encontrar eco na idade de outras gentes e noutras terras do mundo

...O caso do aluno da 6ª classe que foi ver a exposição do Léger no Grand Palais.

A exposição é vasta e bem organizada, documentando abundantemente as diversas fases (ou períodos criativos) do pintor; também as suas pesquisas, esboços circunstanciais ou deliberados, caminhos do risco, aventuras sem ponto final parágrafo.

Espanta, primeiro, o denominador comum: as formas simples e vincadas (no desenho), a franqueza das cores puras. Mas não nos deixemos enganar: a simplicidade de Léger (que gostava de parafrasear Cézanne: «sou o primitivo duma época futura») é uma síntese de investigações plásticas aturadas e complexas, sendo estas, por sua vez, o resultado-em-prática dum espírito capaz de entender e interpretar o dinamismo da vida moderna, seus contrastes e oposições, seus pontos de fusão harmónica.

Léger: uma pintura riscada, lavrada, carpinteirada com mão viril e olhar limpo, tensa, iluminada por cores festivas, uma alegria quase (ou também) **comestível;**

Uma orquestração de vigas, escadas, andaimes, mecanismos, árvores tubulares, palhaços acrobatas, operários da construção cívil, periquitos ou inventadas aves tropicais, ciclistas de camisola às riscas, populares de bigode e chapéu-palhi placidez dos d ainda assim, e carne e amor), e seriam, com vacas, livros, sardinhas, um

Tudo num es de contrastes. mecânica e a fe tável, tornado (acolhedor **hoje**

Outra criança e fez a seguinte gens vivem na lho».

Está certo e p

O pintor sent bração dos tem formas e os ri dume; ma lugar para nês de origem moque frequent Rue de Lappe, clara fraternida mais que a má em substrato, tética) e a pó ideal que para constituiu um Léger pinta co ger são pois u gico e, simultâ vida e a sua fut

Venham então res e ciclistas, sem caricatura, nérea, antes co Não se trata pr Trata-se de um **coisa a coisa faz**

A pintura de mação da vida,

Terá futuro s gens.

BALLET MÉCANIQUE

SEGUNDO LÉGER

Vou falar-vos um pouco do **Ballet Mécanique.** A sua história é simples. Realizei-o em 1923-24. Nessa época, estava a realizar quadros que tinham, como elementos activos, objectos desligados de qualquer atmosfera e incluídos em relações novas.

Os pintores tinham já **destruído o tema**. Do mesmo modo que, nos filmes de vanguarda, se iria destruir o argumento descritivo.

Pensei que esse desprezado objecto poderia também, no cinema, adquirir um valor. Partindo desse princípio, trabalhei nesse filme. Peguei em objectos muito correntes que transpus para o écran, dando-lhes uma mobilidade e ritmo muito voluntários e medidos.

Todo o filme é construído sobre contrastes de objectos, passagens lentas e rápidas, repousos, intensidades. Utilizei o grande plano, que é a única invenção cinematográfica. O fragmento do objecto serviu-me também; ao isolarmo-lo, personalizámo-lo. Todo este trabalho levou-me a considerar o acontecimento objectivo como um valor novo e muito actual.

Os documentários, as actualidades, tudo isso está cheio desses factos objectivos, muito belos, há apenas que colhê-los e saber apresentá-los. Vivemos o aparecimento do objecto que se impõe nessas lojecas que ornam as ruas.

Um rebanho de carneiros em movimento filmado de cima e projectado no **écran** é como um mar desconhecido que perturba o espectador.

A objectividade é isso.

50 coxas de **girls** movendo-se com disciplina e projectadas em grande plano é belo, e é isso a **objectividade.**

O **Ballet Mécanique** custou-me à roda de 5000 francos e deu-me muito trabalho a montar. Há repetições de movimentos que levam muito tempo a regular. Era preciso vigiar atentamente a **minuterie,** por causa das repetições de imagens.

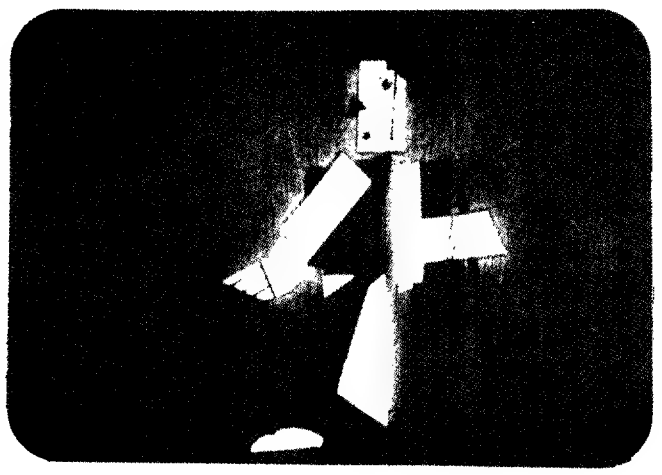
Por exemplo, em **La femme Qui Monte L'Escalier,** pretendi, em primeiro lugar, espantar o público, depois, lentamente, inquietá-lo e levar a aventura até ao exaspero. Para regular os tempos rodeei-me de operários e de pessoas do bairro e estudava neles o efeito produzido. Em oito dias sabia o que podia obter. Todas essas pessoas reagiam quase ao mesmo tempo.

La Femme á la Balançoire é o bilhete-postal em movimento. Para o material, também tive complicações. Muito difícil alugar chapéus de palha, pernas artificiais, sapatos. Os comerciantes tomavam-me por louco ou por brincalhão.

Reunira todo o meu material num armário. Uma manhã, apercebi-me de que me tinham «limpo» as caçarolas: tive de as reembolsar e, então, comprar outras.

Época viva de procuras, de acasos, que talvez esteja a terminar. Mas continua com o desenho animado, que não tem limites para a nossa fantasia e o nosso humor. É ele que, agora, tem a palavra.

(Extraído de «Funções da Pintura» de Fernand Léger, ed. Bertrand, trad. Tomás de Figueiredo.)



FATOS

- Todo o género de v

a PRESTAÇÕE

Últimas novidades - Confecção d

Visite e consulte

estabelecimentos

Ca

C. do Combro, 17·33 · L

...ND ...ER

...onstrucão

...io faz a coisa ...z o operário.

...de Moraes, o antigo

...inha, piqueniques familiares na ...omingos, flores carnudas (líricas ...e musicais, decorativas e tudo, ..., mulheres que são do desenho ...n volume, da escultura, lunetas, ...chapéus-de-chuva, uma lata de ...molho de chaves, a Mona Lisa. ...espaço abstracto e numa dança ... Um cântico inicial à civilização ...esta de inventar um mundo habi- ...(transformado) simples, próximo, ...e. ».

...a foi ver a exposição do Léger ...e observação: «os seus persona- ... alegria, mesmo durante o traba-

...pode desenvolver-se: ...ntiu na carne e no espírito a vi- ...nnos modernos, traduziu-lhes as ...mos na hora própria e sem aze- ... havendo já (ou entretanto) ... ptimismo mecânico, o campo- ...que era Fernand Léger e o mes- ...ntava os bailaricos populares da ..., homem de hábitos simples e ...ade, passa a cantar o homem ...áquina (que fica presente mas ...na elementaridade da visão es- ...lo de harmonia com o espaço ...a ele inventou. O trabalho não ...drama. A pintura é trabalho e ...m alegria. Os operários de Lé- ...m seu desdobramento psicoló- ...âneamente, a sua filosofia de ...uração, sua mensagem.

...o palhaços e acrobatas, mulhe- ... pássaros e operários — mas ..., sem cinismo, sem malícia fu- ...omo fontes legítimas de prazer. ...òpriamente de sentimentalismo. ...na aposta: **se o operário faz a ...z o operário.**

... Léger aponta para a transfor- ... aponta para um novo homem. ...se pudermos ser seus persona-

Victor Silva Tavares

...stuário - ...ES

...e 1ª qualidade

...ncela

...isboa

1881- 1955

UMA PINTURA RISCADA, LAVRADA, CARPINTEIRADA COM MÃO VIRIL E OLHAR LIMPO

Construção

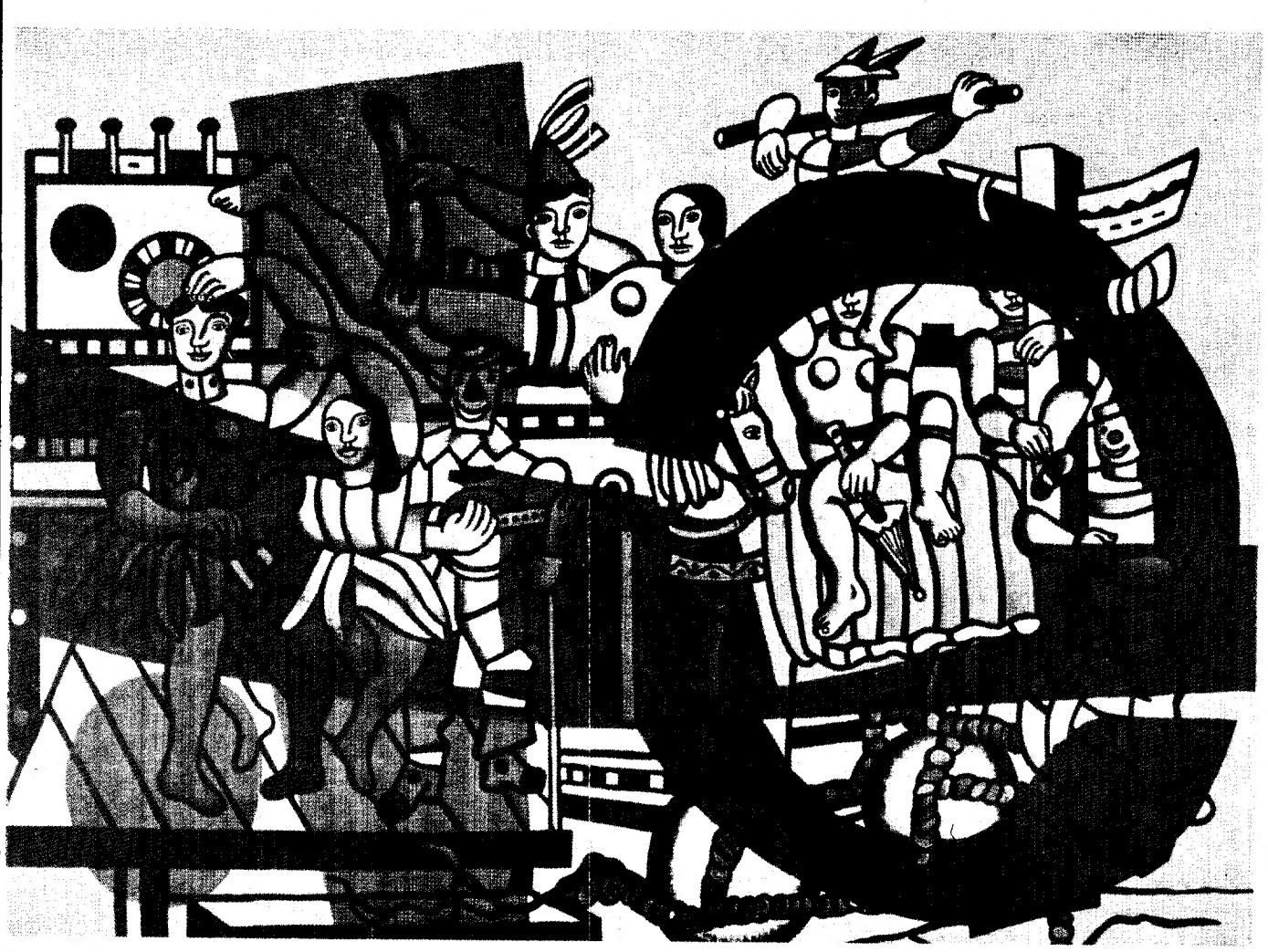
A cor, a cor e as cores...
Eis Léger que se agiganta como o sol da época terciária
E que endurece
E que fixa
A natureza morta
A crosta terrestre
O líquido
O brumoso
Tudo o que se tinta
A geometria nublada
O fio de prumo que se reabsorve
Ossificação.
Locomoção.
Tudo fervilha
O espírito logo se anima e por sua vez se veste como os animais e as plantas
Prodigiosamente
E aqui está
A pintura torna-se esta coisa enorme que bule
A roda
A vida
A máquina
A alma humana
Uma culatra de 75
O meu retrato

BLAISE CENDRARS
(«Du monde entier», Fev. 1919)

A OBRA EM SÍNTESE

Tradução e Adaptação de «Le Petit Journal des Grandes Expositions», dedicado a Fernand Léger

A infância de Fernand Léger, nascido a 14 de Fevereiro de 1881 em Argentam, decorreu entre os campos normandos. As alusões autobiográficas estão, em geral, ausentes das suas pinturas. No entanto, a lembrança de seu pai, criador de gado, não deixa de estar patente nas **Paysages animés** de 1921. O desaparecimento prematuro deste, deixa a educação de Fernand ao cuidado da mãe e de um tio. Chegado a Paris aos 17 anos, inicia a sua carreira como desenhador no gabinete de um arquitecto. Admitido na Escola das Artes Decorativas, é contudo recusado nas Belas-Artes, onde segue como aluno livre os cursos de Gérôme e de Ferrier. As suas primeiras obras datam de 1905.



Sofre então a influência dos impressionistas, de que se afastam ràpidamente. Destruirá a maior parte dos quadros executados nessa época («Léger antes de Léger», como ele próprio os qualificava), conservando apenas algumas telas pintadas durante uma estadia na Córsega e uns poucos desenhos.

CUBISMO (1910-1914)

A retrospectiva Cézanne, em 1907, marca-o profundamente. **«Cézanne ensinou-me o amor das formas e dos volumes e fez-me concentrar no desenho. Compreendi então que o desenho deveria ser rígido, e não sentimental.»** Por essa altura, Léger desenvolve as suas pesquisas paralelamente ao cubismo. **«Tinha uma obsessão: desarticular os corpos. Chamaram-me «tubista», não é verdade?»** Em 1910, D. H. Kahnweiler abre-lhe a sua galeria, onde já expunham Picasso e Braque, oferecendo-lhe depois, em 1913, o seu primeiro contrato. Próximo dos cubistas, Léger difere deles, no entanto, pelo cuidado da cor, preocupação que partilha com o seu amigo Delaunay. **«É uma necessidade natural como a água e o fogo, uma matéria-prima indispensável à vida.»** Desde essa época, passa a traduzir plàsticamente os aspectos do mundo moderno. A luta dos fumos impregna as suas paisagens urbanas, introduzindo a noção de contrastes, base da sua estética. A oposição entre os volumes e as superfícies lisas surge em 1913 e 1914 nas representações humanas, naturezas-mortas e paisagens - e igualmente em certas telas onde ele abandona toda a figuração e a que chama **contrastes** ou **variações de formas**.

A GUERRA DE 1914-1918

«Deixei Paris em pleno numa matéria abstracta, época

Continua na página seis

FERNAND LÉGER

A OBRA EM SÍNTESE

Continuação da página cinco

de libertação pictural; sem transição encontrei-me a nível com todo o povo francês.» Léger, mobilizado desde a declaração de guerra, observa os camaradas e o ambiente que os rodeia, realizando - facto excepcional na sua carreira - uma série de esboços tomados do vivo, de onde vão nascer em 1916 **O soldado com cachimbo** e, em 1917, **A partida de cartas. «O primeiro quadro onde, deliberadamente, coloquei o tema na época»**, dizia Léger desta tela, pintada durante a convalescença, depois de ter sido gaseado.

PERÍODO MECÂNICO (1918-1920)

«Fiquei deslumbrado com uma culatra de 75 aberta ao sol, magia da luz sobre o metal branco... Essa culatra de 75 aberta ao sol foi mais importante para a minha evolução plástica que todos os museus do mundo. Regressado da guerra, continuei a utilizar o que havia sentido na frente. Durante três anos, utilizei formas geométricas, período que será chamado de época «mecânica».

«Não devemos ser dominados pelo tema.Nunca me diverti a copiar uma máquina. Invento as imagens das máquinas como outros imaginam paisagens.»

Como o seu amigo Blaise Cendrars, que lhe consagrou o célebre poema «Construção», Léger «capta tudo na rua».

1920-1923

«Um pintor não deveria procurar reproduzir uma coisa bela mas fazer com que a sua pintura fosse uma coisa bela. Para mim, a figura humana, os corpos não têm mais importância que pregos ou bicicletas, não são mais que objectos de valor plástico que devo utilizar a meu gosto».

Em Léger, os rostos são inexpressivos. As figuras estáticas, compostas em formas arredondadas e elípticas de maneira escultural, destacam-se sobre um fundo arquitectónico em que as linhas verticais e horizontais não deixam de evocar as experiências contemporâneas de Mondrian e Van Doesburg. Paralelamente às cenas de interior e naturezas-mortas, Léger retoma, de 1920 a 1923, o tema dos rebocadores e pinta gares e viadutos.

É também a época em que ilustra **Lunes en papier,** de André Malraux, e realiza os cenários para os bailados suecos de Rolf de Maré (música de Darius Milhaud). O espectáculo na obra de Léger, dada a sua importância, mereceria por si só uma exposição.

PERÍODO CUBISTA (1924-1923)

Em 1924 Léger funda, com Ozentfant, um «atelier livre». Os seus ensinamentos tiveram grande ressonância e uma irradiação internacional que se prolongou até ao fim da sua carreira.

No mesmo ano, Fernand Léger realiza o primeiro filme sem argumento, **Le Ballet Mécanique,** com fotografias de Man Ray e de Dudley Murphy e música de Georges Antheil, filme de que ainda hoje os cinéfilos salientam o carácter inovador. **«Pensei que o objecto negligenciado, sem grande valorização, era susceptível de substituir o tema. Com tal ponto de partida, os mesmos objectos que me serviam na pintura transpu-los para o écran, dando-lhes uma mobilidade e um ritmo calculados de forma a que constituíssem um todo harmonioso.»**

Por ocasião da Exposição das Artes Decorativas, em 1925, a decoração do hall de entrada duma embaixada francesa foi confiada a Léger, pelo arquitecto Mallet-Stevens. Por outro lado, Le Corbusier — com o qual se havia ligado desde a criação do movimento **Esprit Nouveau,** em 1920 - expõe pinturas murais de Léger no seu pavilhão. **«As cores puras únicas e as formas geométricas únicas não suportam o quadro de cavalete. A abstracção exige grandes superfícies, paredes. Aí, pode organizar-se uma arquitectura e um ritmo.»**

Simultâneamente, a pintura de cavalete prossegue a sua evolução. Os **Elementos mecânicos** evocam traçados de arquitecto, intensifica-se a frontalidade e a imobilidade das figuras. Próximo das preocupações puristas de um Jeanneret e de um Ozenfant, com base nos mesmos motivos mas num estilo diferente, Léger pinta naturezas-mortas tomando por tema objectos simples isolados **(L'Accordéon,** 1926) ou em grupo **(Parapluie et melon; Le Pot et le Livre)** ou ainda oposições de rostos humanos e objectos.

OBJECTOS NO ESPAÇO (1928-1932)

Os elementos rígidos e estáticos animam-se. Dão por vezes a impressão de um bailado. **«Pintei objectos no espaço para estar seguro dos meus objectos. Sentia que não podia pôr um objecto sobre a mesa sem diminuir o seu valor como objecto... Dispus os meus objectos no espaço e fi-los depender entre si, ao mesmo tempo que os fazia irradiar para fora da tela»».**

Os mais heterogéneos objectos, formas geométricas e figuras humanas são não já associados mas opostos, tornando-se nota dominante da estética de Léger a aplicação de contrastes. Nada poderia contrastar mais com um molho de chaves, disposto pelo artista sobre a tela, que a Gioconda. A imagem de um postal representando a Mona Lisa está na origem da **Joconde aux** (1930). **«Depois, juntei tambem uma lata de sardinhas. Fazia um contraste de tal forma marcado... Realizei o quadro mais arriscado do ponto de vista dos objectos contrastados. Pois que para mim a Gioconda é um objecto como outro qualquer.»** Uma observação superficial conduziria a aproximações com as experiências elaboradas simultâneamente pelos seus amigos surrealistas. Se Léger aborda os mesmos temas, fá-lo num espírito profundamente diferente, em que o onirismo não intervém.

«La Joconde»

1930-1939

As personagens sempre inexpressivas mas mais flexíveis retomam o papel principal que ocupavam nas cenas de interior de 1921 a 1923 «décor» em que estavam dispostas desaparece e passam desde estão a recortar-se num espaço ideal. As grandes composições realizadas por Léger, que deixam notar a sua admiração pelos primitivos, não dependem entretanto da arte decorativa. **«A arte decorativa é duma só linha melódica. A arte maior tem sempre em contraponto dois temas em oposição.»**

Para a exposição de 1937 Léger recebe a encomenda duma importante composição destinada ao Palácio das Descobertas: **Le Transpot des forces,** hino à ciência. Simultâneamente, pinta numerosas paisagens. As árvores sempre foram, ao longo da sua vida, um dos motivos privilegiados. **«Eu sinto as árvores, têm uma força animal... e que diversidade de expressão!... Não consigo descansar desde que haja árvores à minha volta. Sinto-me extraordinàriamente tentado a pintá-las mas sei que sou derrotado antes de começar.» «Há nelas uma afinidade. As árvores têm qualquer coisa de comum com os animais.»**

Vacas, pássaros e borboletas surgem nas suas telas. Não se trata de uma representação realista, duma cópia servil. O que Léger deseja é «recriar». Os temas que aborda não são para ele mais que simples pretextos. **«A arte é subjectiva, já se sabe, mas duma subjectividade controlada e que se apoia numa matéria-prima «Objectiva». É a minha opinião absoluta. A obra plástica é o «estado de equívoco» desses dois valores, o real e o imaginário. Encontrar o equilíbrio entre os dois pólos, eis onde reside a dificuldade, mas cortar a dificuldade em duas e tomar apenas uma ou outra (fazer abstracto puro ou simples imitação) é verdadeiramente fácil de mais.»**

PERÍODO AMERICANO (1940-1945)

Em Setembro de 1940 Léger deixa a França e ruma aos Estados Unidos.

«A minha obra continua a desenvciver-se em total independência da minha situação geográfica. O que eu pinto aqui poderia ser feito em Paris ou em Londres. A obra de arte é o resultado de um estado interior e não deve ficar em dependência do pitoresco exterior. Talvez que o ritmo nova-iorquino ou a atmosfera climática me permitam trabalhar «mais depressa», eis tudo. Quando se vive num país estrangeiro, guardando-se embora o potencial próprio, é preciso adaptarmo-nos ao ritmo desse país e tirar partido dele.»

No porto de Marselha, onde embarcava para os E. U. A., o espectáculo dos mergulhadores tinha-o impressionado fortemente: **«Fui logo embalado pela trajectória dos seus corpos bronzeados ao sol e depois na água. Um espantoso movimento fluido. Esses mergulhadores vieram a desencadear tudo o mais, os acrobatas, os ciclistas, os músicos.»**

«Dissociei a cor do desenho. Libertei a cor da forma dispondo-a em largas zonas sem a obrigar a cindir-se aos contornos dos objectos; deste modo, ela guarda toda a sua força e o desenho também» - assim Léger definiu o novo processo inspirado pela luz dos projectores da Broadway, que doravante caracterizará a sua arte. **«Para exprimir o movimento tomei também por tema os ciclistas, os rapazes bem-parecidos, as belas raparigas, em camisolas vermelhas, amarelas, verdes.»**

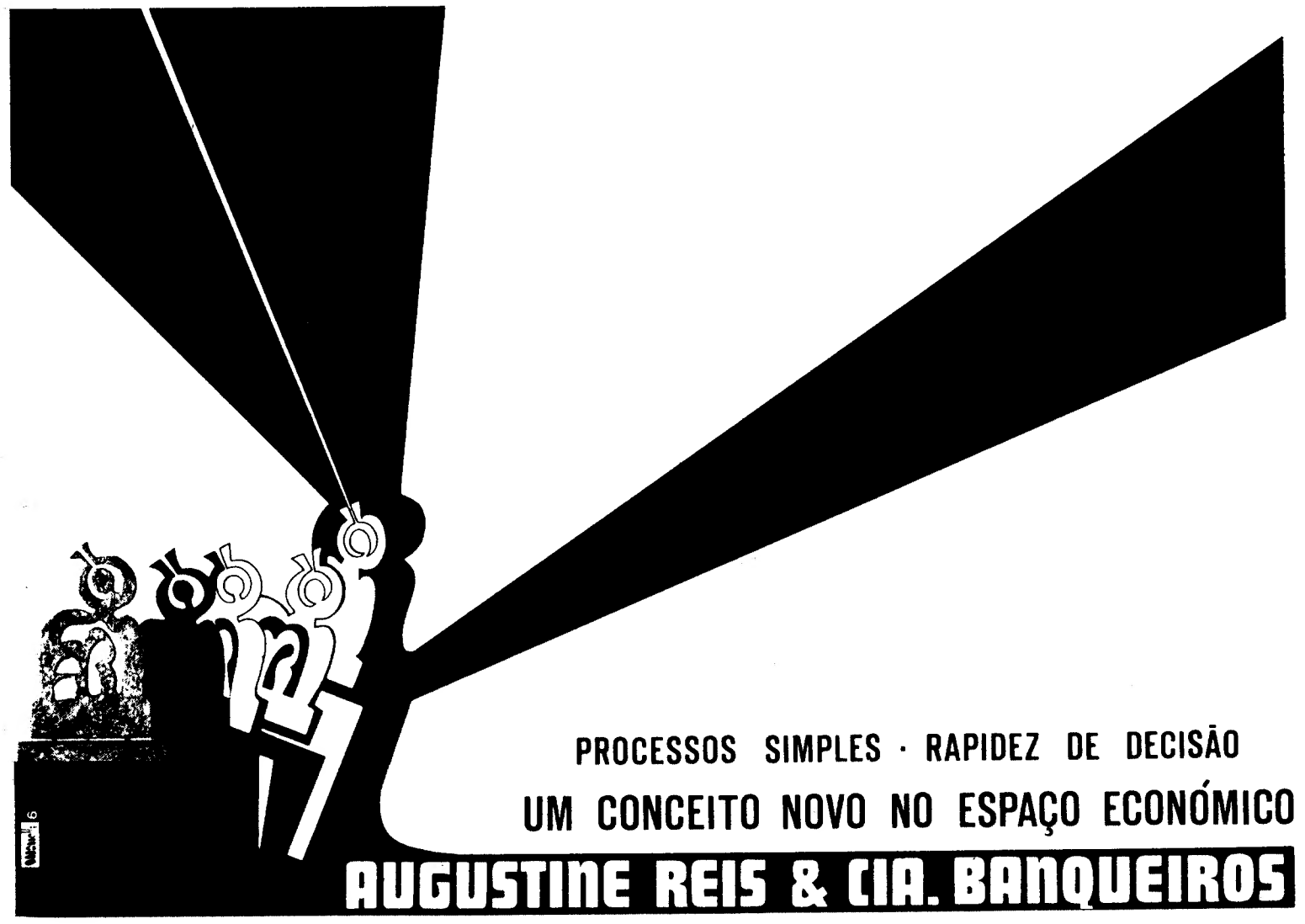
Familiar dos bairros populares da Rue de Lappe, Léger tinha descrito a sua atmosfera num artigo publicado em 1925 no **Bulletin de L'Effort Moderne** e representado então a orquestra num primeiro desenho. Retomará diversas vezes o assunto mas só em 1944 o transcreverá definitivamente numa grande tela: **Les frois musiciens.**

Na América, Léger pinta também paisagens **«inspiradas no contraste que apresenta uma máquina ao abandono, velha sucata e a vegetação que a devora.»**

1945-1955

Léger volta para França em Dezembro de 1945. Retoma o tema dos ciclistas: **Les quatre**

Continua na pág. sete



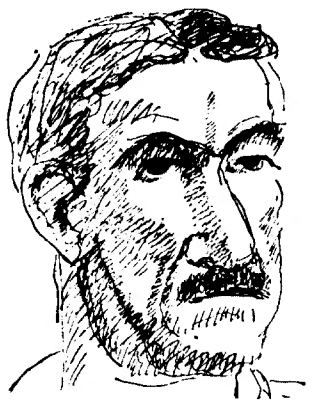
Continuação da pág. seis

cyclistes (1943-48), **Les loisirs** (1948-49). Com esta tela presta uma homenagem a Louis David, pintor clássico que admirava particularmente.

«Gostei de David porque ele é anti-impressionista... Sinto David sobretudo quando ele fez retratos, muito mais próximos de mim que Miguel Ângelo. Amo a secura que há na obra de David e na de Ingres também. Era a minha via e isso tocou-se imediatamente...». Notaria ele igualmente em David certas aspirações sociais que eram suas?

Na época do «realismo social», Léger partilha com ele os objectivos mas igualmente dele se afasta pelo seu estilo e pelos assuntos tratados. Já em 1938 escrevia: **«A obra de arte não deve participar na batalha, deve, ao contrário, constituir um repouso após as fadigas das lutas quotidianas».**

Os Construtores, de 1950-51, é um conjunto de obras, variações sobre um mesmo tema, que constituem uma homenagem aos trabalhadores. **«Foi indo todas as tardes a Chevreuse, de carro, que na estrada tive esta ideia. Havia, no campo, uma fábrica em construção. Via os homens balançar-se no alto sobre as vigas de ferro». «Se pude conseguir algo muito próximo de uma figuração realista foi porque era máximo o contraste violento entre os meus perso-**



nagens operários e a geometria metálica em que eles estavam situados».

Quando levou os seus «Construtores» às fábricas Renault, as telas suscitaram risos e sarcasmos aos operários. No entanto, refere Léger, um deles confiou-lhe: **«Você é o pintor, não é verdade? Você vai ver, os meus camaradas vão notar, quando levarem as telas, que terão à frente a parede nua e vão então perceber o que são as suas cores...».**

Com excepção da série **Os Construtores,** Léger não pinta os operários no trabalho mas nos seus momentos de recreio: **La Partie de compagne, Femmes tenant des fleurs, Le campeur.** Uma imagem de alegria e de simplicidade desprende-se desses homens e dessas mulheres que repousam à beira de água ou têm as suas bicicletas nas mãos e parecem posar em grupo face à objectiva do fotógrafo. Léger não refutava a denominação de «primitivo do século 20» que lhe tinha sido atribuída, mas preferia dizer: **«Eu sou o primitivo duma era que há-de vir».** Sonhava então com grandes composições murais cujos temas cujos de realizar com os alunos do seu atelier. A arte monumental continuava a ser uma das suas preocupações maiores. Executou vitrais (igreja de Audincourt, em 1951; igreja de Courfaivre, em 1953; universidade de Caracas, em 1954) e mosaicos (fachada de igreja de Assy, em 1949, maqueta para o Gaz de France em Alfortville).

A partir de 1949, em Biot (Alpes Marítimos), consagra-se à cerâmica com o seu antigo aluno Roland Brice. Via abrir-se, com esta técnica, largas possibilidades de arte escultural Rostos femininos de certas telas e os pássaros da sua última obra, **Composition aux deux oiseaux sur fond jeune** (1955) encontram-se nos relevos em cerâmica.

É em 1954 que Léger termina **A Grande Parada** - conjunto de obras em glória do circo, **«país dos círculos em acção»,** espectáculo colorido e intenso que sempre fascinou Léger. Em 1918 já ele pintara uma série de telas particularmente evocativas. Em 1950 realiza o texto e as ilustrações para **Le Cirque** (1). Palhaços, acrobatas e cavalos inspiram, pela mesma época, desenhos, guachos, pinturas. Mas acentua-se o tema central: **A Grande Parada, acrobatas e músicos,** pintura de 1945 sobre um tema em que Léger trabalhava quase há dez anos, associa os acrobatas da **Composition aux deux perroquets** aos músicos de **Trois Musiciens.** A composição geral de **A Grande Parada** (estado definitivo, 1954): **... Acontece-vos em pleno rosto, em pleno peito, é como um feitiço».**

Léger morre a 17 de Agosto de 1955 em Gif-sur-vette. O homem e a sua obra surge nas palavras do artista pronunciadas alguns meses antes da morte: **Nesta aventura, que nenhuma mãe poderia sonhar para o seu filho, ele terá realizado quadros, poemas, sinfonias, para os quais se construirá palácios, museus, bibliotecas. É com a liberdade e a verdade como companheiras de armas que essas obras puderam ser construídas, inteiramente com a observação das novas realidades que dominam a sua época, que ele viu e sentiu ùnicamente na sua solidão. Uma arte nova aparece, toma o seu lugar e junta-se às obras-primas das épocas precedentes e, coisa curiosa, vai notar-se mais tarde que esta arte nova não é tão revolucionária como isso, que ela se liga às tradições antigas, com as quais ele teve de lutar e libertar-se em plena solidão. É um drama em numerosos quadros».**

Um ano mais tarde, Pierre Reverdy escreveria: **«Havia certamente neste homem, cuja grande estatura evoca sobretudo o potencial, uma ternura bem guardada que se manifesta em muitas das suas obras discretamente distribuídas por diferentes períodos e que testemunham o longo e sensível olhar que ele, indo-se embora, pôde lançar sobre o mundo».**

---

(1) — Anteriormente, Léger pedira o texto para Le Cirque a Henry Miller, que o escreveu mas foi recusado pelo pintor. O episódio está contado pelo próprio Miller no posfácio da edição desse seu texto. **«O sorriso aos pés da escada»,** de que existe uma tradução portuguesa.

Uma estante diferente concebida "só" para si (?)

Projecte a V mesmo!
Dimensoes e modulos variaveis
Consulte nos

época

AV JOAO CRISOSTOMO 22 22 A
a 50 m. do Metrop "Saldanha"

Aplausos & assobios

Sobre a atribuição a Pablo Neruda do Prémio Nobel-71 da Literatura, lemos um excelente comentário de Vicente Jorge Silva (que no mesmo artigo já analisara, com invulgar penetração crítica, o significado do Nobel da Paz atribuído a Willy Brandt) no «Comércio do Funchal» de 7 de Novembro. Pedimos o favor de transcrever:

«Pablo Neruda é indiscutivelmente um dos maiores poetas do nosso tempo. Como escreve Saul Yurkievitch, com a maior justeza: **Neruda transmite-nos uma percepção caótica mas muito concreta, corporal, explosiva de «matéria cósmica» do terrestre visível, palpável, audível e comestível.** Entretanto, não deixa de ser significativo que a atribuição do Nobel a Neruda só se verifica agora, num momento em que a sua produção literária parece ter estagnado sobre as grandes criações do passado. O que confirma uma constante fundamental do critério que preside à atribuição destes prémios: abrangendo por princípio apenas autores «estabilizados» de obras já clássicas e de «dimensão cultural» reconhecida e sòlidamente implantada, entre «gregos» e «troianos», o Nobel visa a «institucionalização» do Escritor do qual não deverá esperar-se qualquer evolução que possa abalar o edifício consagrado e respeitável de uma «obra acabada»... Mas a atribuição do Nobel ao poeta chileno não estará inteiramente explicada: o «peso» político do personagem Neruda intervém aqui decisivamente — como de modo diverso, e sem menosprezo pelo interesse indiscutível da sua obra, foi o caso de Soljenitsyne. Como se sabe, além de ser um dos mais destacados elementos da direcção do partido comunista chileno (conhecido pela sua orientação marcadamente conservadora — entre os já muito conservadores P. C. da América Latina — e situado nitidamente à direita dos socialistas de Allende), Neruda é hoje embaixador do seu país em França — o que dele faz um personagem duplamente respeitável e «integrado» (Astúrias era também embaixador da Guatemala em França quando lhe foi concedido o Nobel). Um ano depois do caso Soljenitsyne — «personna non grata» do «establishment» soviético — o Nobel entregue a Neruda torna-se, assim, um factor de equilíbrio e uma afirmação de «coexistência pacífica». Pasternak foi equilibrado com Sholokhov, Soljenitsyne é-o agora com Neruda — provisòriamente pelo menos. E assim vai o Nobel fazendo a história da sua falsa inocência.»

PABLO NERUDA

APLAUSOS!

2. RENÉ HUYGHE E A ARTE MODERNA

René Huyghe, «prestigiosa figura de pensador e escritor», segundo Lima de Freitas, foi entrevistado pelo «Diário Popular» (suplemento «Quinta-feira à tarde» de 11 de Novembro). Certas intervenções do entrevistado, definidoras a muitos títulos do seu «pensamento», justificam transcrição:

1 — A SENSIBILIDADE EM EXCLUSIVO

«(...) Uma certa arte moderna, muito em voga nos últimos anos, deu-nos a ideia viva de que o artista queria traduzir o mundo das ideias e não exprimir o sentido humano. Quanto a mim, a arte não tem que passar pelas ideias e deve basear-se exclusivamente na sensibilidade do homem. (...)

2 — QUE É «GUERNICA»?

« — Que fez a grandeza de Picasso? Creio que não foi o cubismo. O cubismo, em Picasso, foi um desvio estético. O êxito de Picasso encontra-se na forma como o artista conseguiu exprimir a tensão do nosso tempo, na forma como pintou a discordância do homem com uma força violenta. No fundo, o que ele traduziu sempre e o que fez a sua grandeza, foi a luta entre o touro e o cavalo. Que é «Guernica»? A luta de um cavalo com um touro, quanto a mim sem nada a ver com a especulação política que se fez em volta da tela (...)»

GUERMICA (pormenor)

3 — CONDENAR 68

« — A arte moderna exprime-se pela negação e pela destruição — refiro-me a uma certa arte moderna, incapaz de entrar na História. Alguns artistas modernos dão-me a ideia de não saberem o que inventar para criar. Ora o homem que cria não procura — cria sem saber. Se o artista é um criador não procura. De resto, a próxima vaga da juventude vai reagir contra a angústia depressiva que se apoderou da última geração e foi tão visível na pintura. Vejo-o pelo meu filho e pelos jovens do seu convívio, que condenam inteiramente as atitudes e o comportamento da geração de 68. Os jovens de hoje procuram de novo o encontro humano.»

3. ASSOBIOS!

GOLPES DE MÃO E RESSENTIMENTOS

Sob o título «Um escritor em foco» publicou Júlio Conrado no n.º 1688 da revista **Vida Mundial** um comentário sobre um livro de Mário Braga. Além de falar do livro, refere-se igualmente Júlio Conrado aos «detractores» das mundanices do escritor. Fá-lo com este à vontade e nestes termos:

«Mário Braga: um homem em foco. Em foco, por motivos vários, alguns deles só de longe aparentados com a literatura. Braga vai à televisão, escreve novelas de nítido recorte «burguês» como «O Intruso», publica as «Obras» na Parceria, preside às sessões de lançamento dos seus livros, participa em «mostras» da canção como «expert» letrista. Todas estas incursões de sabor mundano nos circuitos comerciais do livro (ou para lá tendendo) exasperam detractores, sempre alerta para o golpe de mão, e amigos ou ex-amigos, que não vêem como de bom augúrio este piscar de olho desenvolto às macias ratoeiras da sociedade de consumo. E, embora o golpe de mão tenha apenas efeitos locais e secundários, circunstancialmente ele vale o que vale a época que o consente. Ele espelha hoje, de certo modo, um ressentimento amordaçado que, só agora, na demissão ou na morte de uns tantos, achou energias para se manifestar com ruído.»

Mário Braga encontrou portanto um condigno defensor contra os que, movidos por um **ressentimento amordaçado,** se deram agora em acusá-lo. Os ressentidos agradecem e esperam que, para o deixarem de ser, Júlio Conrado lhes ofereça uma oportunidade para irem beber chá à R.T.P. ou escrever umas letrinhas para cançonetas.

Por isso o seu texto merece os nossos

APLAUSOS (?)

MÁRIO BRAGA

Artes Visuais

por ROCHA DE SOUSA

"KNOCK-OUT" PARA UMA DISCUSSÃO?

A uma reunião de sócios e artistas, convocada pela Sociedade Nacional de Belas-Artes com o objectivo de se conhecer a vontade do meio artístico quanto ao processo de constituição das representações portuguesas no estrangeiro, estiveram apenas presentes cerca de dez pessoas - revelação inquietante, não apenas da falta de poder congregativo da S.N.B.A., mas também (e sobretudo) da inconsciência e da falta de interesse de todos aqueles a quem o problema diz directamente respeito e que não hesitarão, perante decisões menos correctas e já irremediáveis, em tecer as mais desencontradas acusações a tudo e a todos, ou mesmo em tirar partido da indefinição reinante.

UMA DECISÃO URGENTE

A reunião convocada pela Sociedade Nacional de Belas-Artes, embora inscrita num trabalho de relação com a massa associativa que tem sido intensificado nos últimos meses, decorreu sobretudo da forma que assumiu a participação daquele organismo na Comissão que este ano planificou a representação portuguesa à Bienal de S. Paulo.

«De acordo con o exposto nos Boletins Informativos dirigidos aos sócios» - lê-se no texto da convocação - «a Sociedade Nacional de Belas-Artes participou na organização da representação portuguesa à Bienal de S. Paulo de 1971, mas notificou as entidades que a convidaram para esse efeito que tal decisão não significava o sancionamento do processo praticado, antes e apenas representava uma forma de restabelecer uma base de diálogo afim de que o problema daquelas representações pudesse ser ponderado (em princípio pelos organismos agora implicados: Fundação Gulbenkian, Secção Portuguesa da A.I.C.A., S.E.I.T. e S.N.B.A.), em novas bases e de acordo com disposições suficientemente elásticas capazes de permitirem constantes ajustamentos. A Direcção da Sociedade fez também notar aos organismos já referidos que a sua futura participação em comissões daquele tipo, ou em reuniões destinadas a rever o processo, seria informada pelos resultados de um encontro que, para o efeito, iria estabelecer com os sócios e artistas».

Da convocação constava também um pequeno inquérito, dirigido sobretudo a todos os que não pudessem comparecer à reunião, pelo qual a Sociedade pretendia avaliar em termos gerais a opinião dos sócios e computar estatìsticamente o valor das opções. A um sócio, pelo menos, esta acção pareceu carecida de urgência e portanto de qualquer justificação no momento. Os ausentes, entre os quais se contam muitos artistas que já se interrogaram no seu círculo de relações sobre este problema capital, não puderam, como seu inexplicável e súbito desinteresse, fazer prevalecer os seus pontos de vista. Quanto à urgência, e tanto quanto sabemos, a S.N.B.A. não pode deixar de atribuir a maior prioridade ao assunto, mesmo que tenha, por algumas horas ou dias, de passar por cima dos seus problemas imediatos, os quais tenta neste momento resolver através de um estudo demorado e de difícil articulação. É que, apesar do silêncio dos artistas quando a sua voz é mais precisa, a verdade manda dizer-se que o problema das representações portuguesas no estrangeiro impõe uma solução que é urgente de há pelos menos dez anos a esta parte. Durante esse tempo, pese embora a todos os que sabem como aproveitar individualmente as oportunidades, os artistas portugueses, ou um número expressivo desses artistas, têm sido forçados a renúncias dolorosas, no respeito por posições éticas que satisfazem a sua consciência mas que resultam ineficazes, quer no plano interno, quer no plano externo. Na verdade, tal como foi acentuado na reunião da S.N.B.A., as renúncias e as contestações de artistas americanos, ingleses ou franceses ás bienais internacionais, depois da projecção já adquirida pelos seus respectivos países, alcançam grande ressonância e audiência junto dos organismos responsáveis. Em geral, tais artistas conseguem igualmente mais proveito da própria recusa do que da participação nas bienais, quando elas são envolvidas por uma contestação generalizada. Em Portugal as coisas passam-se de outro modo, não só porque internamente não existe uma defesa profunda e uma coordenação das manifestações artísticas, como também porque o país nem sequer chegou a marcar qualquer posição de destaque nas exposições internacionais antes de elas terem sido postas em causa.

E provável que a S.N.B.A. consiga reatar o processo já referido ou que possa obter um número significativo de respostas ao inquérito que acompanhou a convocação para a reunião de há dias. Seja como for, os primeiros resultados, verdadeiramente desconfortantes, revelam um comportamento singular da parte de pessoas que nos últimos tempos acusavam aquele organismo de não tomar a defesa dos «interesses dos artistas». Em certa medida, um sócio presente à reunião colocou o dedo na ferida, relacionando a rarefacção da assembleia com o desprestígio em que a Sociedade parece incorrer. Embora o conceito de prestígio seja uma coisa muito relativa (porque a Mobil ou a GN não tinham prestígio no sector artístico quando conseguiram congregar artistas válidos em salões de sua iniciativa), o problema tem de ser encarado na sua verdadeira perspectiva. Mas o prestígio perdido (que à S.N.B.A. importa recuperar) não foi apenas a Sociedade que o desbaratou e comprometeu: os próprios artistas o perderam, no sentido em que por vezes o colocam. Enquanto uma situação de combate, de luta por posições novas, se travava na S.N.B.A., há já largos anos, os artistas encarniçavam-se em torno de um baluarte que lhes cabia por direito, sobretudo no plano de uma modernidade já assumida ou em vias de afirmação. Hoje, deixando-se dividir por interesses localizados, pela diversificação das solicitações de mercado e do grande número das galerias, sabendo conquistada na Sociedade uma posição que reservam para quando calhar de melhor feição, os artistas preferem não subtrair nenhum tempo às suas ocupações principais nem à comodidade de uma noite cumprida ordeiramente em casa. E uma crise de comportamento, para não dizer de consciência. Adoçadas as dificuldades, multiplicados os locais de exposição, abertas novas ocupações profissionais, o rítmo do quotidiano impõe uma marca diferente nos hábitos, aburguesando-os num círculo de indiferença que só se desfaz perante responsabilidades menores. De facto, é mais fácil queimar duas horas numa discussão frívola sobre as anedotas recentes do meio artístico (mão na anca, voz desprendida e decisiva) do que comprometer duas horas na S.N.B.A. debatendo, em honra do interesse geral ou de uma classe que persiste em desagregar-se, os problemas relativos às representações portuguesas no estrangeiro. Não se trata portanto (ou apenas) de uma questão de desprestígio da S.N.B.A., mas de uma incapacidade para distinguir situações e para superar a inércia. Só os trovões precipitam a invocação de Santa Bárbara em geral quando a fafsca já queimou quase tudo o que havia para salvar. A S.N.B.A., tal como hoje existe, em equilíbrio económico pouco brilhante, não é apenas o produto de direcções caprichosas ou improdutivas: é o espelho de um novo tipo de comportamento por parte de todos aqueles que a ela se acham ligados e até de todos os que se mantêm cìnicamente de fora. O sucesso dos salões da GM e da Mobil, o mundanismo que envolve essas realizações, o brilho comercial de certas galerias, tudo isso não se deve apenas à eficácia dos regulamentos e das relações públicas: deve-se também (e sobretudo, insistimos) a um novo tipo de comportamento, à sedução dos interesses imediatos - é o espelho das nossas próprias opções.

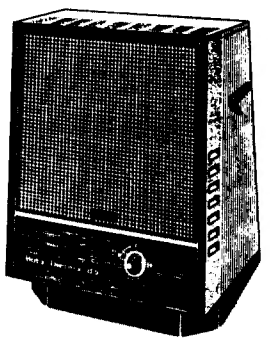
S.N.B.A. — prestígio perdido?

UMA DECISÃO ADIADA

A verdade é que o problema posto pela S.N.B.A. aos sócios e artistas teve de ser de certo modo congelado. Ou melhor: a sua solução possível, numa altura em que talvez estivessem criadas as condições para o enfrentar condignamente, teve de ser adiada. Resta a esperança de que as respostas ao inquérito se avolumem preguiçosamente e contenham matéria de reflexão. As pessoas, por outro lado, parecem já não ser sensíveis senão a uma comunicação da massa e mesmo por essa via, a congregação dos artistas para uma discussão do tipo daquela que se promovia na S.N.B.A., talvez só fosse possível através de seduções demagógicas ou de escândalos improvisados. De outra forma, o desinteresse encontra sempre desculpas aparentemente muito éticas e a urgência das soluções é sempre negada. Claro que a S.N.B.A. pode arrumar pura e simplesmente este dossier incómodo (que pelos vistos não lhe dá qualquer prestígio) e decidir procurar honras e atenções por processos mais eficazes. E tudo uma questão de critério, que não de prestígio. Também pensamos que a S.N.B.A. tem de recorrer urgentemente a outros meios de afirmação, descobrindo apoio económico, fomentando um vasto conjunto de actividades, insistindo na informação e na formação. Mas isso não invalida o seu empenho em tomar uma posição séria, democràticamente apoiada pela massa associativa, em relação a problemas como quele que estava em debate. Idêntico compromisso assumiu em relação à Bienal de Paris deste ano, em que Portugal paradoxalmente não participou, embora se tenha feito representar em anos talvez menos próprios. As pessoas interrogam-se sobre as razões desse facto, alguns artistas resmungam dèbilmente, mas a verdade é que essa situação continua a ser de decisões aleatórias que são tomadas sem o contributo dos organismos responsáveis e sem a auscultação da vontade dos artistas. Pois bem: adiamos mais uma vez o estudo desse problema. Pela nossa comodidade, pelo nosso individualismo, pelo nosso falso desinteresse, tudo se pode adiar. Perdendo o «contrôle» dos acontecimentos que geram perdendo o sentido de participação e de responsabilidade, os artistas criam as condições para o adiamento das soluções que se referem ao seu estatuto de classe e ao seu papel social.

BUTA-THERM'X
O CALOR QUE MAIS AQUECE

com os CALORÍFEROS FRANCESES a gás



BUTA-THERM'X
SEM LUME, SEM CHAMA, SEM FUMO, SEM CHEIRO, SEM PERIGO PORQUE NÃO EXALAM ÓXIDO DE CARBONO NÃO SECAM O AR.

DAMOS 2 ANOS DE GARANTIA

BUTA-THERM'X
(COM PLATINA NO PAINEL)
UMA MARAVILHA DA TÉCNICA MODERNA
À VENDA EM TODAS AS CASAS DA ESPECIALIDADE
Representantes:
ESTABELECIMENTOS M. SIMÕES JR., S.A.R.L.
SECÇÃO ELECTRODOMÉSTICA
R. Douradores, 43 - Telef. 361545 - LISBOA